

Adolescência



KALIMEROS

Adolescência: o despertar

Kalimeros

Escola Brasileira de Psicanálise

Rio de Janeiro

Apresentação
Sonia Alberti

Copyright © 1996, Kalimeros

Organização Geral
Heloisa Caldas Ribeiro e Vera Pollo

Conselho Editorial
Maria Anita Carneiro Ribeiro, Sonia Alberti e Nelisa Guimarães

Comissão de Publicação
*Consuelo Almeida, Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa,
Rosa Guedes Lopes e Vera Avellar Ribeiro*

Capa
Jorge Marinho

Ilustração
Paula Delecave

Produção Editorial
Casa da Palavra

Copidesque e Composição
Flávia Cunha

Adolescência: o despertar / Kalimeros – Escola Brasileira de Psicanálise
- Rio de Janeiro. Heloisa Caldas Ribeiro e Vera Pollo (Orgs.) —
Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.
188 p.; 14 x 21cm

ISBN 85-86011-03-7

1. Psicanálise. 2. Psicanálise da adolescência. I. Caldas Ribeiro,
Heloisa, org. II. Pollo, Vera, org. III. Kalimeros. Escola Brasileira
de Psicanálise. IV. Título.

CDD 150.195
CDU 159.964.2

1996

Todos os direitos desta edição reservados à
Contra Capa Livraria Ltda.
Rua Barata Ribeiro, 370 - Loja 208
22040-000 - Rio de Janeiro - RJ
Tel (55 21) 236-1999
Fax (55 21) 256-0526

SUMÁRIO

Apresentação 01

Sonia Alberti

Estrutura e Romance Familiar na Adolescência 07

Serge Cottet

O Adolescente Freudiano 21

Hugo Freda

Nunca Houve História Mais Bela 31

Maria Anita Carneiro Ribeiro

O Declínio da Adolescência 43

Stella Jimenez

Grafito: o Nome do Nome do Nome 49

Heloisa Caldas Ribeiro

O Beijo 57

Ondina Maria Rodrigues Machado

Adolescência: quê despertar? 69

Maria do Rosário C. do Rêgo Barros

Afinidades entre Adolescência e Semblante 81

Mirta Zbrun

Ciúme e Repartição do Gozo 87

Nelisa Guimarães

Adoleiscente: contra a ordem e o progresso? 95

Carlos Eduardo Leal

Existe uma Adolescência Feminina? 103

Vera Pollo

Em Nome do Pai — adolescência e morte 113

Eliane Schermann

Casos Clínicos

George, a Menina-moça que

Queria Ter um Pênis: releitura de um caso clínico 123 -

Sonia Alberti e Ana Paula Rangel Rocha

A rosa — e o retorno do não dito 135

Elizabeth da Rocha Miranda

O Que é Ser um Homem? 141 -

Maria Luisa Duret

Deixar Cair — Deixar Cortar 147

Consuelo Pereira de Almeida

Adolescentes e Tristeza 151

Monica Damasceno

De Garoto Estranho a Homem Monstro 157

Silvia M. Freitas Targa

O Monstro Nervoso 161

Maria Helena Martinho

Adolescência Tem Fim? 169

Glória Justo S. Martins

“Eu Não Vou Ler”: uma adolescente débil? 175

Andréa Vilanova

APRESENTAÇÃO

Enfocar a adolescência como despertar do sujeito aos encontros e desencontros é também não mais supô-la e imaginá-la uma aurora bucólica da vida. Melhor tentar levantar esse véu romântico que, como diz Serge Cottet em seu texto, esconde o fato do sujeito ser, desde sempre, causado pelo objeto perdido e, portanto, passível de reduzir-se à própria perda. O texto de Stella Jimenez, entre outros, ao analisar o livro de Maria Mariana e a peça de Wedekind, retoma bem essa questão. Desperta-se para o mal-estar, para a peste como dizia Freud, para a discordância entre o sujeito que surge como produto dividido do recalçamento — posterior ao momento que Freud chamava de latência — e o mundo das pulsões. Primeira vez em que a dicotomia se faz tão presente, a adolescência não permite mais o recurso, utilizado pela criança, de lançar mão do Outro parental para fazer frente a este desencontro entre o sujeito dividido e a pulsão. O Outro parental, que neste momento já está estruturado a partir da função paterna, é sempre falho nas respostas. Como o formula o texto *O adolescente freudiano* em suas quatro teses elaboradas a partir do texto de Freud *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*. Deparar-se com essa falha é a mais difícil das tarefas da adolescência porque exige uma referência explícita à castração.

O sujeito dividido é submetido à castração, ao impossível de inserir no campo da linguagem, e ele se encontra, ou melhor, se desencontra com a posituação do que está fora desse campo. De forma que há algo impossível a suportar para o sujeito e este impossível designa, *latu sensu*, “o afeto do real, impossível a evitar e intolerável. Seu campo é o do sofrimento, no qual Freud distinguia três fontes: o corpo, o mundo exterior, as relações com os outros”¹.

É justamente do desencontro e desse campo do sofrimento que as experiências clínicas do psicanalista e daquele que se forma para sê-lo mais têm a dizer no que tange a adolescência. Se alguém soube dizer alguma coisa a respeito disso antes de um psicanalista, certamente tratava-se de um poeta. Como no caso de Shakespeare, em *Romeu e Julieta*, drama trabalhado no texto *Nunca houve história mais bela*, no qual “nem no ato final” os dois “se encontraram, ele bebendo o veneno, que não era dela, e ela, bainha do punhal, que não era ele”. É do desencontro que também nos fala *O beijo*, através da citação de algumas observações de adolescentes sobre esse momento absolutamente único do primeiro beijo. Por exemplo, a fala de Mariana, 11 anos: “A cara dele é cheia de espinhas... vai tudo passar para mim!”, exclamação na qual se verifica, claramente, que estamos longe do romantismo quando se trata do (des)encontro com o sexo.

Freud localizou na função paterna a possibilidade do sujeito estruturar-se de forma a ter algum recurso para lidar com esse impossível a evitar. É ela que inscreve o sujeito na Lei do Desejo que, na adolescência, é sempre testada. Assim, a tentativa é muitas vezes de inscrever, com um único traço, *Grafito: o Nome do Nome do Nome* — como analisa o texto de Heloisa Caldas Ribeiro —, uma marca que singularize a ex-sistência de cada um, na tentativa de “se responsabilizar pela sua ‘posição de sujeito’”, questão da qual trata o texto *Adolescência: quê despertar?*

Mas o sofrimento, em seu tripé, o corpo, o mundo exterior e a relação com os outros, não tem maior expressão do que neste período da vida no qual justamente o corpo transforma-se, colocando em questão o imaginário do sujeito, as exigências do Outro diversificam-se, obrigando a um posicionamento no mundo, e desfaz-se a ligação com os pais da infância, com os modelos identificatórios, exigindo novas relações com os outros. Que lugar então para esse sujeito adolescente?

Mirta Zbrun verifica que justamente não há lugar permanente para ele, chegando a sugerir a existência de um verdadeiro adolescente do

lado do objeto, para quem “adolescência e ser são dois semblantes solidários”, o “que consiste em produzir uma aparência sem substância”. Só que nem sempre é assim, como nos mostra o texto *Ciúme e repartição do gozo*, exemplo claro de negação da impossibilidade, “de não sustentação da falta-a-ser na demanda de ser-para-o-outro”, onde o sujeito está muito mais perdido nas suas relações narcísicas de amor e ódio do que assumido como inconsistente do lado do objeto.

No compasso de duas gerações, a nossa e a de nossos filhos, há diferenças, como cita Carlos Eduardo Leal a partir de Hegel: o homem é filho de seu tempo. E isso também faz dele um ser político, diante do que é forçosa uma posição frente à Lei. “A rebeldia adolescente (...) seria uma forma de se engajar contra a ‘Ordem e Progresso?’”

Tantas questões sistematizadas finalmente nos dois trabalhos teórico-clínicos de Vera Pollo e Eliane Schermann, abrindo a série de relatos clínicos que testemunham a razão mesma de nossas *Jornadas*.

Vera Pollo aborda o caso de Glória — uma moça de 18 anos — que depara-se com o impossível de dizer do real do sexo e do real da morte. Eliane Schermann estuda o caso de Abram — um rapaz de 15 anos — impossibilitado de sustentar-se “como desejante frente ao pai descrito como imagem de todo-poder”. Há uma diferença entre a adolescência da moça e a do rapaz. A dificuldade de posicionar-se nessa diferença, já dizia Freud, traz inúmeras vicissitudes clínicas. Assim é o caso de *George, a menina-moça que queria ter um pênis* para fazer frente à fantasia de invasão, releitura de um caso do *International Journal of Psychoanalysis*.

O caso de Rosa não é o único de uma tentativa de suicídio e mostra como “o não dito retorna em forma de ato, que comporta uma verdade que não se sabe”, escreve Elizabeth da Rocha Miranda. Ambas as moças — *George* e *Rosa* — têm dificuldade de barrar o gozo do Outro e ambas apresentam a questão: o que sou no desejo do Outro?

Pergunta que Paulo formula assim: *O que é ser um homem?* para minha mãe, tentando “responder com a homossexualidade, razão pela qual sua mãe vem procurar tratamento para ele”. Por não poder formular a pergunta sobre o desejo do Outro, C. faz a tentativa de suicídio, que só poderá ser avaliada como bem diferente daquela de Rosa a partir de uma referência estrutural fundamental ao analista na direção do tratamento. “Tal como Robert, o menino-lobo, que tenta cortar seu pênis — referência que Consuelo Pereira de Almeida faz a um caso de Rosine e Robert Lefort —, C. vem inscrever no real de seu corpo aquilo que, a meu ver, não está inscrito no simbólico”, o que atesta a forclusão do Nome-do-Pai da psicose.

Além da ausência de perguntas que apontam para a certeza psicótica assinalada por Lacan desde 1955, além das perguntas do sujeito neurótico pelo desejo do Outro, respondidas de maneiras as mais variadas conforme a particularidade de cada sujeito, há também a ausência de respostas, a inércia em não procurá-las, como nos mostra o texto *Adolescentes e a tristeza*. “Um tom nostálgico se abate muitas vezes sobre os adolescentes, em relação a um tempo que imaginariam como melhor, a infância” e que pode ser interpretado como “uma certa ‘retirada estratégica’, por vezes necessária até poder ser criada uma saída como sujeito desejante”. Cada sujeito é chamado a criar a sua saída, mesmo se para uns o trauma a ser elaborado de alguma forma é mais visível do que para outros.

O que é da ordem do trauma está fora do campo da linguagem causando então esse sofrimento que advém do corpo, do mundo externo e da relação com os outros, ou seja, das referências identificatórias, tanto com o pequeno outro, quanto com o grande Outro, à medida que estas referências sempre apontam para uma mortificação. Necessários remanejamentos da *gestalt* do corpo, que agora pode exercer-se como sexuado, são sempre difíceis. *De garoto estranho a homem monstro* e *O monstro nervoso* relatam dois casos em que essa *gestalt* é monstruosa, cada um a seu modo. No primeiro, há a tentativa desesperada de um rapaz

para elaborar o fato de que, por causa de uma má-formação, fora operado aos seis meses e, por erro médico, perdeu um testículo. No segundo, o monstro, à medida que está referido à mãe, encobre o sujeito posicionado na partilha dos sexos. É somente com a análise que consegue operar alguma separação da mãe e, pela primeira vez, pode falar sobre sexo. Assim também Andréa Vilanova verifica, num caso de uma adolescente estigmatizada como débil, que só quando pode separar-se desse estigma é que surge um sujeito, agora histérico, a assistir, da fresta de sua janela, os 'amassos' dos namoros das primas.

Adolescência tem fim? é finalmente um caso de um sujeito cuja aparência monstruosa —“cabelos longos, lisos e oleosos caem sobre o seu rosto. Talvez, para esconder sua pele clara e marcada por acne e espinhas (...). Quanto ao aparelho fixo nos dentes, me diz que não pode disfarçá-lo quando beija” — põe a nu a peste em jogo no momento em que por todos os poros grita algo de inumano, como já dizia Törless no texto de Robert Musil.

Nada de humanismo ao abordarmos psicanaliticamente o adolescente, pois ele sabe, em algum lugar, que para além do pai há a falta, a pulsão, o gozo e o sintoma. Antes, trilhar com ele os caminhos da Lei na qual procura o desejo, não para finalmente anulá-la, mas para testemunhar com esse jovem sujeito a descoberta de que ela também é falha e que ele tem de 'se virar' com isso.

Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1996.

Sonia Alberti

¹ SOLER, Colette. Impossible à supporter. In: *Les feuillets du Courtil*. n° 6. fev. 1993, p. 9.

ESTRUTURA E ROMANCE FAMILIAR NA ADOLESCÊNCIA

Serge Cottet

A.M.E. da École de la Cause Freudienne. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise. Doutorado do Campo Freudiano e Doutor de Estado.

Existe uma noção especificamente psicanalítica da adolescência fora dos critérios de faixa etária e de desenvolvimento? Qual é o valor dessa categoria para o campo freudiano? Sabendo-se que este, evidentemente, não é um problema próprio da adolescência.

Para começar, o que é a criança freudiana?

Não se pode defini-la a partir de uma maturação biológica ou de critérios de afetividade. Tudo o que Freud pôde dizer dela não é o produto da observação, o que já é um paradoxo em relação aos critérios puramente psicológicos. É a partir dos sonhos do adulto ou de suas lembranças, em todo caso de sua palavra, que Freud nos transmitiu o que constitui a sexualidade infantil. E para a psicanálise é um problema balizar especificamente seu campo em relação à psicologia da criança, em particular àquela que se funda numa perspectiva desenvolvimentista, como a corrente piagetiana. Os especialistas, na história da psicanálise da criança, não puderam evitar apreender o sujeito a partir dos estágios e, portanto, historicizar o complexo de Édipo, evocando períodos que se situam antes ou depois. Melanie Klein fez retrocederem os limites com o que ela chama de supereu precoce: já não é mais entre os três e cinco anos, mas aos seis meses e, por que não, durante o próprio período da gravidez.

Na outra vertente, a partir de 1931, Freud se dá conta de que a menina não sai jamais do complexo de Édipo, que existe algo como um limite assintótico que torna problemático o fim do Édipo na menina e indefinida a relação da mulher com a castração. Considera que o complexo de Édipo na menina é antes defensivo, meio que ela acha de escapar da colagem com a mãe. Ele pode, então, durar um certo tempo. Daí o esforço de Lacan, levando em conta a necessidade de arrancar a criança e o adolescente de uma abordagem evolucionista ou de estágios, para introduzir critérios unicamente estruturais e desprender-se do que, em *A ciência e a verdade*¹, ele chama a ilusão arcaica.

É preciso tomar cuidado para não cair nessa ilusão do arcaico e do desenvolvimento, e fazer valer de fato os critérios estruturais. Sem dúvida, o próprio Freud fez esse esforço ao descrever a criança a partir de seu gozo, ou tomando como critério do infantil não um estágio, mas um modo de gozo conhecido pela célebre denominação de perverso polimorfo. Mas ele se dá conta que isso também pode durar um longo tempo. O autor a que Lacan se refere para denunciar justamente essa ilusão arcaica, Lévi-Strauss, faz valer uma outra dimensão, referindo-se a outros teóricos da criança. É assim que Lacan introduz um critério temporal mas não desenvolvimentista, definindo a criança como aquele que tem necessidade de esperar a sua vez. Aliás, freqüentemente tratamos de infantil a atitude de uma pessoa que bate o pé e não espera a sua vez.

O adolescente psicanalítico?

Fariamos um belo esforço de metodologia, caso quiséssemos construir analiticamente a categoria de adolescente. Também aqui somos enganados pelo desenvolvimento e pelas faixas etárias, esquecendo talvez um tipo de enunciado freqüente do adulto em análise, em particular, a queixa recorrente do sujeito de continuar sendo um adolescente, assim como a fascinação que exerce sobre ele, no lugar do romance familiar de Freud, o romance de sua adolescência.

Não seria razoável tomar o lugar do analisante que pensa esse romance dentro das categorias do atraso histórico; essa permanência deve, ela também, ser pensada como um traço de estrutura do desejo. Freud, que não distinguia senão a criança e o adulto, não se perde demasiadamente nos emaranhados do imaginário romanesco e faz vigorar o único critério válido a seus olhos, critério real que é o momento da puberdade.

As tormentas da puberdade •

Resta, então, fazer uma articulação entre o momento que é evidentemente impulsionado do real etiológico e, de outro lado, a construção romanesca que dele parece advir. Construção romanesca relativamente recente, já que os historiadores da infância sublinham que é essencialmente no final do século XVIII e na esteira da Revolução Francesa que o interesse se volta para a criança e para o adolescente como distintos do adulto. Particularmente no *Emílio*, no qual Rousseau, no capítulo IX, o qualifica, de uma maneira moderna, de momento crítico. Momento crítico que requer certas medidas pedagógicas para que esta passagem possa se realizar suavemente.

Mas é sobretudo o século XIX que consagrará a puberdade e a adolescência como fases críticas, insistindo nos métodos educativos coercitivos, e mesmo policialescos, para que, contrariamente a Rousseau, essa passagem se efetue o mais rapidamente possível, e sem fazer estragos. É a época em que se considera o jovem perigoso, violento: 'a juventude tem que passar', da mesma maneira que se quer ver uma tormenta acabar rapidamente.

Freud herda essa clínica espontânea das tormentas da puberdade. Nós não podemos proceder como os sociólogos, penso em Ariès² ou em Foucault³, que vêem necessariamente nesse recorte, nessa representação da criança ou do adolescente, uma ideologia. Ou seja, que a criança e

o adolescente são produtos de um discurso, o que se verifica no século XIX com a importância dos romances de educação. De fato, não podemos nos deter nesse relativismo sociológico ou discursivo, se levamos em conta a ênfase que Freud põe sobre o real do sexo, precisamente nessa encruzilhada da evolução.

É observável que a adolescência está no centro das tarefas educativas e de adestramento no século XIX. Concede-se uma grande atenção à homossexualidade dos adolescentes, à masturbação, que são as idéias fixas de médicos. O tema desgastado da revolta do adolescente, grande clichê da literatura do século XIX e da doxa reinante, é considerado por Freud como produto de um real incontornável.

Não podemos, portanto, permanecer paralisados na atitude que consiste em dissolver estas categorias construídas no século XIX, uma vez que elas satisfazem às necessidades de uma ideologia tranqüilizante. É preciso levar em conta o fato de que o conjunto desses clichês foi avalizado pelo próprio Freud. Há aí, no mínimo, um nó de gozo específico, que constitui, em certa medida, o núcleo racional da ganga imaginária formada pelo conjunto de enunciados que se pode sustentar sobre o caráter perigoso do adolescente e sobre o momento de crise.

De minha parte, levarei água a este moinho de opinião, seguindo à risca alguns enunciados clássicos da história da psicanálise que evidenciam bem o caráter sintomático, mesmo patológico, da relação do sujeito com o sexo nessa época da puberdade. Quando essa categoria foi consagrada pelos alunos de Freud, sobretudo por Anna Freud em *O ego e os mecanismos de defesa*⁴, mas também por Bernfeld nos anos vinte, o que impressionou os discípulos de Freud foi precisamente o prolongamento da adolescência.

Foi Bernfeld que, em 1922, criou a categoria, engraçada para nós, de 'adolescente prolongado', não se dando conta de que isto era um pleonismo. A razão deste prolongamento se encontra na própria estrutura da sexualidade, na relação do sujeito com o que causa mal-estar na sexualidade durante a

puberdade. A ficção da adolescência deve ser considerada, efetivamente, como o conjunto de ficções segredadas por essa maldição.

Esta maldição, que segundo Freud se deve à puberdade, é estruturada de uma certa maneira, à medida que a sexualidade se constrói em dois tempos. Desse ponto de vista, é interessante reler os textos de Freud sobre essa questão nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*⁶, porque é uma época ainda virgem, por razões evidentemente históricas, da influência da Psicologia do ego. Há uma grande distorção entre os alunos de Freud, notadamente Anna Freud, mas também Aichhorn, o especialista em delinquentes nos anos vinte, que se interroga sobre o supereu se colocando a questão de saber se os delinquentes têm um supereu. A pergunta é desviada pelos eixos da segunda tópica, ainda que, para além das interrogações sobre o ego forte ou fraco dos adolescentes, a relação do sujeito com a função paterna não seja esquecida.

Aichhorn⁶ justamente recusava considerar o delinquente como um sujeito vítima, avassalado por seus instintos ou por sua pulsão associal. Com efeito, antes da questão ser enrijecida pela Psicologia do ego, os especialistas freudianos da adolescência nos anos vinte estavam bem orientados tratando como sintomas um certo número de distorções nas relações do sujeito com a realidade socialmente determinada; sintomas relativos à inscrição do sujeito na função paterna.

Os dois tempos da sexualidade

Com Freud, as coisas se passaram da seguinte maneira: seu discurso sobre a puberdade foi relativamente encoberto, porque se reteve, sobretudo, a tese muito forte que está no cerne da doutrina psicanalítica da sexualidade, a saber, que a sexualidade não começa na puberdade. Anna Freud⁷ observa que toda uma geração de analistas entre 1905 e 1920 considerava que a fantasia sexual, instalada desde os três-cinco anos, era reativada na puberdade de uma maneira exclusivamente quantitativa.

Isso implicava esquecer justamente um eixo da doutrina freudiana sobre a sexualidade da criança, que é estruturada em dois tempos. Atualmente, transcrevemos esses dois tempos da sexualidade como um modo de divisão do sujeito entre, de um lado, o que Freud chama de ternura pré-genital e, de outro, os aparelhos de gozo conectados à maturação da puberdade. Sabe-se que a sexualidade para Freud é traumática, mas sempre *a posteriori*, a genitalidade sendo constituída muito depois da fantasia sexual, a qual na primeira infância se apóia na relação aos pais.

A reativação durante a puberdade desse período da infância é um caso exemplar do *nachträglich*, de *a posteriori*, como se precisamente na adolescência, quando tudo deveria contribuir para o encontro sexual, este não fosse senão mais traumatizante. Freud dá conta da sexualidade como traumática a partir da puberdade. Em geral, vê-se aí uma concepção retardatária. Em *O nascimento da psicanálise*⁸, Freud teria tratado da sexualidade a partir da puberdade porque na época ele ainda ignorava a sexualidade infantil. Essa é uma conclusão um pouco apressada, pois, reificando esse ponto de vista a partir de 1905 nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*⁹, Freud não abandona esta primeira conclusão dos efeitos traumáticos, específicos do encontro com a sexualidade durante a puberdade. Há, portanto, um real incontornável que Freud articula a partir da disjunção entre a corrente tema e a corrente sensual:

O mito da puberdade

Freud não fala da puberdade como uma maturação, mas como um mito, o da conjunção de todas as pulsões parciais em torno da genitalidade sobre um novo objeto após a fase de latência e, portanto, para além do recalamento. Todavia, o desejo sexual, à medida que desperta a antiga corrente, reativa o Édipo. Há aí algo como um efeito de lupa sobre a sexualidade pré-púbere. E há bem mais que isso: uma reativação da escolha do objeto interdito.

O que é para Freud paradigmático desta época é um *mise au point* do desejo genital sobre esse amor edípico. Essa coincidência já teve lugar na

infância, mas desta vez é reativada numa época mais além do recalque com esse novo elemento que é a genitalidade. O desejo sexual reativa uma interdição, o que põe em evidência a impossível harmonia entre a pulsão sexual e a corrente terna sobre o mesmo objeto. Se a psicanálise descobre que há tantas dificuldades para alcançar o que os ingleses chamam de *genital love*, e se para Lacan o *genital love* é o mito construído pela corrente inglesa para contornar o impasse da relação sexual, é justamente essa época da puberdade que pode fornecer o seu paradigma. Paradigma no qual se vê a relação ao outro sexo contaminada pelo interdito.

Isso pode ser dito de outra forma, de maneira estrutural, a saber, que a genitalidade, longe de ser uma fase que sucede ao pré-genital, simplesmente não existe. É uma tese lacaniana que retoma o núcleo racional da teoria kleiniana das pulsões. Esta coloca que a pulsão é parcial. A *Ganzsexualstrebung* é o mito de uma totalização das pulsões parciais finalmente reunidas para a maior satisfação do parceiro. Freud, na *Metapsicologia*¹⁰, diz que é preciso não sonhar demasiadamente com isso. O genital, ele próprio, extrai suas forças da fantasia da criança e acha seu vetor no pré-genital.

Eis o que dará bastante trabalho aos teóricos da recapitulação das pulsões da infância no adulto, por exemplo Ernest Jones¹¹ nos anos 1924-1925. A puberdade é efetivamente uma recapitulação de todas as antigas pulsões sobre um objeto novo, que não pode mas herda a proibição. ^{NEPÉDAR} Pois, se a sexualidade pré-genital é o arsenal do qual a fantasia do adolescente se serve para um *mise au point* da relação sexual, ele só pode fazê-lo ao preço de uma reativação do antigo protótipo.

Há, em Freud, um bom exemplo dessa distorção no *Homem dos lobos*¹²:

A partir dos 14 anos [...], com o surgimento das tormentas sexuais da puberdade, ele ousou tentar com sua irmã (o agente da tentativa de sedução, que lhe contava histórias obscenas sobre o jardineiro) uma aproximação física íntima. Depois que ela o repeliu com decisão e destreza, ele desviou imediatamente seu desejo dela para depositá-lo em uma jovem camponesa, que estava a seus serviços e

que tinha o mesmo nome que sua irmã. Dessa maneira ele havia realizado um passo decisivo para sua escolha heterossexual de objeto, já que todas as jovens das quais se enamorou posteriormente — amiúde com francos sinais de compulsão — eram igualmente serviçais que possuíam tanto uma educação como uma inteligência necessariamente inferiores às suas. Se todos esses objetos de amor eram substitutos da irmã que havia se recusado a ele, não se pode negar que uma tendência a rebaixá-la (o famoso rebaixamento freudiano, Erniedrigung), a pôr fim a essa superioridade intelectual que naquela época o *AD* havia esmagado tanto, tenha conseguido desempenhar um papel decisivo em sua escolha objetal.

Aqui, uma mudança de objeto sexual é efetuada precisamente sobre a base de uma denegação de seu protótipo, sobre a base de um recalçamento do desejo por este objeto prototípico. Se Freud atribui um papel ao rebaixamento é como sobredeterminação dessa denegação, sem que sejamos absolutamente obrigados a ver aí a entrada na neurose obsessiva. A lógica dessa escolha de objeto, sem dúvida, anima a distorção do desejo sexual no homem, objeto ideal — objeto rebaixado.

Mas, na medida que Freud insiste sobre o protótipo e sobre a primeira escolha feita na infância, nos damos conta de que ele faz existir uma estrutura, inscrita no cerne mesmo da sexualidade, de duplo gatilho, sem que sejamos conduzidos necessariamente a encontrar aí um traço obsessivo. Aliás, em *A degradação da vida amorosa*¹³ de 1912, Freud não insiste bastante sobre a correlação entre essa dissociação do objeto e a neurose obsessiva. Antes, faz desta um traço específico da sexualidade masculina.

Apoiados em certas observações, alguns contestam a existência mesma do período de latência. Seria melhor considerá-lo como uma construção necessária para dar conta do recalque do desejo edípico, com todos os efeitos de retorno do recalçado que se manifestam na adolescência. Esse retorno das pulsões pré-genitais na puberdade é frequentemente considerado, principalmente por Anna Freud em *O ego e os mecanismos de defesa*¹⁴,

como um sintoma; o conjunto dos traços de caráter são vistos, nem mais nem menos, como formações reativas, quer dizer, o endurecimento dos traços de caráter é destinado a sufocar o despertar dos desejos edípicos. Podemos compreender que, numa época em que se opunha grosseiramente na segunda tópica de Freud o eu e o isso, Anna Freud não teve outros meios de entrever a divisão do sujeito senão recorrendo ao modo de defesa obsessivo. Independentemente do caráter grosseiro de sua construção, ela não possuía meios de conceber a adolescência senão como sintoma, quer se tratasse dos traços de arrogância e de agressividade, quer, ao contrário, do que pode valer como uma espécie de apelo ao mestre.

O despertar do mal-estar sexual

A esse propósito, e apesar das diferenças de perspectiva, é preciso destacar que ocorre a Lacan abordar a questão da juventude em termos de um sintoma. Há uma passagem célebre de *Televisão*⁵ consagrada ao sexo-esquerdismo. Evidentemente Lacan não mergulha nas raízes do pré-genital. Entretanto, constrói os modos de reivindicação da juventude de maio de 1968 sobre o modelo do discurso histerico. Eles queriam um mestre. Ou seja, que em relação a um certo número de sintomas do social Lacan não hesitou em aplicar-lhes, pura e simplesmente, a estrutura do sintoma clínico, o que, na época, não era tão evidente.

É ainda a propósito do encontro sexual na adolescência que Lacan descreve a relação sexual como impossível. É quando a doxa consagra paradoxalmente a relação sexual como possível, no momento da maturação, que a relação sexual se revela como impossível. Lacan desenvolve este ponto de vista em seu *Prefácio ao Despertar da primavera de Wedekind*⁶, peça¹⁷ traduzida por François Regnault nos anos setenta, e que já tinha sido objeto de discussão na Sociedade Psicanalítica de Viena em 1907.

A obra de Wedekind — este, um dos mestres de Brecht — era suficientemente conhecida na época de Freud para lhe servir de exemplo

adequado das tormentas da puberdade e mostrar, em particular, como a literatura não se iludia sobre o exílio da relação sexual, sobre o que não funciona entre as moças e os rapazes. O que mais chama a atenção é que essa questão é ilustrada pelo homem de teatro e demonstrada por Freud a partir do exemplo mais rebelde à demonstração. É no momento em que o rapaz satisfaz aos ideais de sua virilidade e a moça se instala na identificação, momento de assunção do desejo, que o encontro fracassa. Esse era o meio usado por Freud naquela época para designar o mal-estar sexual e, como diz Lacan nesse pequeno texto, o que faz 'furo no real'. Quando chega a hora do rapaz fazer amor com as moças, é preciso que sonhe com isso, antes de começar a disso se ocupar. Donde o comentário lacaniano do título da peça: *O despertar da primavera*.

F. L. Z. A

Isso nos explica também o tom crítico de Freud a respeito do desgastado tema literário dos amores adolescentes e dos numerosos romances 'cor-de-rosa' da época. A esse 'cor-de-rosa' Freud acrescenta o objeto perdido, dando-lhe assim um toque de amargura. Se, nestes romances, a primeira garota é idealizada, Freud observa que se trata na verdade de mascarar outra coisa. Avesso do cenário relativamente aparente no romance francês de adolescência a partir de Balzac, de *Volúpia* de Sainte-Beuve e explícito com *A educação sentimental* de Flaubert. Aparece então claramente que o avesso do cenário idealizado e o conjunto das formas clandestinas do gozo se repartem entre o café literário e o bordel. Freud seria então autorizado, pela literatura, a consagrar o momento dos primeiros amores como paradigmático do impasse da relação sexual, e não como uma fase do desenvolvimento.

Vou lhes dar um exemplo tomado emprestado de *O adolescente* de Dostoiévski¹⁸, autor ao qual Freud recorreu em vários momentos, precisamente quando se trata de correlacionar esse impasse do sexo à função paterna. Trata-se de uma passagem que resume bastante bem o que os psicanalistas atribuem às pulsões pré-genitais: a grosseria, a obscenidade

mesmo dos adolescentes em relação às moças, assim como o tema maciço do companheiro com os ranços de homossexualidade que aí pesam. Tanto a infância quanto a adolescência de Dostoiévski nos são restituídas nesse texto; o autor coloca particular ênfase na história do mau encontro entre seu pai e sua segunda mulher, sua mãe, e no rebaixamento de que esta fora objeto, decorrendo daí seu próprio questionamento de sua legitimidade.

Após uma errância, que acompanha os traços clássicos sob os quais é descrito na literatura russa o rapaz que está em conflito com sua família, ele se encontra sob a influência de um indivíduo inquietante, mais velho que ele, de alguma forma seu duplo narcísico, outro tema maior em Dostoiévski. Esse personagem então habitua nosso autor à seguinte prática:

Nós passeávamos juntos pelas avenidas até avistarmos uma mulher como procurávamos, quer dizer, sem ninguém a sua volta; nós, então, nos colávamos a seu lado, sem lhe dizer uma palavra, ele de um lado e eu do outro, e com o ar mais tranqüilo do mundo, como se nem sequer a vissemos, empreendíamos a mais escabrosa das conversas. Nomeávamos os objetos por seus nomes com uma seriedade imperturbável e como se fosse a mais natural das coisas, para explicar toda sorte de indecências e de infâmias, entrávamos em detalhes que a imaginação mais suja do mais sujo desavergonhado jamais teria imaginado. Naturalmente eu havia adquirido todos esses conhecimentos nas escolas, no liceu etc. A mulher se assustava, apressava o passo, mas nós fazíamos o mesmo e continuávamos com maior prazer ainda. Nossa vítima, evidentemente, não podia fazer nada, nem gritos, nem testemunhas, inclusive porque seria extravagante ir queixar-se de algo semelhante. Dedicamos uns oito dias a esta atividade. Não entendo como isso pôde me dar prazer¹⁹.

Trata-se de um romance e não de um traço clínico. Eis a genialidade do escritor, que nos permite localizar um viés da fantasia muito apropriado. O que nos é mostrado é a vontade de fazer balançar um ponto do pudor feminino, e isto de forma bem mais interessante que em uma vã psicologia analítica referindo-se ao pré-genital.

A escolha do ser

o

No que concerne à menina, Freud utiliza um procedimento comparável, sem contentar-se em apontar sua dificuldade no encontro com um companheiro em uma determinada idade, mas se interessando sobretudo por uma estrutura do desejo e por um viés de sua fantasia. Em 1938, em *Os complexos familiares*²⁰, Lacan faz coincidir esse momento da puberdade com a emergência do ideal, que ele chama, nessa época, de viril no rapaz e de virginal na moça, ideais sobre os quais o mínimo que se pode dizer é que não são adequados para um encontro harmonioso com o parceiro sexual. Pensemos na escolha da feminilidade para a moça, que deve acompanhar-se do recalque da masculinidade, momento de admirável ambigüidade sexual nas jovens, quando elas não sabem como vestir-se, nem que caminho seguir.

É precisamente durante este período de tensão máxima com o alter-ego masculino que se coloca a questão da escolha. Mais do que uma escolha de objeto, trata-se de fato de uma escolha do sujeito. Compreende-se que esta escolha possa ser definitiva. É o que atesta justamente um dos célebres casos de Freud, o caso de perversão ou de um sintoma perverso em uma moça chamada A jovem homossexual. Trata-se de um momento no qual se coloca justamente a questão da identificação *quoad matrem*, à mulher como mãe. A concorrência da jovem com sua própria mãe durante a gravidez desta, quando ela desejava um filho do pai, introduz a jovem numa decepção que lhe abre precisamente a alternativa da identificação. É como homem que ela amará as damas.

Freud não tinha nenhuma ilusão sobre as possibilidades de intervenção de uma psicanálise para retificar a escolha de objeto, mais de acordo com o desejo dos pais, pois ele entende que o ponto nodal não é o de uma escolha de objeto mas sim de uma escolha do próprio ser do sujeito. Em relação à homossexualidade, faço uma observação

idêntica a respeito do rapaz. Aqui Freud também faz repousar sobre a época da puberdade a escolha subjetiva, quando, por exemplo, um rapaz está concorrendo com seu próprio irmão. É a partir do momento em que se colocará a questão do interesse pelas mulheres que um dos dois abandonará suas pretensões e deixará espaço livre para tornar-se, ele mesmo, homossexual. Freud faz da puberdade um momento de verdade e, além disso, um modelo da gênese da homossexualidade masculina.

O adolescente moderno

Apesar da adolescência não ser de modo algum uma categoria lacaniana, Lacan não deixa de abordá-la, principalmente em seu *Prefácio ao Despertar da primavera de Wedekind* e em *Televisão*. Retomando o vocabulário da época que qualifica o adolescente de 'jovem', constata que sua relação ao sexo é marcada por dois afetos modernos, o tédio e a morosidade. O curioso é que Lacan fazia essa constatação em uma época na qual os direitos ao gozo compunham uma boa parte das reivindicações, como no sexo-esquerdismo. Ele se aproveitava dessa ocasião para fazer girar a roda em outro sentido e designar uma espécie de infelicidade do ser no fato dos jovens se devotarem ao exercício de relações sem repressão.

Isso era visto na época como uma posição ao menos conservadora, como se Lacan fizesse a apologia da repressão sexual. Tratava-se de fato de deduzir a estrutura desse impasse, estrutura que ele referia à lógica, ao menos à aritmética, isto é, ao gozo do Um, ideal de uma beatitude na qual o parceiro é reduzido ao semelhante. Lacan notava, então, a intolerância do adolescente em consagrar o outro como objeto *a*, em enraizar seu desejo ou sua causa em um objeto que não fosse o semelhante idealizado. Intolerância que, sublinhemos, é completamente adequada para o tratamento psicanalítico.

- ¹LACAN, Jacques. La science et la vérité. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.
- ²ARIÈS, Philippe. *L'enfant et la vie familiale sous l'ancien régime*. Paris: Seuil, 1973.
- ³FOUCAULT, Michel. Histoire de la sexualité, Tomo I. In: *La volonté de savoir*. Paris, Gallimard, 1976.
- ⁴FREUD, Anna. *Le moi et les mécanismes de défense*. Paris, PUF, 1967.
- ⁵FREUD, Sigmund. *Les trois essais sur la théorie de la sexualité, 1905*. Paris: Gallimard, 1971.
- ⁶AICHORN. *Jeunesse à l'abandon*. Toulouse: Privat, 1973.
- ⁷FREUD, Anna. *Le moi et les mécanismes de défense*, op. cit.
- ⁸FREUD, Sigmund. *La naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1956.
- ⁹FREUD, Sigmund. *Les trois essais sur la théorie de la sexualité*, op. cit.
- ¹⁰FREUD, Sigmund. *Métapsychologie, 1915*. Paris: Gallimard, 1968.
- ¹¹JONES, Ernest. *Théorie et pratique de la psychanalyse*. Paris, Payot, 1969.
- ¹²FREUD, Sigmund. Extrait de l'histoire d'une névrose infantile. L'Homme aux loups-1918. In: *Cinq psychanalyses*. Paris: PUF, 1970, cap. 3, p.336.
- ¹³FREUD, Sigmund. Sur le plus général des rabaissements de la vie amoureuse-1912. In: *La vie sexuelle*. Paris: PUF, 1973.
- ¹⁴FREUD, Anna. *Le moi et les mécanismes de défense*, op. cit.
- ¹⁵LACAN, Jacques. *Télévision*. Paris: Seuil, 1974.
- ¹⁶LACAN, Jacques. Préface à L'Éveil du printemps de Wedekind. In: *Ornicar ?*, n° 39. Paris: Navarin, 1986-1987.
- ¹⁷WEDEKIND, Frank. *L'Éveil du printemps. Tragédie enfantine*. Paris: Gallimard, 1974.
- ¹⁸DOSTOIEVSKI, F.M. *L'adolescent*. Paris, Gallimard, 1949.
- ¹⁹DOSTOIEVSKI, F.M. *L'adolescent*, op.cit., p.91.
- ²⁰LACAN, Jacques. *Les complexes familiaux, 1938*. Paris: Navarin, 1984.

■ *Do original*: COTTET, Serge. Sctrutture et roman familial à l'adolescence. In: *L'Inconscient de Freud à Lacan*. Tese de doutorado, Universidade de Paris I, Panthéon-Sorbonne, Paris, 1993, v. II, p. 406 a 424, fotocópia. Este texto foi originalmente publicado em *L'Improprio psychanalytique*, Bulletin du Groupe d'Études Psychanalytiques de Saint-Quentin, maio de 1989.

Tradução de Maria Elisa Delecave Monteiro, membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise. Revisão de Sonia Alberti, membro da Escola Brasileira de Psicanálise.

O ADOLESCENTE FREUDIANO¹

Hugo Freda

A.E. da École de la Cause Freudienne. Diretor da Association centre d'accueil et de soin pour les toxicomanes

A primeira pergunta que é preciso responder: por que trabalhar sobre a 'adolescência'? Vocês sabem que, desde 1985, eu trabalho com Bernard Lecoeur numa proposta que chamamos *As novas formas do sintoma*. Essa fórmula, que começa a tomar uma certa consistência, nasceu de uma constatação clínica que, hoje, resumo da seguinte maneira: existem manifestações, comportamentos que se apresentam como assintomáticos. O que faz irrupção não é um sintoma no sentido clássico do termo, mas sim um 'fazer' que não deve ser confundido com uma passagem ao ato. Esse 'fazer' — já avançado por Lacan — tem uma série de funções, das quais a mais importante, verossimilmente, é a de restituir a figura do pai. Portanto, uma das hipóteses dessa linha de trabalho é interrogar os avatares da função do pai num momento particular da história do homem marcado com o selo dos progressos da ciência.

Em nossa opinião, essa modificação da função do pai tem consequências diretas sobre a forma adquirida pelo sintoma, onde se presentifica uma certa gestão do gozo que estabiliza um tipo de comportamento. Esta toma a forma de uma solução no sentido freudiano do termo. Nessa configuração, o 'social' adquire uma função especial à medida que reveza na função do pai². Dentro desse quadro conceitual, me permiti colocar a interrogação sobre a adolescência.

Não é minha intenção definir o que nos ocupa como uma nova forma de sintoma. Entretanto, podemos muito bem formular a hipótese

de que o adolescente de hoje, do final do século, não pode ser pensado com as mesmas categorias que aquele do início do século, e de que há talvez algum interesse em observar o fenômeno que nos ocupa com um olhar um pouco diferente daquele que estávamos acostumados até agora. Mas, antes de aventurar-se por novos caminhos, é necessário rever as orientações estabelecidas, que adquiriram seus títulos de nobreza.

Dito isto, trabalhar a adolescência a partir das idéias depreendidas do documento intitulado *As novas formas do sintoma* será, talvez, uma das fases finais de nosso programa. Consideremos, agora, as vias de acesso ao nosso problema. A primeira que se impõe é *uma revisão, a mais precisa possível*, do sentido e da história da palavra adolescência. A partir de minhas pesquisas, bastante incompletas evidentemente, permito-me esboçar algumas orientações que me parecem necessárias à compreensão do fenômeno.

Encontramos alguns traços da palavra *Adolescens* numa comédia de Plauto, por volta de 193 a.C. A palavra 'adolescência' instalou-se de modo definitivo no dicionário no período que vai de 1865 a 1880. Entre esses dois momentos, ela sofreu uma série de modificações, cuja lógica é difícil encontrar. Um único ponto aparece de forma constante: o critério de passagem e de momento. As idades da adolescência podem variar; a terminologia não é a mesma, quer se trate de um homem ou de uma mulher, e as obrigações atribuídas ao menino ou à menina não são idênticas.

Apesar disso, há um traço que é constante: a adolescência é sempre um momento da vida que encontra sua especificidade no fato de fechar um ciclo que vai da infância à vida adulta. Entre esses dois momentos, situa-se a adolescência. Nada de específico caracteriza o momento enquanto tal. É uma verdadeira zona de passagem: um período que encontra sua razão de ser em sua resolução. É o ponto final da adolescência que dá sentido a esse lapso de tempo: seja porque o sujeito se prepara para a vida ativa, seja pelas modificações físicas

que o tornam apto à procriação, e pela pressão de algumas figuras mais ou menos definidas, em função da época ou do contexto social onde ele evolui. Podemos constatar que essa concepção da adolescência como um momento de passagem predomina em uma certa orientação da teoria psicanalítica, em uma primeira leitura dos textos de Freud.

A segunda via de acesso será interrogar os escritos freudianos com o objetivo de desvelar se existe realmente um adolescente freudiano diferente daquele que emerge das definições anteriores. Neste ponto, abrirei meu estúdio e lhes direi, imediatamente, como trabalho. A leitura dos títulos dos escritos de Freud permite constatar, salvo erro meu, que não há um só texto dedicado, de modo exclusivo, ao adolescente ou à adolescência.

na psicologia do adolescente? a metamorfose

Há, efetivamente, muitos escritos dedicados à criança, também ao adulto, mas nenhum ao adolescente. Sabemos muito bem que toda a obra de Freud é atravessada por questões e reflexões em torno da criança. De 1907 — *O esclarecimento sexual das crianças* — até 1923 — *A organização genital infantil* —, a preocupação de Freud pela infância e seus avatares constitui um dos núcleos árdios de sua reflexão.

Eu precisava, portanto, encontrar um ponto de apoio para entrar no labirinto freudiano com minha questão sobre a adolescência. Lendo e relendo a lista de textos de Freud, encontrei um cujo título chamou minha atenção. Trata-se de um texto de 1914 intitulado *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*. O termo escolar, por si só, me permitiu rapidamente a conexão: escolar = adolescente.

Sem ter lido esse texto, decidi arbitrariamente fazer dele um texto de referência sobre a adolescência. Num segundo tempo, estabeleci a lista de textos escritos por Freud no mesmo ano com a hipótese de que poderia traçar um fio temático e conceitual para esclarecer a questão do adolescente. Em seguida, li o texto mencionado; minha surpresa foi grande ao encontrar nele uma verdadeira maquete para uma possível conceitualização da adolescência.

A própria história desse texto tem sua importância. Freud o escreveu, em 1914, para celebrar o 50º aniversário do colégio onde ele fez seus estudos secundários: ele passou oito anos de sua vida nesse estabelecimento, entre os nove e os 17 anos. Trata-se de uma reflexão feita 41 anos após o final de seus estudos. Trata-se de um texto encomendado — parte de um conjunto —, por ocasião de uma publicação coletiva.

É um texto, de certo modo autobiográfico, que dá alguma idéia do jovem Sigmund, do adolescente Sigmund Freud. A partir desse texto e de outras referências, tais como as cartas de sua juventude, podemos conhecer qual era a concepção de Freud, naquela época, sobre o mundo e as coisas. É evidente que a leitura do texto não permite que se faça uma idéia do conjunto das interrogações de um adolescente. Um tema brilha por sua ausência: a problemática sexual e amorosa que foi tratada por Freud seguidas vezes em outros escritos.

A análise do texto o situa em ruptura às orientações gerais de Freud, no que concerne à adolescência, cujo traço fundamental é o despertar da sexualidade, o que induz, inevitavelmente, a uma leitura desse momento à luz do Édipo e seus avatares. A leitura desse texto nos permite traçar uma série de coordenadas que poderão constituir o quadro de uma possível conceitualização dos problemas referentes à adolescência.

Quero enumerar as hipóteses possíveis que dele se depreendem, sem privilegiar uma em relação à outra. A ordem foi estabelecida segundo sua emergência no texto. Para cada tese, faço um comentário provisório na intenção de traçar um retrato tipo do adolescente, a fim de construir, eventualmente, uma clínica psicanalítica que leve em consideração essas variáveis.

Primeira tese — [...] todo esse período era percorrido pelo pressentimento de uma tarefa, que só se esboçava, de início, em voz baixa, até que eu pudesse, em minha dissertação de conclusão dos meus estudos, vesti-lo com palavras sonoras: eu queria legar, durante minha vida, uma contribuição ao nosso saber humano.

Comentário — A colocação em palavras de um desejo, de uma intenção, mais precisamente, da inscrição de um desejo no campo do Outro. O Outro de Freud era, evidentemente, o *saber humano*. Abre-se um espaço de reflexão:

a) A noção de inscrição, quer dizer, o momento da passagem, não de um estado a outro, da infância ao adulto, mas sim de um pensamento a um ato. Podemos muito bem repertoriar os sintomas, os comportamentos que são possíveis diante da impossibilidade dessa inscrição. Penso no autismo; no suicídio dos adolescentes; na toxicomania como solução; nos rituais de alguns adultos que realizam, por intermédio de algumas atividades, geralmente infantis, sonhos de infância jamais realizados; nos jogadores; nos atos de delinquência juvenil, cuja intenção é encontrar uma inscrição no Outro. Em geral, eles são interpretados como comportamentos de transgressão ou como determinados por um sentimento de culpa inconsciente, embora não seja essa talvez a razão que os determine. Parece-me possível estabelecer uma lista bastante precisa desses sintomas, sob o título *Sintomas da inscrição ou da não inscrição*.

b) As formas do Outro para cada sujeito é o que permite ou torna possível a passagem do 'pressentimento' à definição. Existem muitos exemplos da constituição desse Outro. Para Picasso, por exemplo, o Outro é a 'pintura'; para Borges, a 'literatura'; para Papin, o 'futebol'; para Talleyrand, a 'França'; para um de meus pacientes, o 'teatro'; para um outro, o 'casal'; para Freud, o 'saber'; para Lacan, a 'psicanálise'; para outro paciente, o 'dinheiro'. Os exemplos podem ser infinitos.

Essa constatação nos permite diferenciar duas coisas: a primeira é que, em termos absolutos, sabemos bem o que é o Outro, mas ele tem um NOME muito preciso para cada sujeito. Reside aí a diferença entre os sujeitos. A segunda provém dos fatos clínicos: o 'eu não sei' dos adolescentes pode encontrar sua razão na impossibilidade de nomear esse Outro, daí a possível instabilidade de alguns adolescentes. Não me parece inteiramente ilusório estudar casos em que essa problemática se apresente.

Diferencio, aqui, o problema da identificação infantil ao Outro, ao adulto como dizia Freud, pela via do desejo de querer exercer a atividade profissional do Outro — polícia, como meu tio; advogado, como meu pai —, e a identificação ao sintoma do Outro — caso típico da histeria —, da nomeação do Outro.

Segunda tese — Uma confissão de Freud: “eu não sei o que nos instigou mais fortemente e foi para nós o mais importante: o interesse dedicado às ciências que nos ensinavam ou o que dedicávamos às personalidades de nossos mestres”.

Comentário — Essa tese é o desenvolvimento da precedente e estabelece uma tensão entre ‘interesse’ e ‘encontro’. Ela concilia esses dois termos para fazer brotar a importância dos professores nessa época da vida do sujeito. Os professores, não tanto em sua função de magistério, mas antes, como o que permite ao sujeito verificar o alcance de seu ‘interesse’, uma certa interrogação entre um desejo inscrito por razões diversas e uma certa complacência, até mesmo submissão ao mestre.

Por outro lado, essa tese permite interrogar o lugar do professor no ‘social’ moderno e as consequências possíveis do seu desaparecimento. Pode-se estabelecer uma diferença entre o professor moderno, tal como Lacan o define, e o mestre de antigamente, tendo como alvo, por exemplo, o papel da escola na sociedade atual e os problemas do fracasso escolar.

Terceira tese — De qualquer forma, em todos nós, uma corrente subterrânea jamais interrompida dirigia-se para esses últimos e em muitos de nós o caminho para as ciências passava, unicamente, pelas pessoas dos mestres; muitos permaneceram parados nesse caminho que, para alguns inclusive — por que não confessá-lo? — foi assim barrado de modo duradouro.

Comentário — Trata-se de um desenvolvimento da primeira tese; de fato, Freud põe em evidência como o saber retorna ao sujeito através do Outro. Pode-se dizer que Freud postula não haver aquisição de saber sem o Outro, assinalando, ao mesmo tempo, de que modo uma falha

do mestre — do Outro — pode tornar impossível o acesso ao saber. Temos aqui uma figura compósita do saber, onde este, sem o mestre, não existe.

É preciso, talvez, diferenciar esse saber transmissível do saber inconsciente propriamente dito. Assinalo que essa separação que estabeleço entre esses dois saberes não é, de fato, uma separação: pode-se dizer que o saber transmissível e saber inconsciente se entrecruzam. Todavia, a figura do Outro, o professor moderno, que barra a estrada para o saber, não pode ser posta no mesmo plano que a figura demoníaca do supereu, que pode impedir a um sujeito o acesso a um saber. Refiro-me, constantemente, às preocupações do adolescente com o objetivo de tentar delimitar alguns pontos específicos, próprios a esse período da vida.

A colocação em exergo da figura do mestre só pode conduzir a reflexão de Freud à figura do pai, de onde decorre, na minha opinião, o que chamarei a tese central desse artigo.

Quarta tese — Freud diferencia uma primeira parte da infância, na qual o pai é o ideal, de uma segunda, na qual o pai deixa de ser o mais poderoso. “É nessa fase do desenvolvimento do jovem indivíduo que sobrevém seu encontro com o mestre”. “Tudo o que distingue a nova geração, tanto o que é portador de esperança quanto o que choca, tem como condição esse desligamento do pai”.

Comentário — Disse, anteriormente, que se tratava da tese de peso do texto. Tudo gira em torno do lugar do pai e sua substituição pela figura do professor. É a substituição e o desligamento do pai que definem a nova geração. Dediquemos toda a atenção ao caráter de condição estabelecido por Freud. Assinalemos, de saída, que o desligamento do pai não deve ser entendido como ‘fazer sem o pai’, figura proposta por Freud na análise do texto sobre Leonardo da Vinci. Esse desligar-se do pai, insisto, é principalmente para pôr em evidência a importância do pai. Sem pai, não há desligamento.

A partir deste primeiro comentário poderíamos delinear figuras do desligamento e ver as articulações possíveis à noção de recusa com a finalidade de esclarecer um pouco mais o que chamamos comumente de crise da adolescência. A crise da adolescência pode ser definida como uma crise do pai. Por outro lado, a própria etimologia da palavra crise nos ajuda, na medida em que crise significa, ao mesmo tempo, 'fase decisiva' e 'decisão'.

Há, portanto, uma crise do pai e é essa crise que faz nascer a nova geração. Mas há também uma decisão do rapaz para fazer dessa crise uma condição do sujeito. É, então, necessário saber se a crise pode ser assimilável à recusa. Creio que há interesse em diferenciá-las, mantê-las separadas. A recusa do adolescente pode ser interpretada, num segundo momento, como um produto da crise, mas pode, igualmente, ocultar uma tentativa de fazer-se um pai, por este não ter funcionado inteiramente. Fazer um pai evoca, de modo evidente, o que Lacan indica várias vezes a partir de 1975, e que encontra sua conclusão no seminário sobre Joyce.

Essa diferenciação permitirá estudar não apenas a crise da adolescência, mas também as conseqüências de uma certa degradação da função do pai na sociedade moderna. Podemos entrever os sintomas dessa degradação. Se fizermos nossa a fórmula de Lacan que indica que o social pode tomar a função do pai, poderemos ter uma segunda visão de toda uma série de fenômenos próprios da adolescência de hoje, para a qual o social é apenas um substituto do pai.

Limito-me hoje, nesse programa, ao que posso chamar o primeiro capítulo. Será preciso expandi-lo na direção da *Introdução ao narcisismo*, com o objetivo de diferenciar entre a sublimação e a idealização, fazer um giro pelo *Moisés de Michelangelo*, para colocar em relevo esse traço de passagem que implica um sacrifício da paixão em nome de uma tarefa, portanto o gozo, e, depois, mergulhar no *Mal-estar da civilização* para saber se a resposta freudiana à felicidade e ao amor se articula com a recusa de uma certa decadência da função do pai. Isso é uma via de exploração.

Guardemos assim, sempre a título exploratório, essas nomenclaturas dos sintomas:

- a) sintoma da inscrição ou da não inscrição.
- b) sintoma do Outro não nomeado.
- c) sintoma da degradação do pai.

¹ Conferência pronunciada em 22/10/1992 na *École de la Cause Freudienne*, Paris. Esta foi apresentada sob a forma de uma orientação àqueles que haviam respondido à proposta de trabalho feita pelo autor aos responsáveis pela iniciativa Île de France. No original: *Je vous presente aujourd'hui un Programme, l'orientation que je proposerai à ceux qui on répondu à la proposition de travail que j'ai faite aux responsables de l'initiative Île de France.*

²No original: *dans la mesure où il va prendre le relais de la fonction du père.*

Referências bibliográficas

- BIOS, Peter. *Les adolescents, essais de psychanalyse*. Paris: Stock
- ERIKSON, Erik H. *Adolescence et crise: la quête de l'identité*. Paris: Flammarion, 1968.
- FREUD, Anna. *Le moi et les mecanismes de défense*. Paris: PUF, 1946.
- FREUD, Sigmund. Sur la psychologie du lycéen. In : *Resultats, idées, problemes*. Tome 1, Paris: PUF, 1984.
- _____. Le Moïse de Michel-Ange. Paris: Callimard, 1914.
- _____. Introduction au narcissisme. Paris: PUF, 1914
- _____. La vie sexuelle. Paris: PUF, 1914
- _____. Lettres de jeunesse. Paris: Callimard.
- HEURRE, Patrice H.; PACAN-REYMOND, Martine; REYMOND, Jean-Michel. *L'adolescence n'existe pas: histoire des tribulation d'un artifice*. Paris: Editions Universitaires, 1990.

SAUVAGNAT, François (dir). Destins de l'adolescence. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1992.

KESTEMBERG, Evelyne. L'identité et l'identification chez les adolescents. *Psychiatrie Infantile*, 1962.

LEBOVICI, Serge. *Les modes d'adaptation des adolescents*. 6th Congress International of Association for Children Psychiatry.

■ *Tradução de Vera Avellar Ribeiro. Membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise.*

NUNCA HOUE HISTÓRIA MAIS BELA

Maria Anita Carneiro Ribeiro

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

O que o estudo da adolescência pode nos ensinar sobre a psicanálise? Muito, e não é por acaso que a mais bela história de amor de todos os tempos é uma história de adolescentes: *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare.

A história em si é, por muitos autores, considerada verídica, tendo ocorrido, segundo algumas fontes, no século XIV. Assim sendo, como a maioria das obras de Shakespeare, não era original: seu texto é baseado num poema, *A história trágica de Romeu e Julieta*, traduzido para o inglês por Arthur Brooke, do original italiano de Bandello. A tradução é de 1562 e a peça de Shakespeare de 1596, ou seja, está completando 400 anos. Tal como em *Hamlet*, e em várias outras peças, a grandeza da tragédia não está na originalidade de seu tema, mas naquilo que da verdade o artista nos aponta no poema. Talvez aqui, mais do que em outras obras, a beleza do manejo da linguagem se explicita de tal forma, que torna toda tradução uma pálida traição do original.

O enredo é por demais conhecido: Julieta é uma menina, “ainda não fez catorze anos”, e Romeu um garoto um pouco mais velho que, como os adolescentes costumam fazer, anda em bando. Seu grupo de amigos inclui Mercúcio, um piadista brilhante, mestre do trocadilho e de insinuações maldosas, e Benvólio, cujo nome ao pé da letra é Bem-querer, seu primo e alma fiel que deseja a paz e a tranquilidade. A intriga se desenrola a partir de uma luta de

poder que se configura em inimizade mortal entre as famílias dos dois jovens: os Montecchios, família de Romeu, e os Capuletos, de Julieta.

No terceiro capítulo dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, dedicado às metamorfoses da puberdade, Freud dá ênfase ao encontro com o real do sexo como a questão crucial do advento da adolescência.

Como em todos os outros casos em que deve se produzir no organismo novos enlaces e novas composições em mecanismos complexos, também aqui podem sobrevir perturbações patológicas por interrupção destes reordenamentos.

A peça de Shakespeare é isto: das perturbações patológicas pela irrupção dos reordenamentos necessários à inclusão da nova variável — a sexualidade possível na adolescência, a partir da puberdade. Devemos aqui distinguir entre a sexualidade possível — e a peça inclui uma cena explícita pós-coito entre os jovens — e a relação sexual impossível, que é o próprio *leit motiv* da tragédia.

Do encontro contingente entre os dois inimigos de nome — Montecchio e Capuleto — os jovens partem para o encontro possível na cama, e daí para o impossível do encontro harmônico, no qual a morte vem, muito freudianamente, representar a impossibilidade definitiva.

A sexualidade possível só assim o é mediada pelo falo, significante da falta que permite aos sujeitos femininos e masculinos se inscreverem na dialética do ter, e no amor darem o que não têm. Mas se o encontro possível no ato sexual depende do falo como intermediário, a própria condição do falo como 'significante imaginário', ou seja, semblante por excelência, já denota este encontro possível como fugaz e o ato como falho. Como diz Lacan em *O Despertar da Primavera*, "o despertar dos sonhos não é satisfatório para todos, mas se fracassa, é para cada um". A história de Romeu e Julieta é sobre o malogro do despertar dos sonhos, sobre a fugacidade do encontro possível e sobre a impossibilidade radical da relação entre os sexos.

A própria beleza exasperada do texto é utilizada pelo autor para levar o leitor/espectador à perplexidade. Pois se nos arrebatava a abundância de metáforas sublimes (“Oh, fala de novo radioso anjo”), aliada à pregnância imaginária de uma história de paixão exacerbada, os trocadilhos, os jogos de palavra e as piadas inesperadas (sobretudo na boca de Mercúcio) esvaziavam subitamente o excesso de sentido produzido, levando aquele que lê ou assiste a peça a se confrontar com o vazio desconcertante da significação.

Um exemplo disso é o fragmento de diálogo entre Romeu e Mercúcio na cena IV do 1º ato:

R: Tive um sonho esta noite

I dreamt a dream tonight

M: E eu, outro.

And so did I.

R: Bem, qual foi o teu?

Well, what was yours?

M: Que os sonhadores quase sempre mentem

That dreamers often lie

R: No leito dormem, sonhando coisas verdadeiras.

In bed asleep, while they dream things true

Há aí um trocadilho, jogando com a homofonia e homografia do verbo *to lie*, mentir ou deitar, que configura um equívoco bem ao gosto de Lacan no *L'Étourdit*, e que aponta para o que o poeta sabe da verdade: que ela se enuncia no sonho — Freud, 1900 — e que tem a estrutura de ficção — Lacan, 1975. É das mentiras do sonhador — conteúdo manifesto, diria Freud — que algo de sua verdade — da causa de seu desejo, diria Lacan — vai se tecer no emaranhado dos conteúdos latentes, nas associações que interpretam o sonho.

É também Mercúcio que, ferido de morte por Teobaldo, joga ainda com o trocadilho, dizendo a Romeu: “Pergunta por mim amanhã, e encontrarás um homem sério como um túmulo” (*“Ask for me tomorrow and you shall find me a grave man”*). *Grave* significa *sério*

e *túmulo* e portanto *grave man* é tanto *um homem sério* como *homem tímulo*, ou seja, morto. Shakespeare, muito lacaniano, sabe que o homem sério é o homem morto. O riso, último recurso frente à angústia, permite ao homem rir da morte e do sem-sentido do seu próprio destino.

Assim sendo, a própria estrutura da peça, jogando com o leitor/espectador o conduz a um para-além do dito, e convoca o dizer do ator (ou leitor) a encarnar a ambigüidade sublinhada pelo autor. No *Seminário 6*, Lacan comenta, a propósito do *Hamlet* de Shakespeare, que não é à toa que vários atores ganharam a celebridade interpretando o desafortunado príncipe da Dinamarca. Poderíamos nos perguntar quantos atores estariam à altura de interpretar um Romeu ou um Mercúcio e, sobretudo, quão poucas atrizes estariam aptas a encarnar, com um mínimo de veracidade, a imortal Julieta.

Pois se ousamos dizer que a peça de Shakespeare pode falar da adolescência e nos ensinar sobre a psicanálise, é porque o saber que o poeta tem do inconsciente se encarna em personagens precisos, sobretudo nos heróis principais. Dois adolescentes, tão diversos, que buscam a união impossível para além da união dos corpos na cópula, esta sempre possível, exceto para aqueles que elevam-na à impossibilidade ou à insatisfação por confundi-la com a relação sexual.

Na peça de Shakespeare, os dois heróis adolescentes investem com fúria num para além das aparências, num para além dos semblantes que os transforma nos ancestrais dos cara-pintadas, que pintavam o rosto para denunciar o que estava por trás das aparências de um governo corrupto. Romeu, cara-pintada, denuncia as aparências das palavras pintadas:

Oh, tantas coisas primeiramente criadas do nada!
Oh, pesada ligeireza, séria vaidade,
Informe caos de sedutoras formas!
penas de chumbo, fumaça luminosa, chama gelada,

*Saúde enferma, sono em perpétua vigília,
Que não é o que é!
Tal é o amor que sinto, sem sentir em tal amor, amor nenhum!
Não ris?*

O questionamento de Julieta é ainda mais radical. Ela investe contra o nome e o denuncia como o semblante por excelência:

*Oh Romeu, Romeu, porque és Romeu?
Renega teu pai e recusa teu nome;
ou se não o quiseres,
jura apenas que me amas
e não serei mais uma Capuleto!*

No entanto, para Julieta não ser mais uma Capuleto não é grande façanha. Por amor, as mulheres renunciavam a tudo, nos diz Lacan, a seus bens e a seu nome, que na verdade é o nome de seu pai. Mas o que Julieta visa é mais, é, para além do nome, o âmago do ser de Romeu:

*O que há em um nome?
O que chamamos rosa, com outro nome
Exalaria o mesmo perfume tão doce;
E assim Romeu, se não se chamasse Romeu
Guardaria esta querida perfeição que possui sem o título.
Romeu, despoja-te do teu nome
E em troca de teu nome, que não faz parte de ti,
Toma-me por inteira!*

Tal é a subversão proposta pela paixão, o que nos faz indagar se os adolescentes, sob o impacto da descoberta do sexo, não são, como as mulheres (segundo Miller), amigos do real. No entanto, o amor, paixão do ser, cria um muro contra o real, mas é um a-muro frágil, contingente. Os dois adolescentes que se amam não amam do mesmo modo.

Romeu ama antes de tudo o amor, e encontra uma bela dama, sua mulher inesquecível, em cada esquina. Poderíamos mesmo especular se

este não seria o destino de sua paixão por Julieta, caso as intrigas da peça não o tivessem levado ao fatídico fim. No 1º ato, cena I, se desespera pelo amor de Rosalina, e já na cena IV, tendo entrado de penetra com seus amigos na festa dos Capuletos, diz ao ver Julieta:

*Porventura meu coração amou até agora?
Jurai que não, olhos meus. Porque até esta noite
Jamais conheci a verdadeira beleza!*

Este é o mesmo Romeu que na cena II dizia sobre Rosalina:

*Uma mulher mais bela que minha amada?
O sol que tudo vê, nunca viu
Outra semelhante, desde a aurora dos tempos!*

Romeu ama o amor, as belas formas, ama enfim a beleza. Este é o amor dos homens, segundo o poeta. Freud aponta o olho como uma zona erógena privilegiada, que pode ser estimulada mesmo à distância pelos encantos do objeto sexual. “Parece-me indubitável que o conceito de belo tem sua raiz no campo da excitação sexual, e originariamente significou o que excita sexualmente”. A palavra alemã *Reiz* significa tanto *estímulo* quanto *encantos*.

A própria Julieta parece suspeitar da leviandade do amado, na inesquecível cena do balcão:

*R: Senhora, juro por essa lua que coroa de prata as copas das árvores frutíferas...
J: Oh, não jures pela lua, a inconstante lua que muda todos os meses sua órbita circular, a fim de que teu amor não se mostre igualmente inconstante.
R: Por que devo jurar?
J: Não jures de todo ou, se quiseres, jura pela tua graciosa pessoa, que é o deus de minha idolatria, e acreditar-te-ei!*

O amor de Julieta é diverso do de Romeu: para além da ‘querida perfeição’ do amado, seu desejo é desejo de desejo e, neste sentido, ela encarna o terrível sujeito do desejo, como Pensée de Coûfontaine na

trilogia de Claudel¹. No Seminário *A Transferência*, Lacan comenta que, à diferença do herói da tragédia clássica, cujo destino está nas mãos dos deuses e que *não sabe*, como Édipo, do seu crime e caminha cego para o castigo, na tragédia moderna, Deus está morto.

O herói por excelência da tragédia moderna é o Hamlet, também de Shakespeare. Já desde o início da peça o pai está morto e retorna das profundezas do inferno para clamar por vingança. É um pai morto e humilhado pois morreu “na flor dos seus pecados”. O herói aqui tem que enfrentar não a fúria dos deuses, mas as vacilações do seu próprio desejo. Ao contrário de Édipo, Hamlet *sabe*. sabe da morte do pai, sabe do crime, dos pecados do pai e do gozo sem barreiras da mãe.

Na trilogia de Claudel, o pai também é humilhado. Na primeira peça, a heroína defende o nome Coûfontaine, acredita no nome, e para salvar o Papa, o pai de todos, destrói sua vida e entrega seu nome e seu corpo ao inimigo. A segunda peça encena a morte do pai em pleno palco: um pai indigno, vilão, que recusa ao filho o próprio nome. Na terceira, finalmente, Pensée vem, pela via do desejo, redimir o destino destroçado dos Coûfontaine, apontando que um nome é só um nome, e que só se pode aceitá-lo verdadeiramente quando se sabe que ele encobre o vazio do impossível de dizer. Pensée, a heroína cega, encarna o implacável sujeito do desejo, e de tanto desejar se transmuta no próprio objeto do desejo, tal como Julieta.

Julieta é, então, uma digna antepassada de Pensée, que se pergunta, afinal de contas, o que é um nome e que não se deixa tomar, em nome do pai, pela inimizade entre os Capuletos e os Montecchios. Desde a primeira cena em que aparece, a heroína é marcada como uma mulher especial pelo poeta (cena III do 1º ato). A ama conta repetidas vezes uma anedota ocorrida no dia do seu desmame, uma historietinha graciosa que salienta a precocidade da menina. Filha amável e obediente, não reluta, em nome do amor, em enganar e mentir. Nem mesmo a morte do primo Teobaldo, seu grande amigo, pelas

mãos de Romeu, o que num primeiro momento a lança em desespero, nem mesmo isto, a afasta de seu desejo:

*Devo falar mal de quem é meu esposo?
Ah, pobre senhor meu!
Que língua exaltará teu nome quando eu
Há três horas tua esposa, o injuriei?*

O desejo ardente que a move desde que conheceu Romeu a faz agir com uma falta de modéstia pouco comum nas donzelas casadouras. Já no primeiro encontro, da festa em sua casa em que Romeu entra de penetra, permite que o rapaz a beije, sem ao menos saber seu nome, e diz à sua ama:

*Vai perguntar-lhe o nome.
Se for casado, temo que o túbulo será meu leito nupcial!*

E ao saber de quem se trata, exclama:

*Meu único amor nascido do meu único ódio!
Cedo demais o vi, sem conhecê-lo,
Tarde demais o conheci.*

A própria Julieta se encarrega de esclarecer ao amado, na cena do balcão, a razão de sua conduta ousada:

Em verdade, arrogante Montecchio, sou muito apaixonável e por causa disto poderás pensar que minha conduta seja bem leviana; mas acredita-me, gentil-homem, mostrar-me-ei mais fiel do que aquelas que têm mais destreza em dissimular. Devo confessar que deveria ter-me mostrado mais reservada, se não tivesses surpreendido minha verdadeira paixão amorosa antes que eu me desse conta. Perdoa, portanto, e não atribuas a um amor leviano esta fraqueza minha que a noite escura revelou.

Porém, mesmo a implacável Julieta, que investe contra os semblantes em nome do amor e do desejo, em nome deste mesmo amor e desejo, deixa-se enganar e tenta enganar o outro. Após a

única noite de amor dos jovens, Romeu deve partir para o exílio por ter matado Teobaldo — são ordens do príncipe. Julieta, apaixonada, tenta deter seu amado:

Queres ir embora? O dia ainda não está próximo. Foi o rouxinol e não a cotovia que feriu teu ouvido receoso. Todas as noites ele canta naquela romãzeira. Acredita, amor, foi o rouxinol.

Mas era a cotovia que com seu canto anunciava a aurora e os dois jovens devem se separar para se reencontrarem depois, uma única vez, no momento que sela seus destinos trágicos. Julieta, para escapar ao casamento contratado por seus pais, toma uma droga que lhe permite fingir-se de morta. Romeu vem a seu encontro e, acreditando-a morta, toma um veneno e morre. Julieta desperta e vendo morto o seu amado, toma seu punhal bradando: “Oh, bendita adaga!” e apontando para o peito “esta é a tua bainha. Enferruja aí e deixa-me morrer!” e apunhalando-se cai morta sobre o corpo de Romeu.

Enquanto os jovens adolescentes investem contra os semblantes em nome da verdade de sua paixão, os adultos — os pais — aqui aparecem como figuras fracas, túbias. Frei Lourenço, com suas intrigas, faz Julieta fingir, mentir e trapacear, e termina, cheio de boas intenções, por levar os jovens à morte. Também aqui, trata-se do pai humilhado da tragédia moderna: os pais dos jovens se dão conta tarde demais da vanidade de suas desavenças, e é sobre os corpos dos filhos que aprendem a lição. Tarde demais; o pai humilhado não salva seu filho.

São estas as lições que a adolescência nos dá e que o poeta nos ensina através da trágica história de amor: um nome é só um nome, e por trás dele nada há; a união perfeita não existe, nem na mais ardente paixão; e o pai não salva, o pai é fraco, o pai não protege seu filho da morte. Sobre o cadáver de Romeu, o velho Montecchio chora:

*Oh tu, leviano, que modos são estes
De te lançares para o túmulo antes de teu pai!*

A morte dos jovens, na flor da idade, no despertar dos sonhos, recai sobre os pais impotentes. Diz a senhora Capuleto:

*Ai de mim! Este espetáculo de morte
É como um sino que chama minha velhice para o sepulcro!*

Se o pai tem tantos nomes: frei Lourenço, Capuleto, Montecchio, o príncipe, “é que não há um só que lhe convenha, a não ser o Nome do Nome do Nome”. Se são tantos nomes, é que nenhum nome há para salvar o filho. Alertados pelas mortes precoces sobre a vã mesquinhez de suas disputas, os Montecchios e os Capuletos só podem se reconciliar quando tudo está perdido.

Ao príncipe, pai humilhado, chefe de estado cuja autoridade não pode impedir, com uma ação enérgica, a matança, só resta concluir:

*Uma lúgubre paz acompanha esta alvorada.
O sol não mostrará sua face devido ao nosso luto.
Saíamos daqui para falarmos mais longamente sobre os acontecimentos
Uns serão perdoados e outros serão punidos,
Pois nunca houve história mais triste
Do que esta de Julieta e Romeu.*

Que se amaram de forma tão diversa, que nem no ato final se encontraram, ele bebendo o veneno, que não era dela, e ela, baihha do punhal, que não era ele.

¹ A trilogia de Claudel, *O refém*, *O pão duro* e *O pai humilhado* é referida por Lacan já em 1948, no *Mito individual do neurótico*, e analisada no *Seminário 8, A transferência*. *

Referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Tres ensayos de teoria sexual y otras obras. *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Ed., v.VII, 1995.

LACAN, Jacques. *El despertar de la primavera. Intervenciones y textos*, 2. Buenos Aires: Ed. Manantial, 1988.

SHAKESPEARE, William. *Obra completa*, v. 1. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1995.

_____. The Most Excellent and Lamentable Tragedy of Romeu and Juliet. *The complete works*, 1991.

■ As referências sobre o texto de Shakespeare foram retiradas tanto do original quanto da tradução em português. No entusiasmo pelo trabalho, algumas vezes a autora arriscou sua própria tradução.

O DECLÍNIO DA ADOLESCÊNCIA



Stella Jimenez

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

Se parece possível verificar o começo da adolescência, que identificamos com o início da puberdade, é mais difícil determinar quando este período acaba.

Tal como Freud, começarei analisando as respostas que o saber popular dá para esta questão. Diz-se que a adolescência acaba quando o jovem adquire uma vida afetiva e financeira independente dos pais. Entretanto, o que escutamos na clínica nos mostra que a independência afetiva dos pais às vezes não se produz nunca, e a financeira é também muito variável. Ou, por vezes, o sujeito tornou-se independente dos pais mas não de outras pessoas, com as quais reproduz a relação que tinha com eles. Poderíamos dizer que o sujeito só sai da adolescência após ter se separado por completo do Outro? Cairíamos na falácia de pensar que apenas a análise permitiria ao sujeito sair da adolescência e, com isso, faríamos coincidir o conceito de adolescência com o de neurose. Isto permitiria concluir que essa resposta é superficial, e que a clínica não a corrobora.

Todavia, o conceito de adolescência se impõe ao saber popular não só como um momento de transição entre a vida infantil e a vida adulta, mas como um momento de crise. Crise da adolescência, crise da puberdade, crise de identidade são termos usados comumente.

Ora, na psicanálise sabemos que crise é a palavra vulgar com que se define os períodos da aventura humana em que as respostas, sempre

enganosas, dificilmente conseguidas, se demonstram falhas. Momentos de encontro com o Real traumático em que a vida do ser falante, na sua diacronia significativa, mostra-se descontínua.

De todas as crises que o ser humano enfrenta é, certamente, essa da adolescência a mais radical: todas as velhas respostas são percebidas como 'furadas'.

A esperança infantil de que crescendo a relação sexual *existiria* se demonstra falsa. Para adiar o encontro com a não relação sexual, ou pelo menos para ritualizá-la, os adolescentes brasileiros encontraram a fórmula do *ficar*, comparável a essa outra invenção humana conhecida pelo nome de *amor cortês*. Agora são os próprios grupos de adolescentes que sancionam se as regras rígidas do *ficar* foram ou não respeitadas. Esta engenhosa prática mereceria um trabalho...

O corpo, eterna alteridade absoluta, mascarava seu caráter de estrangeiro com a enganosa mestria da identificação especular. Mas na adolescência o corpo se impõe como Outro, e o sujeito perde a mestria sobre ele. O sujeito se confronta com o estranhamento do encontro com o não-especularizável do estádio do espelho. Isto tem como correlato o sentimento de despersonalização, que deve ser diferenciado da despersonalização psicótica. Também neste ponto os adolescentes brasileiros se demonstram sábios, já que a prática exaltada de esportes, danças e ginásticas minimiza as diferenças e o corpo lhes aparece como domesticável.

Os pais são percebidos na sua necessária pequenez em relação ao que tinham sido chamados a encarnar e ao que continuam encarnando no inconsciente: o Outro. A autoridade frente a qual até o momento se posicionavam é relativizada. Os ideais vacilam, e os adolescentes saem à procura de novos ideais.

Enfim, o sintoma; resposta com que se tinha satisfeito até o momento à pergunta: "O que o Outro quer de mim?", vinha sendo: "sou criança".

É com este significante e neste mundo infantil que o sujeito, até então, se assegurava de seu lugar no Outro. Uma adolescente me dizia outro dia: “Estou na idade do nada”.

Não surpreende que a adolescência seja um momento privilegiado para a eclosão da psicose. A suspensão das respostas opera como um chamado ao Nome-do-Pai e o sujeito, em cuja estrutura o Nome-do-Pai não está bem amarrado, corre o risco da separação dos registros Real, Simbólico e Imaginário, e o da produção de um surto.

Sabemos que na adolescência se revive o complexo de Édipo. Mas para além do Édipo este é um momento de relançamento, de suspensão da alienação significante. Uma época em que se repete o mito da escolha forçada do sujeito. Com maior ou menor consciência disso, segundo cada caso, o sujeito se vê chamado a renascer para se colocar a questão que, em surdina, sempre acompanha o ser falante: o Supremo Bem é a vida ou é a morte? Concordo com Sonia Alberti quando ela coloca que a morte para os adolescentes é uma questão ética e não só o resultado da noção psicologizante da tendência a agir,

Em toda crise, quando se presentifica o *nonsense* da vida, essa questão aparece. Que face do desejo escolher? Aquela que nos leva a sua única satisfação possível na morte ou aquela que nos faz desejar continuar a desejar?

A questão da morte sempre está explícita na adolescência. Mesmo num livro tão *light* como o de Maria Mariana a questão da morte aparece. Mas agora a escolha já não é entre se alienar ao desejo do Outro ou escolher a morte como princípio de inércia, tal como se poderia pensar que aconteceu quando do nascimento do sujeito. Trata-se, neste momento, de uma escolha entre se alienar ou se destruir, ou seja, entre alienação ou pulsão de morte propriamente dita. A tentação de se optar pela morte é muitas vezes intensa. Pode ser também acompanhada, como coloca Lacan no *Seminário da Ética*, da

fantasia de começar tudo de novo. Wedekind, em *O Despertar da Primavera*, dá um certo 'toque' sobre isto quando Moritz pergunta porque ele havia nascido e não outro filho. Parece que Moritz, ao morrer, daria aos pais outra chance de ter o filho desejado, que ele não era.

As fugas, as situações de risco, os acidentes de repetição, as experiências com drogas são outras formas de demonstrar essa vacilação entre morte e vida. São situações que, seja na vertente *acting out* — “ele pode me perder?” —, para tentar se escrever como falta no Outro, seja na vertente *passagem ao ato* — “não quero saber mais nada disso” —, têm o valor de pôr em jogo a fantasia da própria morte.

A depressão e a tristeza sem causa aparente, definidas por Lacan como covardia moral, tão freqüentes na adolescência, mostram que o sujeito não quer saber o que deseja — frente ao dilaceramento da questão prefere nada saber. O sujeito abdica do desejo para não ter que decidir sobre questão tão crucial, e não pode mais responsabilizar o Outro pela resposta.

SAÍDA DE A ADOLESCÊNCIA

A saída da adolescência corresponderia a uma opção, uma escolha, ainda que transitória. O adolescente acaba, normalmente, por escolher novas alienações significantes. Infelizmente, não todos. Novos ideais, novas significações, novos sentidos para a vida. Novos sintomas. A adolescência acaba quando as perguntas se acalmam. O sujeito opta ou por se tornar o que se chama vulgarmente de uma *pessoa de bem*, levando em conta o que significa *o Bem* como barreira em relação à satisfação dos desejos, ou por ser um canalha, direcionando para fora seu desejo de destruição. Até a próxima crise, essas respostas funcionam.

Mas a adolescência fica para sempre na lembrança como o momento crucial de interrogações. Como demonstra Sonia Alberti em seu livro, quando um autor retoma a adolescência e a romantiza em um trabalho semelhante ao analítico. Na literatura, o adolescente resolve suas questões percebendo que todas as respostas são ficções, máscaras

úteis para manter vivo o desejo. Musil, em *O Jovem Törless*, demonstra, sem ter lido Lacan, que a significação do sujeito é um número imaginário, colocando a interrogação implícita na aventura — “quem sou eu?” — sob a forma da interrogação explícita sobre os números imaginários. A resposta que encontra é radical: o sujeito pode assumir qualquer significação, pode chegar a desempenhar qualquer papel, dependendo das circunstâncias. Wedekind nos mostra Melquior, no cemitério, tendo que optar pela morte ou pelo homem mascarado. A resposta é em tudo semelhante à produzida por um processo analítico. Se o Supremo Bem é a morte, o sujeito não perde por esperar, já que a morte é necessária. A morte, diz Lacan, tem a estrutura de um ato falho, pois o sujeito a concebe como contingente apesar de ser estritamente necessária. E escolher a vida só pode ser sob a forma de uma máscara.

GRAFITO: O NOME DO NOME DO NOME

Heloisa Caldas Ribeiro

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

Certa ocasião ouvi a pergunta indignada de uma mãe à sua filha que havia sido flagrada na escola pichando as paredes. A mãe já não conseguia compreender porque sua filha, antes tão doce e meiga, havia se tornado rebelde e agressiva. Entendia menos ainda como uma adolescente de classe média, sem nenhuma carência social grave, podia se dedicar a esta atividade que, a seu ver, expressava a rebeldia da juventude causada pelas marginalizações e distorções sociais. Após um longo sermão em que discorre sobre as prováveis causas destes jovens, a mãe questiona a filha: — “Você é uma rebelde sem causa?”, ao que a filha, com frieza insolente, teria respondido: — “É isso mesmo. Sou uma rebelde sem causa!”

Proponho que façamos nossa a pergunta desta mãe, modificando-a um pouco, para indagar qual é a causa que move os jovens da nossa época e os leva a esta manifestação de tudo marcar com traços estranhos e aberrantes. Em especial, porque algo mudou nas últimas décadas e o antigo hábito de pichar deixou de ser uma forma de veicular mensagens de cunho político ou pornográfico, para se tornar a escritura de formas ininteligíveis e indecifráveis que não comportam nenhum sentido. Por esta razão, por não se tratar de uma mensagem no sentido mais comum do termo, passo a denominar esta escritura de *grafito*, pois este termo está mais vinculado à noção de inscrição ou desenho toscamente riscado. O dicionário, inclusive, o aponta como relativo a épocas antigas¹. O que pode ser tão eterno que faz do que é mais antigo na atividade da escrita um fenômeno moderno?

No *Seminário 9, A identificação*, Lacan comenta a importância da escrita anterior ao que hoje conhecemos como transcrição da linguagem oral. Muito antes de se utilizar um alfabeto que pudesse transpor graficamente a fala oral, o homem já inscrevia, como provam os inúmeros achados arqueológicos. Não se tratava de uma escrita fonetizada como veio a se desenvolver, mas de uma inscrição significativa, na medida que marca, representa e se oferece à leitura. Ainda que não seja possível descobrir o que está dito nestas inscrições pré-históricas, sabe-se, com certeza, que elas portam um querer dizer. A articulação entre o significante e o desejo, um traço e o querer dizer de um sujeito, é o que de eterno existe na relação do homem com a letra. Os grafitos têm exatamente esta característica: são desenhos que estilizam as letras conhecidas ou criam formas novas, podem ser palavras estrangeiras completamente descontextualizadas, parecem logomarcas nada óbvias e, o que é mais interessante, constituem um novo nome próprio para o grafiteiro que as produz. É sabido que cada jovem inventa sua inscrição e a usa como uma forma de identificação. Quando muito, o grafito quer dizer que um, aquele daquela marca, esteve ali. Visto desta forma o grafito porta uma mensagem mínima — eles dizem de cada um que há um, eles permitem a identificação de um ser; alguém passou por ali e deixou sua pegada indelével nas pedras e muros do deserto da cidade.

A característica básica do significante, distinguir-se pela oposição a outros significantes, está presente no grafito — um desenho diferente para cada grafiteiro. Lacan salienta, no referido seminário, a identificação ao traço — *einzigster Zug* — que Freud aponta em *Psicologia das massas e análise do eu* e diz: “A fundação do um, que constitui este traço, não é em nenhuma parte tomada noutro lugar senão em sua unicidade: como tal não se pode dizer dele outra coisa senão que ele é o que tem de comum todo significante, de ser antes de tudo constituído como traço, por ter este traço por suporte”². O jovem grafiteiro garante desta forma sua ex-sistência, traça sua presença no mundo, desaparecendo simultaneamente por detrás do nome fantasia. A quem se dirige nesta mensagem bizarra?

O grafito é associado à pessoa que o desenha por muito poucos, em geral, apenas por aqueles que fazem parte daquele bando de grafiteiros. Há, portanto, outros imaginários, semelhantes, para quem esta identificação se dirige. Inclusive, é freqüente a rivalidade entre os bandos. O grafiteiro risca por cima do grafito do inimigo, como que o invalidando, e acrescenta o seu ao lado. O fenômeno é da mesma ordem de outros da linguagem, característicos da adolescência, como a gíria ou a utilização de um novo alfabeto que codifica mensagens. Estas manifestações são típicas na constituição dos grupos e implicam o narcisismo das pequenas diferenças. A gíria visa chocar ou deixar no ar aquele que não a entende, assim como a mensagem em código tanto se dirige para quem tem sua chave como para quem não a tem. Um exemplo é o da mocinha que afixa no mural de seu quarto um lembrete para si própria, em sofisticados arabescos, não desconhecendo que os adultos da casa irão vê-lo. Sabemos, porém, que para além do outro imaginário o apelo ao Outro também está presente nestes casos. É quase como se dissessem: “decifra-me ou te devoro”.

No caso do grafito, o endereçamento ao Outro simbólico é patente e, na medida que não pode prescindir do espaço público, salta ostensivamente da intimidade dos grupos para o campo do Outro. Campo diante do qual o enigma do *Che vuoi?*, “o que o Outro quer de mim?”, faz o jovem responder com sua pretensa identificação vazia, de forma a inverter e relançar a questão. O grafito identifica com a mesma vacuidade do nome próprio, não diz nada sobre o ser e seu gozo, quando muito o cifra. A problemática do sujeito frente ao gozo e sua cifra não é exclusividade de nenhuma faixa etária; muito ao contrário, o sujeito da Psicanálise, o sujeito do inconsciente, é atemporal. Por que, então, esta questão irrompe de forma tão contundente naqueles que designamos pelo termo ‘adolescente’?

Adolescência não é um conceito proposto pela teoria da Psicanálise. Na verdade é um termo bastante novo, data do século XIX, e foi estabelecido por toda uma perspectiva histórica da

educação, da sociologia e da psicologia, na qual não vamos nos deter aqui. Freud, ainda que dessa época, utilizou o termo 'puberdade', no qual salienta as transformações do corpo que deixa de ser biologicamente infantil. No entanto, se o corpo deixa de ser biologicamente infantil, Freud postula que o mesmo não ocorre com o sujeito do desejo. O sujeito do desejo se constitui frente ao impasse da castração que tem no complexo de Édipo seu momento decisivo. Desta forma, o sujeito na puberdade terá que se haver novamente com suas questões cruciais para fazer frente às modificações da demanda pulsional. O infantil é tempo de postergação, sonho e espera. A puberdade provoca um despertar no qual urge concretizar o sonho, o mesmo sonho de sempre, invariável na determinação de cada sujeito. O adolescente, portanto, adoece desta loucura humana que é a de realizar o sonho. Ele não pode mais esperar, é preciso concluir. O tempo lógico do momento de concluir exige o ato. Distinguindo-se da mera ação, o ato é um dizer que localiza o sujeito do desejo em relação à cadeia significante e à lei da função paterna.

Grafitar é um ato. Um ato porque diz e porque situa um sujeito diante do gozo. O grafito agride a lei da cidade, suja, invade a propriedade pública e privada, enxovalha irreverentemente e enfeia. É um ato de óbvia transgressão. Em *Mal-estar na civilização*, Freud comenta os valores reverenciados pela civilização como a beleza, o asseio e a ordem, valores construídos por uma idealização tomada dos parâmetros de modelos celestes, a qual exige uma renúncia ao que ele considera como a tendência inata dos seres humanos ao descuido, à irregularidade e à irresponsabilidade. Ou seja, ao que se encontra submetido não só ao princípio do prazer, como também ao para além do princípio do prazer³. O ser humano, conseqüentemente, vive na cultura um mal-estar. Em termos de gozo, este mal-estar decorre do impasse de cada um dever ceder do seu gozo todo, em nome de uma via que lhe permita acesso a um quinhão de gozo. Isto é o que se representa no mito de *Totem e tabu*, e que se verifica na ordem do Direito, na qual se prescreve o uso, porém se proscree o abuso dos

ditos bens, conforme Lacan comenta no *Seminário da Ética*⁴. O que se repete neste ato de grafitar? Pensamos que é um ato através do qual se recoloca o paradoxo do parricídio.

O complexo de Édipo deixou ao sujeito um legado, a submissão à lei paterna, mas também colocou-o frente ao seu paradoxo: ser exatamente como o pai e não ser como o pai, pois só este tem certas prerrogativas⁵. A identificação ao Nome-do-Pai, longe de ser um paraíso ou uma terra prometida, é um campo de conflito e guerra. Conflito entre dever abrir mão do que justamente se deseja e guerra na qual o pai imaginário é um rival a exterminar. O adolescente vive então de forma muito aguda o mal-estar na cultura. Um trabalho deve ser realizado sobre o que do púbere reaviva o despedaçamento do corpo pulsional. Este trabalho só dispõe como recurso dos procedimentos de idealização, estabelecidos na infância sobre o ideal do eu e a identificação, e tem a missão impossível de dessexualizar as representações incestuosas conduzindo à eleição de um objeto menos inadequado. Em termos freudianos, é a missão de reconciliar a corrente terna com a corrente sensual, antes tornadas incompatíveis pela interdição paterna.

Outra observação interessante é que se trata de um ato heróico. O grafiteiro galga alturas como um homem-aranha para deixar seu traço no topo de prédios e monumentos, na borda de viadutos perigosos pelo trânsito intenso, no domo de catedrais, enfim, onde ficar mais claro que, para além das leis humanas, ele desafia a lei da gravidade e da segurança, como se ultrapassasse os limites entre a vida e a morte. Sua inscrição não deixa de ter o caráter de um poema épico. Segundo Freud, o primeiro poeta épico foi aquele que inventou o mito heróico, que disfarçou a verdade com mentiras consoantes com seu anseio, o de que um homem sozinho pudesse matar o pai⁶.

Mas que verdade é esta que Freud aponta? Por que é mentira que se possa matar sozinho o pai e tomar seu lugar para de tudo

gozar desenfreadamente? Freud responde à esta questão com o próprio mito, asseverando que o pai é desde sempre morto. O pai totêmico, que de tudo goza, não é senão um ideal inalcançável frente ao qual qualquer humano é impotente. A lei não é portanto o exercício humano do direito; ao contrário, o exercício do direito é consequência de um assujeitamento anterior do sujeito da fala à lei da castração.

A castração, do ponto de vista de Lacan, é a própria impossibilidade significativa, pois não há nenhuma representação que possa satisfazer à demanda pulsional. O objeto *a*, suposto complemento do sujeito, objeto que permitiria o acesso ao todo gozar, é inacessível no plano do sentido, pois nenhuma palavra o determina. É insuficiente no plano imaginário, nenhuma forma do visível o encorpa e, conseqüentemente, ex-siste à cadeia significativa como o furo do real. O que Freud colocou em termos de impotência, Lacan recoloca em termos da impossibilidade inerente à lógica significativa. Desta forma, tudo que é da ordem da linguagem constrói uma ficção, uma mentira, que acaba por revelar uma verdade que não está contida no sentido, mas no não sentido que cada sentido aponta. A verdade da castração, que todo neurótico tenta desesperadamente esquecer, é a falta de um significativo que dê conta do sexo e da morte.

Lacan situa esta questão, em Freud, desde a problemática da transcrição da representação inconsciente em representação pré-consciente. O significativo ao tentar apreender a Coisa, *das Ding*, dela mais se afasta, apagando-a, de forma que da Coisa o que resta inapreensível pelo significativo assume o estatuto de causa. Na perseguição da causa, o sujeito é condenado a falar e a cadeia significativa é infinita.

Os grafiteiros não se restringem a deixar sua marca solitária entre outras. Eles parecem compelidos a repeti-la, tanto quanto a oportunidade lhes permite, ao longo do mesmo muro. Todavia não é exatamente o mesmo de uma cadeia significativa, onde S_1 é diferente de S_2 . Trata-se de um significativo monocórdico que não encerra em si nenhum sentido

e nem é ressignificado *a posteriori* por outro significante. É evidente que o que importa do sentido é justamente o não-sentido. Só podemos atribuir algum sentido a isto se, como já o fizemos, o tomarmos como um ato, um ato repetitivo e sintomático.

Assim como o sintoma histérico inscreve no corpo os hieróglifos que visam erotizar um gozo, podemos pensar o ato de grafitar como uma tentativa de circunscrever um gozo. Um gozo que é sempre da ordem de um real do corpo e que empurra um sujeito às representações simbólicas e imaginárias, a ordenar este gozo com seu arsenal lógico disponível, isto é, sua ficção de identificação e de objeto. O que poderíamos também chamar de ordem fálica do sujeito.

A adoção de um nome fantasia que substitui seu nome próprio visa dar conta da falha do Nome-do-Pai. É um nome com o qual busca metaforizar o enigma do sexo, o indizível da não-relação sexual, da ausência do objeto de complementaridade e da falta-a-ser. Como Freud aponta, é uma identificação ao traço, na qual “a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação”⁷. Coincidem desta forma a falta de sentido da falta-a-ser e a da falta-a-ter. O grafiteiro, como bem respondeu a adolescente insolente, é um rebelde sem causa, não pode explicar a causa como queria sua mãe. Ele desconhece sua causa. Para cada sujeito é precisamente isso que o causa.

Em seu comentário à peça de Wedekind, *O despertar da primavera*, Lacan elogia a perspicácia do autor em mostrar que algo rateia no ato sexual, apontando para a relação do sentido com o gozo. Relação que ele assinala ao dizer que é ao se propor o próprio enigma que se encontra o sentido do sentido. Pensamos que o grafito não deixa de ser um enigma proposto e encontramos nele o sentido do sentido: o não-sentido. É um nome que o jovem elege desconsiderando qualquer instituição da legitimidade dos nomes

dos cidadãos e, conseqüentemente, evidencia mais ainda o nome em sua função de semblante. Convém citar Lacan no texto mencionado:

Mas o pai tem tantos nomes e tantos que não há Um que lhe convenha, senão o Nome do Nome do Nome. Nenhum Nome que seja seu Nome-Próprio, senão o Nome como ex-sistência. Ou seja, o que, por excelência, faz semblante⁸.

¹ FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

² LACAN, Jacques. *O Seminário 9: a identificação 1961-1962* (inédito), lição de 22/11/1961.

³ FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização-1930. *Obras Completas* v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p.112-114.

⁴ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise-1959-1960*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p.279.

⁵ FREUD, Sigmund. O ego e o id. *Op. cit.*, v.19, 1923. p.49 .

⁶ Idem, Psicologia do Grupo e Análise do Ego. *Op. cit.*, v. 18, 1921. p.171.

⁷ Idem, Ibidem. p.135.

⁸ LACAN, Jacques. O Despertar da Primavera. In: *Falo, Revista Brasileira do Campo Freudiano*, nº 4-5, 1989. p. 7-9.

O BEIJO

Ondina Maria Rodrigues Machado

Correspondente da Seção-Rio da EBP

É esse? Não. É esse? Não. É esse? É.

Pêra, uva, maçã ou salada mista?

Quem nunca brincou disso? Com o coração na boca se fazia a escolha. Pêra- aperto de mão; uva- abraço; maçã- beijo; salada mista- beijo na boca. E se o escolhido fosse feio e a escolha fosse salada mista? Mas se fosse bonito e a escolha fosse pêra?

Dúvidas sempre dividem o sujeito, mas a irresistível emoção em ver de quem se trata precipita a escolha. Tempos nada lógicos, pois antes de ver tem-se que concluir. Esta é a incerteza antecipada.

O *frisson* que se apossa do sujeito nesta brincadeira nos faz refletir sobre a função do beijo na descoberta da sexualidade e no encontro com o outro sexo.

Parece que o manto de romantismo que envolve o ato de beijar o destitui de interesse científico neste final-de-século. A bibliografia pesquisada demonstra este fato, sendo o beijo, nesses últimos tempos, incluído somente em livros de poesia ou em manuais do tipo 'como fazer para chegar lá'. Foi a incidência do assunto no material clínico de sujeitos de várias faixas etárias, que me chamou a atenção e motivou este trabalho. Se, por um lado, os estudos teóricos são escassos, por outro temos a mídia explorando maciçamente esta parcela do mercado, fazendo o uso das experiências vividas por adolescentes para veicular os mais diversos

produtos. Pode ser observado que, através dela, o beijo, principalmente o primeiro, tem lugar de destaque.

A clínica me fez pensar no beijo como um relés, um acionador da sexualidade, que, após um período de breve latência, faz o sujeito despertar para o real do sexo. Gabriela, sete anos, pergunta: “Como é que a gente beija?” E complementa: “A Joana disse que é para abrir a boca e cuspir lá dentro, que nojo...”

Beijo ou ósculo vem do latim *osculum*, diminutivo de *os* ou *oris* que quer dizer boca. É traduzido por boquinha, devido à forma de pequena boca que se faz na contração dos lábios para executar a ação de oscular, beijar¹. “Um beijo”, diz prosaicamente o Dr. Henry Gibbons, “não é mais que a justaposição dos músculos orbiculares do orifício bucal em estado de contração”². Será que esta definição anátomo-fisiológica do início do século ajudaria Gabriela?

Temos também, desta mesma época, outra tentativa de definir e classificar o beijo, que nos é dada pelo Dr. Onimus, onde o critério funcional se mostra predominante. Hipocraticamente, ele diz serem três os tipos de beijos:

*O beijo cutâneo, pele contra pele, usado por velhos e crianças como uma formalidade, sem compreender seu sentido íntimo nem vibrar por sua sensação; o beijo cutâneo-mucoso, quando a mucosa dos lábios é aplicada sobre qualquer região cutânea fazendo uma aliança entre a mucosa e a pele; o beijo propriamente voluptuoso, em que as mucosas reciprocamente entram em contato. O beijo cutâneo é o da indiferença, o cutâneo-mucoso é o do carinho; só o último corresponde ao amor*³.

De maneira geral o beijo é classificado em duas grandes vertentes: a primeira é aquela onde o beijo é usado como uma saudação, incluindo-se nela os beijos reverenciais e de adoração; a segunda, aquela onde o beijo teria um cunho sexual, chamado beijo de amor. Esta classificação grosseira já nos traz algumas questões: ambas não seriam manifestações de amor? E mais, ambas não seriam deslocamentos da sexualidade?

Sabemos que o verbo adorar significa, etimologicamente, oscular, devido à ação que ele descreve: *ad-orem portare* (levar à boca)⁴. Vejamos como o adorar-beijar pode desdobrar-se em saudação-amor. No sentido da adoração, o beijo tinha papel importante nos ritos pagãos. A adoração aos ídolos, Baal por exemplo, era marcada por beijos que lhe eram ofertados. No monoteísmo, o beijo se mantém como sinal de respeito e reverência. Na época dos patriarcas, o beijo era usado como saudação e como demonstração de estima por parentes e pessoas mais próximas. No feudalismo, o servo beijava o punho da camisa do senhor quando este retornava de uma fazanha, e na época da colheita servo e senhor beijavam-se em sinal de agradecimento mútuo pelo trabalho realizado.

Passagens bíblicas mostram que na Antigüidade o beijo já era usado em sua vertente de amor, como na passagem em que Jacó se apaixona por Raquel (Gen-29/11) à primeira vista e a beija⁵.

Na Grécia antiga é insuspeita a instituição do beijo de amor, sendo este cantado pelos poetas como uma maneira, digamos catagórica, de fazer amor. Safo, em seus elogios ao amor lésbico, dedicava-se a falar do beijo e da sensação de profunda união que experimentava ao beijar suas amadas. “Unir almas...” pelo beijo⁶.

Na mitologia temos beijos que matam e beijos que fazem nascer. Na mitologia romana, Diana — em algumas versões trata-se de Selene — teria capitulado do seu propósito de conservar-se casta, pois, diante do belo pastor Endimião, vítima de um sono perpétuo, sente-se impelida a acordá-lo com um beijo. Narciso morre ao tentar beijar sua própria imagem refletida nas águas.

O beijo de Judas em Cristo foi um sinal para que fariseus soubessem quem crucificar. Como seria classificado este beijo? E o beijo dos *capos* mafiosos selando um pacto de cumplicidade? Estes também fazem uso do beijo, tal como Judas, para se despedirem daqueles que os traem e devem ser eliminados.

Até Havelock Ellis⁷, tão citado por Freud, esforçou-se em estabelecer as origens do beijo, fazendo um amplo estudo sobre os diversos tipos de beijo e sua incidência nas espécies. Disse, por exemplo, que o beijo labial seria um desenvolvimento do sentido do tato, enquanto o beijo nasal, chamado *ongi*, comum entre os orientais, e acrescento, o 'dar um cheiro' dos nordestinos, estaria referido ao sentido do olfato. O beijo labial, tátil ou de contato, seria próprio do homem. Sua origem, darwinianamente falando, estaria em escalas inferiores como a dos insetos que, ao acariciarem-se com as antenas, estariam executando um protótipo do beijo humano. Os pássaros arrulham enquanto se tocam com o bico, os cachorros mordem, lambem e cheiram no contato com a fêmea no cio. Ellis, em *Studies in the Psychology of Sex*, de 1899, estabelece uma correlação direta entre a mucosa oral e os órgãos eróticos:

Temos, nos lábios, uma região altamente sensível, indefinida entre pele e membrana mucosa, análoga, sob muitos aspectos, ao orifício vulvo-vaginal, e reforçada, ademais, pelos movimentos ativos de uma língua que, por si só, é ainda muito mais sensível⁸.

No Taoísmo, todos os livros do *Tao do Amor* enfatizam a importância do beijo. Para os chineses o beijo oral é uma prática erótica íntima, inalienável, do que eles chamam de comunhão sexual, que só perde em importância para o próprio ato do coito⁹.

Do Dr. José Ingenieros, médico baiano, que em 1910 deu um curso de Psicologia dos sentimentos, na Faculdade de Filosofia e Letras de Salvador, Bahia, temos a afirmativa: "o beijo, por si mesmo, é sempre um *reato di libidine*"¹⁰. Baseava-se então nos livros da época, principalmente no italiano Paolo Mantegazza que dedicou grande parte de sua vida ao estudo dos afetos, tendo sido o amor alvo de uma trilogia da qual faziam parte os livros *Fisiologia do Amor*, *Higiene do Amor* e *O Amor dos Homens*. Se *O Amor dos Homens*¹¹ é, segundo uma classificação sua, um ensaio etnológico, com um profundo estudo sobre o amor e suas manifestações nas diferentes raças, desde as mais

inferiores, a *Higiene do Amor*¹² se propõe a ser um ensaio sobre a arte de amar, dando dicas de sedução e abordagem.

Já a *Fisiologia do Amor*¹³, é “um ensaio de análise psicológica do princípio dos afetos”. Nele o autor faz uma descrição das manifestações corporais do amor, tentando com isso tirá-lo da esfera da moral e colocá-lo na da ciência (*corpus hipocraticum*). É importante lembrar que este livro de 1872 foi alvo de uma comoção social à época do lançamento, sendo classificado de obsceno e acarretando a expulsão do Dr. Mantegazza de sua cátedra de Antropologia no Instituto de Estudos Superiores de Florença e de sua cadeira no Senado. O Dr. Mantegazza tinha como intenção, de acordo com os prefácios das várias edições, esclarecer, principalmente os jovens, sobre questões da sexualidade humana, tentando com isso evitar problemas emocionais e principalmente a infelicidade conjugal causados pela total ignorância de homens e mulheres sobre o assunto. Podemos verificar o alcance desta obra e a maneira como foi dubiamente entendida pelo público em geral se lembrarmos do caso *Dora*¹⁴, quando o Sr. K., para safar-se das acusações de assédio à jovem donzela Dora, declara não ser ela tão inocente assim, por já ter lido a *Fisiologia do Amor* do Dr. Mantegazza. Esta leitura havia sido feita sob a orientação da Sra. K. na intimidade de seus encontros com Dora¹⁵.

A literatura da época, fim do século, tentava em geral desvincular o beijo daquilo que se relacionava com a sexualidade, vinculando-o ao amor romântico e estabelecendo com isso o fim reprodutivo da sexualidade. Exceções, como o Dr. Mantegazza, que tratavam a sexualidade como fonte de prazer eram raríssimas e lhes estava reservada a fogueira do Inferno. Foi neste clima que Freud escreveu os *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* que, publicado em 1905, já vinha sendo gestado desde 1897, conforme as cartas a Fliess¹⁶.

Apesar da tendência a manter o beijo de amor longe da sexualidade, podemos ver o fracasso desse intento através das fantasias, que persistem até hoje, quando se associa o beijo à gravidez.

Quando muito jovem fui beijada por um homem bem mais velho. Na época estava flertando com um rapazinho da minha idade e, quando começaram a aparecer bolhas por dentro da minha boca, me vi obrigada a confessar que tinha sido beijada. Tive vergonha de dizer que tinha sido o tal amigo de meu pai e disse que foi este rapaz. Foi um escândalo na família, parecia que eu tinha tido relações sexuais com ele e perdido a virgindade. Nunca mais fui a mesma, achava que não era digna de um casamento de véu e grinalda...

Relato de uma mulher de cerca de 40 anos que foi obrigada a casar-se com um rico fazendeiro para unir terras e que, num dado momento de seu casamento, na forma de um *acting-out*, passou a andar com prostitutas e a se oferecer de graça a caminhoneiros que passavam de noite numa estrada do interior. Esta mulher teve por vários anos uma estomatite que, além de mau hálito, lhe trazia feridas na boca que a impediam de ingerir alimentação sólida. Este quadro só se alterou quando ela passou a frequentar a beira da estrada.

Neste contexto, observamos que entre os poucos autores que tratam do assunto há unanimidade na referência feita ao beijo materno como modelo do beijo de amor. Dizem eles que o beijo materno é o primeiro beijo de amor experimentado pelo homem. Os mais afoitos, dizendo-se embasados na teoria freudiana¹⁷, afirmam ser o prazer extraído de um beijo decorrência do prazer experimentado no ato de mamar, considerando este último como uma forma embrionária do beijo de amor¹⁸. Vejamos, então, em que se baseia esta afirmativa, mesmo que reducionista, e em que podemos avançar para tentar estabelecer o privilégio do beijo na sexualidade.

Na verdade, Freud situa nos *Três Ensaios*¹⁹ que todas as partes do corpo, assim como todos os órgãos internos, são erogeneizados. Fazendo uso da noção de apoio, ele situa que o prazer obtido pela mucosa oral no ato de sugar o seio — que a princípio tinha o objetivo de nutrir — aos poucos foi se desligando desta necessidade, tornando-se um prazer auto-erótico. Do sugar o seio para alimentar-

se ao chupar o dedo como fonte de prazer independente, Freud atribui à mucosa oral um *status* de zona erógena por excelência. Por aí podemos entender o prazer sexual obtido no ato de beijar. Citando Freud, se uma intensificação persistente da região labial como zona erógena privilegiada se mantiver na vida adulta (fixação), estas crianças “tornar-se-ão epicuros do beijo”²⁰. Esta conexão também é apontada em nota de rodapé do mesmo texto, onde Freud, referindo-se ao livro do Dr. Galant, cita a confissão de uma jovem adulta que nunca abandonara o hábito de chupar o dedo, dizendo ser esta uma experiência “análoga à satisfação sexual, especialmente quando isto era obtido através do beijo de um amante”.

Aos 14 anos, Dora, ao ser beijada nos lábios pelo Sr. K., experimenta²¹ “uma nítida sensação de excitação sexual”, que toma a forma de um trauma e a faz reagir com uma violenta sensação de repugnância. Dora havia sido uma chupadora de dedo contumaz na infância, tendo, portanto, eleito a mucosa oral como uma zona erógena privilegiada. Assim sendo, Freud traça uma cadeia sintomática que vai do chupar o dedo às fantasias de *fellatio*, passando pelo beijo do Sr. K., e explica a repugnância como uma inversão de afeto e um deslocamento da excitação que seria genital para uma aversão de localização oral. Daí sua dificuldade de ingesta, a tosse ... Mariana, de 11 anos, me conta ter ficado uma fera com um menino que se atreveu a beijá-la: “A cara dele é cheia de espinhas... vai tudo passar para mim”.

Gostaria, neste momento, de abrir um parêntese para comentar a reação dos funcionários de três bibliotecas às quais fui em busca de material para este trabalho. O entusiasmo do qual eram tomados quando lhes explicava o objetivo da minha pesquisa era de tal ordem que chegou a me atrapalhar. Sugeriam-me livros os mais estapafúrdios, contavam suas experiências, até íntimas, sobre seus primeiros beijos, enfim, foram incansáveis na tarefa de me ajudar. Isto só denota que este é certamente um momento muito especial na vida de todos nós. Uma destas histórias me foi contada por uma mulher de pouco mais de 20 anos.

Disse-me que ao ser beijada pela primeira vez foi “tomada de forte emoção” e desmaiou. Ao lhe perguntar que idade tinha nesta época, respondeu ter 15 anos, o que me fez querer saber se nunca tinha sido beijada antes. Ela respondeu dizendo: “Tinha, mas este foi especial”.

Este fato é exemplar para que situemos que não se trata do primeiro beijo, cronologicamente falando, mas sim daquele que traz a marca do desejo. De amado, *érômenos*, a amante, *érastès*. É esta a virada, o *looping*, que a faz desmaiar, conforme nos diz Lacan na Metáfora do Amor²². Este é o beijo que é contado como o primeiro.

Na passagem da sexualidade infantil à sexualidade da vida adulta temos uma zona de fronteira que chamaríamos de ‘manifestações sexuais da adolescência’, quando estas ainda não incluem o ato sexual em si.

Aline, quatro anos, demonstra com bonecos um saber sobre aquilo que marca uma diferença entre a sexualidade infantil e aquela que a aguarda na vida adulta: dizendo-me que os bonecos estão brincando de namorar, ela os movimenta de forma a fazer com que suas bocas se encostem, ao mesmo tempo em que faz o som de pequenos estalidos. Após repetir esta cena várias vezes, ela pára repentinamente e me diz: “Pronto. Acabou a brincadeira, agora eles vão casar”.

A puberdade é marcada por este “Pronto. Acabou a brincadeira...”, quando estes beijos estalados já supõem que o encontro com o outro sexo está se dando. É a passagem do “beijinho, beijinho, tchau, tchau” para o “beijinho, beijinho, pau, pau”, segundo me diz Rodrigo, um adolescente de 16 anos, explicando o que esperava de sua namorada após um ano de namoro.

Se pudermos entender o beijo como deslocamento do ato sexual, tentando dar conta de uma excitação que não tem ainda sua forma de descarga, digamos, adequada, podemos também situá-lo como um pré-prazer, à maneira de Freud. Para ele, “um sentimento de tensão

envolve necessariamente o desprazer”²³, porém “se a tensão é produzida por processos sexuais, ela é acompanhada de prazer”; conciliar o desprazer da elevação da tensão com o prazer que a estimulação sexual acarreta se dá através da descarga das substâncias sexuais. Neste ponto, ele distingue duas espécies de prazer: um de menor intensidade, ao qual chama “pré-prazer”, em contraste com o outro que chama de prazer final ou prazer de satisfação derivado do ato sexual. “O pré-prazer é, assim, o mesmo prazer que foi produzido, embora em menor escala, pela pulsão sexual infantil”²⁴. Na vida adulta, o pré-prazer seria aquele derivado da estimulação sexual, permitindo à ação avançar até a consumação do ato sexual. O que é importante ressaltar é que há prazer neste pré-prazer; a estimulação, mesmo não chegando à tal descarga das substâncias sexuais, por si, já traz um prazer. Se pensarmos no beijo como uma estimulação feita numa zona erógena (mucosa oral), ela, por si, pode trazer prazer, mesmo que não leve à descarga; prazer pela excitação que a estimulação acarreta.

Se o beijo puder, então, ser entendido como pré-prazer, podemos entender sua função na adolescência: a de objeto temporário privilegiado de satisfação sexual. Atenho-me ao beijo e coloco-o como privilegiado por uma característica que me parece fundamental — é ele, por ele e através dele que se dão as primeiras experiências de encontro/desencontro com o outro sexo. Se na infância o prazer é auto-erótico, na adolescência ele assim se mantém pela atividade masturbatória e por aí, nada mudaria. A especificidade do beijo está justamente nestas primeiras tentativas em se haver com o outro sexo. Lembremos, por exemplo, do beijo que o príncipe dá na Bela Adormecida, acordando-a para a relação sexual. A Bela acorda e a história acaba aí. Na vida dos adolescentes é exatamente aí que a história começa, isto porque, se não sabemos como a Bela e o príncipe se viraram para dar conta de suas angústias frente à falta de complementariedade na relação ‘possível’ entre o homem e a mulher, podemos sabê-lo através do que nos falam os adolescentes sobre esta experiência.

É o encontro com o sexo, na puberdade, que desperta o sujeito para todas estas questões pois é nesse momento, também, que ele é chamado a tomar

posição diante da partilha dos sexos, fazendo equivaler a palavra ao ato. Se até então ele podia dizer-se menino ou menina, nas brincadeiras e nos jogos infantis, somente depois da puberdade ele sela esse dizer com a irreversibilidade do ato, por exemplo, a perda da virgindade²⁵.

O beijo serviria como uma espécie de passaporte na superação da barreira do incesto, possibilitando o encontro com o outro sexo na tentativa de dar conta de seus desejos edípicos, regulando a vida sexual futura. Isto não se dará sem angústias, já que este encontro aponta para a impossibilidade da relação sexual.

Artur, 12 anos, não consegue entender porque uma menina a quem tentou beijar mostra-se, agora, uma grande inimiga sua: “Mas ela tava a fim de ficar comigo. Ela me disse...” Se ele pudesse ouvir a conclusão da Gabriela, aquela que queria saber como se beija, talvez se acalmasse. Ela diz que beijar “é nojento, mas é gostoso”.

¹ CARVALHO, Humberto. *Beijo e Astrologia*, BN - VI - 368,2,53, 1957.*

² INGENIEROS, José. *Estudos sobre o Amor*. Salvador, BN - II - 308,2,5, 1956.*

³ Idem., *ibidem*.

⁴ CARVALHO, Humberto, *op. cit.*

⁵ BESSAT, Victor. *Arte e Técnica do Beijo*. BN - VI - 330,4,64.*

⁶ Idem, *ibidem*.

⁷ Idem, *ibidem*.

⁸ ELLIS, Havelock. *Studies in the Psychology of Sex*, v.I. Londres, 1899.

⁹ CHANG, Jolan. *O Taoísmo do Amor e do Sexo*. Rio de Janeiro: Artenova, 1979.

¹⁰ INGENIEROS, José, *op. cit.*

¹¹ MANTEGAZZA, Paolo. *O Amor dos Homens*, BN - VI - 192,2,41.*

¹² MANTEGAZZA, Paolo. *Fisiologia del Amor*, (Madrid, Editora Espanhola, 1899), BN - M 291 f 3.

¹³ Idem, *ibidem*..

¹⁴ FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria 1905. *Obras Completas*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.24-59.

¹⁵ No artigo *O livro de Dora*, a ser publicado, trato das questões que se abrem para entendermos o que Dora vai buscar neste livro.

¹⁶ MASSON, J.M. *A correspondência completa de S.Freud para W.Fliess*. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

¹⁷ Encontramos a seguinte frase no terceiro dos Três Ensaio, cap. 5, p. 229, quando Freud trata das transformações da puberdade e do encontro de um objeto: "Há, portanto, bons motivos para que uma criança que suga o seio da mãe se tenha tornado o protótipo de toda relação de amor. O encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele." Na nota de rodapé acrescentada em 1915 na mesma página, Freud já nos informa de suas descobertas sobre o narcisismo, onde situa o tipo de escolha descrito acima como anaclítico, "baseado na ligação a protótipos infantis primitivos", e um outro tipo, o qual denominou de narcísico, onde a escolha se dá pela identificação de seu próprio ego em uma outra pessoa. Com esta nota pretendo justificar o adjetivo afoitos.

¹⁸ BESSAT, Victor, op. cit.

¹⁹ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, op. cit., v.VII. Rio de Janeiro, Imago, 1980.

²⁰ Idem, ibidem. p.187.

²¹ FREUD, Sigmund. Fragmento da análise de um caso de histeria, op. cit., v.VII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.26.

²² LACAN, Jacques. *O seminário, livro 8: a transferência 1960-1961*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

²³ FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. op. cit., v.VII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p.215.

²⁴ Idem, ibidem. p.216.

²⁵ ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p.184.

■ As obras assinaladas com * estão sem a referência bibliográfica completa por terem sido encadernadas pela Biblioteca Nacional. São livros muito antigos, alguns raros, cujo tratamento de restauração, que envolveu uma nova encadernação, não permitiu que fossem mantidas as páginas que forneceriam todos os dados necessários a uma referência completa. Algumas traças insistentes, o pó químico e o odor por ele exalado, tiveram que ser driblados para permitir a leitura. A referência que forneço, ao final destas obras, refere-se ao código sob o qual estão classificadas na Biblioteca Nacional.

ADOLESCÊNCIA: QUÊ DESPERTAR?

Maria do Rosário C. do Rêgo Barros

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

Adolescência: o despertar — este foi o tema proposto por esta publicação, para provocar o debate sobre as questões que nos colocam os adolescentes. De que despertar se trata nesse tempo da adolescência?

A psicanálise nos alerta para a dificuldade do despertar. Quando dormimos e somos atingidos por algum estímulo que nos obrigaria a acordar, sonhamos para continuar dormindo. E, se durante o sonho algo irrompe e contraria seu trabalho de realização do desejo que mantém o sono, acordamos para continuar dormindo, embalados pela nossa realidade psíquica, que recobre com a fantasia o que provocaria o despertar. Nem sempre o encontro faltoso com o real que faz acordar, desperta. No entanto ele deixa a marca de um limite, que exigirá do sujeito uma resposta, mais cedo ou mais tarde.

Há alguma chance do sujeito de sair deste retorno permanente àquilo que o protege de acordar? Melhor ainda, que consequências pode o sujeito tirar deste despertar para sua vida? Digamos que a adolescência é para os humanos um tempo onde é dada ao sujeito uma oportunidade de despertar, embora nem sempre isto aconteça.

O que desperta os humanos é o real de um gozo que rompe os recursos simbólicos construídos para lidar com ele. Esta ruptura, que é própria da sexualidade humana, se deve à inexistência do

objeto adequado à satisfação. Este objeto, desde sempre perdido, determina que todo encontro sexual é sempre um reencontro, que todo objeto é sempre substituto. Mas a substituição só pode ser efetiva se o gozo adquire uma significação fálica, que dá aos objetos um valor que lhes possibilita responder pela falta, tentando recuperar o que ficou irremediavelmente perdido. Esta forma de ligação entre o gozo e o sentido encobre de tal forma a perda responsável pela inadequação do objeto, que se pode esquecê-la, deixar de se preocupar com ela, até que, como por acaso, o véu se rompe e mostra que não há nada, e que o objeto falta. Algo no circuito da pulsão se satisfaz fora da ligação entre o gozo e o sentido. É o que ocorre sempre que se encontra uma excitação, um gozo desconhecido no corpo que escapa à significação fálica. Diante desses pontos de ruptura, o sujeito tenta tecer um novo véu, utilizando-se do recurso de sua fantasia. É nisso que o real desperta, mas também pode provocar um sono mais seguro.

Podemos então nos perguntar quê real irrompe de forma particular na adolescência. Há nesse momento da existência uma excitação que faz apelo ao encontro de um parceiro para a realização do ato sexual, colocando o sujeito, de forma inédita, frente ao enigma que representam as mulheres, que o obriga a se ressituar em relação à diferença entre os sexos, à assunção de seu próprio sexo e, sobretudo, em relação ao seu desejo. Desejo que inclui a possibilidade de gozar do corpo do parceiro.

O ato sexual até então se colocava como uma expectativa para o futuro. Agora ele é atual; quer se realize ou não, ele se tornou possível. O adiamento protegia o sujeito das conseqüências da verificação da inexistência da relação sexual, a partir do encontro com o Outro sexo, em sua alteridade absoluta.

Há algo de inédito, ou, como nos diz Lacan, de *jamaïs vu*, no fato de “fazer amor”, que só se torna possível com “o despertar dos sonhos”¹, ou seja, com o recurso à fantasia. No entanto, o que há de contraditório no despertar dos sonhos, é que ele mantém o sujeito atrelado à forma

conhecida até então de se relacionar com seus objetos de amor, os seus pais, embora permita, de certa forma, dispensá-los.

Daí a dificuldade de se entender o que Freud chama “o desligamento ou a ultrapassagem da autoridade dos pais”² apenas com a leitura dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*³, pois o despertar dos sonhos permite o desligamento das figuras concretas dos pais, mas não a separação da autoridade que eles exercem, através da alienação do sujeito aos significantes que deles recebe, e dos quais se apropria para recobrir a perda que o constitui. A partir do seu texto sobre o desaparecimento do complexo de Édipo, de 1923, Freud parece se dar conta da exigência desta separação, para permitir lidar com os avatares da relação amorosa no ato sexual⁴.

Ali onde o Édipo encontra seu ponto de “impossibilidade interna”⁵, onde o sujeito constata inevitavelmente a ausência da satisfação esperada na relação amorosa com seus pais, Freud sente a necessidade de dar um passo além do recalque: a dissolução do complexo de Édipo. Por que o recalque não bastaria para essa separação que levaria à dissolução? O recalque obtido pela ameaça de castração instaura o supereu como herdeiro do Édipo, dando-lhe a autoridade antes atribuída aos pais, o que permite dispensá-los, mas não muda a posição do sujeito no endereçamento de uma demanda incondicional ao Outro. “As fantasias incestuosas são superadas e rejeitadas”⁶, ao mesmo tempo que o gozo obtido pelo sujeito em sua posição de falo “passa ao inconsciente”. Isto o desliga dos pais e pode lhe permitir também assumir seu próprio sexo, mas o mantém escravo da demanda do Outro, que ele coloca como causa de seu desejo. Constitui-se, desta forma, a fantasia própria do neurótico.

Esta fantasia pode servir para despertar o desejo que levaria ao encontro do outro sexo, como também permite experimentar o

gozo sexual com os referenciais fálicos construídos até então, através da relação do significante paterno com o desejo da mãe. No entanto, ela se torna insuficiente para lidar com o que se apresenta de novo na questão dirigida ao que quer uma mulher, não mais como mãe, mas como parceiro sexual.

Quando a resposta paterna faz aparecer o falo como o que 'cessa de não se escrever', como contingência, na relação de um criança com sua mãe, produz-se a ilusão de sua necessidade, como o que 'não cessa de não se escrever'. O sujeito tem, assim, uma chance de ser enganado pela crença na possibilidade de satisfação na relação com seus objetos de amor parentais. Mas ele encontra necessariamente um limite na possibilidade dessa satisfação ao se defrontar com o que quer sua mãe como mulher, momento no qual o falo revelaria sua contingência, porque há, no gozo feminino, algo que 'não cessa de não se escrever'. Em outros termos, o aparecimento da contingência do falo é dependente do impossível.

O sujeito, nesse momento, pode recorrer ao pai para recalcar o que se mostrava impossível de ser respondido e de ser satisfeito, e manter assim sua crença de que se a satisfação falha ou é incompleta, é porque foi usurpada pelo pai e poderá, um dia, ser encontrada no parceiro sexual. Quando o sujeito, nesse encontro, se depara com um gozo que escapa ao falo, é colocada à prova a dedução que ele terá feito de sua dimensão de semblante, ou se exigirá dele que efetue essa dedução. O falo como contingente, na confrontação do sujeito com o impossível da relação sexual, deve ser deduzido como semblante, para tornar suportável o gozo sexual com partes do corpo do outro. É importante lembrar que a dedução do falo como semblante exige uma mudança de posição do pai, na qual se revela sua dimensão de semblante.

Então, há na adolescência a possibilidade de um encontro que rompe a continuidade edipiana⁷ e torna necessário que o que há de

indeterminação no sujeito, o que fica de fora de sua determinação significativa — porque não é saturado por ela —, o leva a se responsabilizar pela sua “posição de sujeito”⁸ frente à sua nova forma de gozar.

O que escapa à determinação significativa é sempre da ordem de um gozo desconhecido do sujeito, que irrompe como resto da operação significativa sobre o ser vivo, lembrando que essa operação, que torna impossível o gozo absoluto, idealizado como complementar, nunca consegue negativizar, anular totalmente o gozo.

O retorno deste gozo pode ter um efeito separador, quando se encontra com a falta no campo do Outro. É nessa interseção de duas faltas — a do sujeito e a do Outro —, e na forma particular pela qual ela ocorre para cada sujeito, que se dá a perda do objeto. Há aí uma separação entre S_1 e a . A queda do objeto faz com que o significante que representa o sujeito, e ao qual ele se identifica para obter satisfação, não se repita com o peso de um destino implacável, atrelado à autoridade dos pais, enquanto que é deles que vêm esses significantes. A autoridade dos pais pesa pelos seus ditos, mas também pelo que fica opaco em seu desejo. “O que eles quiseram dizendo isto?” — e que nem eles mesmos sabem — é uma pergunta que exige uma resposta que é mais que um deciframento, pois é da ordem de uma construção. Assim, o sujeito que tece necessariamente seu destino ao construir sua resposta fantasmática ao opaco do desejo do Outro se mantém ainda em sua dependência, ao lhe atribuir a responsabilidade pelo que acontece nos acasos dos encontros faltosos com o real.

A perda do objeto implica sempre uma escolha do sujeito: ou a renúncia ao gozo já perdido, ou a incessante tentativa de anular essa perda. É aí que aparece a dimensão paradoxal da fantasia. Ela só é possível a partir da separação, mas ao mesmo tempo tenta encobrir o que provocou a separação, ou seja, o que se evidenciou como opaco no próprio gozo do sujeito e no desejo

do Outro. É como consequência do encontro dessas duas opacidades, que se pode esvaziar o gozo do Outro, cobiçado e temido, que ameaçaria o sujeito de destruição. Só com esse esvaziamento o sujeito pode efetivamente se suportar na posição de objeto, necessária ao ato sexual.

Os sujeitos — que enfrentam de forma inédita, num determinado momento de suas existências, a questão do encontro com a falta da mulher: não mais nos personagens maternos, não mais só como desejo da mãe, mas no parceiro sexual — nos mostram a exigência de um trabalho de separação, que lhes permita despertar do sonho edipiano, ultrapassar a autoridade parental e inventar novas respostas.

Uma analisante de quinze anos me fala do seu sofrimento a cada vez que tem que se deparar com situações novas na relação com colegas de sua idade, sobretudo quando está em jogo a sedução, situações em que não sabe sequer qual é sua própria opinião. Nesses momentos, ela recorre a soluções identificatórias com seus pais, irmãos ou, eventualmente, artistas de cinema. Ela diz que os imita, mas vive de modo dramático a precariedade dessa solução, que muito a angustia. Com toda a particularidade de sua posição neurótica, temos aí uma indicação de como ela encontra o embaraço próprio a quem lança mão de soluções que se tornaram obsoletas. Essas soluções supõem, nesses personagens idealizados, um saber sobre o gozo que pudesse orientá-la quanto à sua forma de gozar. Esta suposição constitui o âmago mesmo de sua neurose infantil, ou seja, a forma pela qual ela construiu sua forma de gozar como falo, tentando responder ao desejo do Outro, e o caminho que percorreu para recalcar esse gozo, conservando no inconsciente seus objetos incestuosos e sua crença no poder da mãe fálica. Na medida mesma que ela acredita que esses personagens familiares podem responder pela sua forma de gozar, ela se revolta contra eles, mantendo-se, no entanto, cada vez mais, dependente deles. A

possibilidade de se colocar como mulher, no jogo de sedução, exige dela mais que o despertar de seu sonho edipiano de se manter como falo para responder à falta do Outro. Podemos dizer que exige, mais que o recalque, uma renúncia a esta forma de gozo da infância, para poder eleger sua própria maneira de gozar e suportar que ela funcione como causa de desejo. Para que o sujeito possa articular dessa forma desejo e gozo, é preciso que tenha construído a barreira contra o incesto, ou melhor, que tenha podido deduzir que ele é não simplesmente proibido, mas impossível.

Um jovem analisante, em seu trabalho de dedução do incesto como impossível, me disse um dia: “eu sempre pensei que queria minha mãe, mas agora vejo que não era ela que eu queria, mas um colo, um conforto, que agora sei que não existe”⁹. O que o levou à análise foi sua dificuldade em lidar com as demandas de sua namorada. Os recursos que tinha para lidar com essas demandas eram aqueles construídos pela sua neurose infantil, que o levavam a acreditar que devia existir um jeito de satisfazer sua mãe, para que ela fosse menos infeliz. Ele precisou recalcar essa aspiração por medo da castração. No entanto, ela continuou sendo sua única referência para lidar com o desejo e as demandas dirigidas a ele. O que é interessante nesse caso é que fica patente a precariedade dessa resposta quando se trata de lidar com a mulher como parceiro sexual, embora ela permita de certa forma desejar esse encontro, muitas vezes na busca de recuperar o que ficou interdito na relação com a mãe.

Se o despertar dos sonhos permite lidar com o encontro sexual na adolescência, o que se apresenta aí como real, naquilo que do desejo de uma mulher não se escreve no falo, provoca um outro despertar, **que exige do sujeito um novo trabalho psíquico**¹⁰. **Muitas vezes esse trabalho não consegue se dar sem a passagem pelo ato analítico.** No entanto, os sujeitos que buscam nesse momento uma análise pedem, em geral, uma ajuda que os faça

retomar esse sonho que arriscam perder. Eles trazem, por intermédio de seus sintomas, o paradoxo de sua fantasia: precisam dela para se satisfazerem, mas a ameaça de realizá-la os aterroriza.

Freud lembra, em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, como as fantasias, que dão consistência à vida sexual dos adolescentes, são representações que não são feitas para se realizarem. Ele discute sobre isso no subtítulo dedicado à barreira contra o incesto.

E Lacan, em seu seminário *Mais ainda*, diz: “os neuróticos não têm nenhum dos caracteres do perverso. Simplesmente eles sonham, o que é bem natural, porque sem isso, como chegar até o parceiro?”. Ou seja, como incluir o parceiro como objeto em sua fantasia, e suportar ser incluído na fantasia dele, para extrair desse jogo um gozo?

Mas, justamente, para que isso aconteça, é preciso ter deduzido que a posição de objeto que ele terá tido no desejo do Outro parental é da ordem do semblante. Só assim a fantasia poderá servir ao sujeito, quando ele adquire a possibilidade de encontrar um parceiro sexual. Poder se colocar como objeto no desejo do parceiro e, mais ainda, poder suportar satisfazê-lo a partir dessa posição, exigem que o sujeito se tenha situado corretamente em relação ao que faz barreira contra o incesto, contra o poder suposto devorador da demanda do Outro. Ou seja, em relação à função paterna de interdição que opera a castração a partir do real do pai.

O paradoxo da fantasia, nesse momento da existência, é o que leva muitas vezes o sujeito a não poder dispensar o ato que lhe permitiria deduzir, como impossível, o que é faltoso nesse encontro com o Outro sexo, e assim aceder ao registro do semblante, que lhe permite utilizar sua fantasia de forma não paralisante, ou seja, não sucumbindo à inibição ou à angústia. Não se trata aqui de atravessar o imaginário, mas de articulá-lo ao simbólico diante do impossível do real e produzir assim o semblante.

É preciso lembrar que o semblante tem que ser deduzido da própria estrutura do significante e do objeto que aí se inclui, na medida que estes são suplências do que ficou perdido na constituição do sujeito. Quando a dimensão do faz-de-conta no registro do 'fazer semelhante' leva a um impasse, tem-se que dar um passo a mais para se aceder ao 'fazer semelhante', que só é possível ao reconectar-se com a perda originária, que não é sanada por nenhuma fantasia.

A operação que a fantasia consegue efetuar quando a questão *Che vuoi?* encontra não mais a falta de significante no Outro — que o pai pode, no final das contas, servir para colmatar —, mas o significante da falta do Outro — $S(\Delta)$ — (ou seja, o fato de que é próprio da estrutura do significante este não ser igual a si mesmo, devido à perda do referente, e por isso mesmo não se tem nenhuma garantia de sua significação), é recalcar mais uma vez essa impossibilidade, fazendo apelo ao pai como responsável por ela. O pai privador, no qual se apóia a injunção de gozo superegóica, alimenta o trabalho fantasmático, sustentando o desejo na crença de um encontro possível com o objeto que já está perdido desde sempre. Desta forma se mantém no inconsciente a crença de se poder manter no lugar de falo.

Um trabalho de análise no período da infância pode levar o sujeito à conclusão de que é impossível satisfazer o desejo da mãe porque há nesse desejo algo que escapa ao falo, e que nem o pai pode satisfazer. O falo que o pai oferece à mulher, e a partir do qual a criança adquire um valor como metáfora do desejo de sua mãe pelo homem, pode ser deduzido como semblante, permitindo ao sujeito sair de sua obrigação neurótica de responder, à altura, ao desejo do Outro. A criança pode assim assumir seu próprio sexo sem se instalar na posição de impotência, pela crença de que seria a insuficiência de seu pênis (nos meninos) ou ausência dele (nas meninas) o responsável pela insatisfação do Outro materno. O que uma criança não pode deduzir na infância, e que fica portanto

adiado, é a possibilidade de gozar do corpo do parceiro sexual sem que isso constitua uma complementaridade. No entanto, o que é colocado à prova no ato sexual é a construção que ela terá feito do falo como semblante, é a dedução que ela terá feito da interdição do incesto não como operação do pai privador, mas como função do impossível. Mas só a dedução do semblante do falo — a partir do momento lógico do encontro com o Outro sexo, ou seja, com o gozo da mulher que não se escreve no falo — pode manter a relação sexual como impossível, ‘que não cessa de não se escrever’, apesar do que ‘cessa de não se escrever’, isto é, a contingência do falo, no ato copulatório. Será então como semblante de falo que uma mulher se oferecerá ao gozo de um homem, e é tomando-a como tal que o homem se utilizará dela para gozar sexualmente.

A interdição pela função do impossível só pode acontecer se a construção do pai como semblante veio recobrir no simbólico o real da impossibilidade. Há diversas formas de operar esse recobrimento na infância. Recobrir a castração do Outro materno pela incompletude da lógica masculina permite que apareça a inconsistência do Outro, enquanto que recobrir essa falta pelo pai imaginário, que se acredita igual ao falo, leva o sujeito a ficar escravo da consistência de um Outro caprichoso, que só poderia ser detido pela potência efêmera de um pai igual à lei, que dá a ilusão de poder absorver o gozo da mãe, e que é impossível de se encontrar.

A incompletude da lógica masculina se apresenta na articulação das duas fórmulas proposicionais, que indica, por um lado, que é pela “função fálica que o homem como todo encontra a sua inscrição”¹¹ ($\forall x \Phi x$), e, por outro, que essa função encontra seu limite na existência de um x para o qual essa função é negada ($\exists x \overline{\Phi x}$). A exceção, apontando o limite da função fálica, reenvia à falta estrutural da mulher, permitindo assim deduzir a inconsistência do Outro, que a mãe fálica contrariava. A mãe fálica é sustentada pela possibilidade de se encontrar o objeto à altura de sua falta.

Na conjuntura de recobrimento efetivada pela lógica masculina, o falo pode ser deduzido em sua natureza de semblante, o que dá ao sujeito a noção de sua ex-sistência.

Este trabalho de dedução, que terá sido — ou não — feito na infância, pode permitir que o real que acorda no momento lógico da adolescência¹² desperte o sujeito com efeito de separação, ou o mantenha no sono de sua fantasia. Ou ainda, se esta se rompe selvagememente, precipite-o de forma catastrófica num ato mortífero.

Torna-se indispensável ao analista que atende adolescentes levar em conta o trabalho que é exigido deles nesse momento, para não cair no engodo do apelo ao pai privador, que se tornou obsoleto. O que o 'desligamento da autoridade dos pais' exige do sujeito é que se situe em relação à função do pai real como agente da castração. Só isto permite que se efetive o corte de gerações necessário à barreira contra o incesto, que torna possível que se goze do corpo do parceiro sexual, sem temer se dissolver ou ser destruído. O corte de gerações coloca em jogo, na repetição, o acaso, a partir do qual o sujeito reinventará o seu destino.

¹ LACAN, Jacques. Prefácio do *Despertar da primavera*, publicado no *L'Éveil du printemps*, de WEDEKIND, Frank. Paris: Gallimard, 1974. p. 9: "Assim um dramaturgo aborda em 1891 o problema que é para os rapazes fazer amor com as raparigas, anotando que estes não pensariam nisso sem o despertar dos seus sonhos".

² MOURA, Fernanda Costa. *Rei morto, rei posto: o trabalho de ultrapassagem da autoridade parental*. Trabalho inédito apresentado no Encontro Clínico do CEPPAC. A autora observa que o termo alemão usado por Freud pode ser traduzido por *desligamento* ou *ultrapassagem*, e discute a pertinência destas duas traduções na coerência do texto freudiano.

³ FREUD, Sigmund. *Trois Essais sur la Théorie Sexuelle-1905*. Paris: Gallimard, 1987. p. 171.

⁴ FREUD, Sigmund. La disparition du complexe d'œdipe. In: *La vie sexuelle*. Paris: PUF, 1969. p.120: "Se verdadeiramente o eu não conseguiu muito mais que um recalque do complexo, então, este último subsiste, no inconsciente, no isso e manifestará mais tarde seu efeito patógeno".

⁵ Idem, ibidem. p.117.

⁶ Idem, *Trois essais sur la théorie sexuelle*. Paris: Gallimard, 1987. p.170.

⁷ Esta questão é tratada por mim, a partir da diferença que Lacan faz entre a lei e a causa (*O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*), no meu artigo A Questão da Adolescência. *Fort-Da*, n.2, Revista do CEPPAC. p.93.

⁸ LACAN, Jacques. La science et la vérité. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p.858.

⁹ RÊGO BARROS, Maria do Rosário do. O Pai além do mito: questão de um adolescente. In: *Fort-Da* n.3. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 1995. p.55.

¹⁰ LAMBERT, Anamaria. *A ultrapassagem da autoridade parental*. Artigo inédito apresentado no Encontro Clínico do CEPPAC.

¹¹ LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre 20: encore*, 1973. Paris, Seuil, 1975. p.74.

¹² SAURET, Marie-Jean. Adolescent: la croyance "contre" le fantasme. In: *Preliminaire*, nº 6, publication du Champ Freudien en Belgique, Drève des Magnolias, 1994. p.101: "O adolescente é o sujeito definível pelo momento lógico de verificação de sua fantasia diante do gozo — o mais frequentemente por intermédio do sexual".

AFINIDADES ENTRE ADOLESCÊNCIA E SEMBLANTE

Mirta Zbrun

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

Quase

Um pouco mais de sol — eu era brasa,

Um pouco mais de azul — eu era além.

Para atingir, faltou-me um golpe de asa...

Se ao menos eu permanecesse alguém...

Mário de Sá-Carneiro

Trata-se aqui de discutir as relações entre a categoria de semblante em psicanálise e o momento do sujeito comumente denominado adolescência.

Antes de começar este artigo conversei com alguns adolescentes e lhes perguntei o que era para eles ser um adolescente. Entre as várias respostas obtidas, escolhi as três mais significativas: o adolescente é alguém que questiona tudo, que tem atração pelo proibido e não gosta de se **fixar** em nenhuma relação permanente.

Estas três características do adolescente de nosso tempo podem ser aproximadas da expressão a ‘verdadeira mulher’, que Lacan utiliza em vários momentos de seu ensino¹.

Ela, ~~A~~ mulher, ‘não tem’, mas ‘faz alguma coisa desse não ter’, e é nisso que ela tem uma especial afinidade com o semblante. Consequentemente, no fato de fazer alguma coisa com esse não ter, também o adolescente tem uma afinidade com o semblante.

Como podemos pensar estas questões? Consideremos inicialmente que o semblante já não é mais pensado como no mundo clássico, onde aparecia como um dos desdobramentos do ser, uma das modalidades do aparecimento do ser, com a oposição aparência/realidade.

Com o advento do discurso da ciência, produz-se uma disjunção entre o semblante e o ser, já que para o discurso da ciência é necessário que um conceito seja formulado em termos lógicos matemáticos. Do ponto de vista da ciência tudo o que é aparente é; não há gradação entre aparecer e ser.

Para a psicanálise a referência não é mais o mundo antigo, embora ela não esteja totalmente comprometida com o discurso da ciência. Ao introduzir o sintoma e o inconsciente ela se abre para uma realidade própria ao sujeito, que está foracluído do discurso da ciência. Trata das incidências no real, da ausência de substância do semblante, no sentido que justamente aí onde não há, onde algo falta, vem existir alguma coisa. Temos assim com Lacan uma nova oposição entre semblante e real.

Por isso a questão do semblante se mostra tão claramente tanto na verdadeira mulher como na adolescência. Nos dois casos, vemos as formas da incidência do semblante no real. Para a ciência moderna, há disjunção entre ser e semblante pelo fato de que ele não é nada. Nesse ponto a psicanálise torna-se uma "passageira clandestina no trem da ciência" e aponta para uma incidência do semblante sobre o real.²

As postulações do adolescente, na medida que ele pode fazer algo com esse não ter, são incidências do semblante no real, formas de fazer existir a realidade sexual. Como dirá Lacan: "O sentido do sentido é que ele se vincula, como o gozo do macho, como interdito. Certamente não para proibir a relação chamada sexual, mas para fixá-la na não-relação que vale no real"³.

Somente assim um rapaz ou uma moça, na busca de um relacionamento amoroso que lhe traga algum conhecimento válido para

uma próxima relação amorosa e ‘questionando tudo’, segundo a expressão que se pode ouvir deles, conseguirá incidir sobre o real.

Considera-se então que ser e real estão em disjunção e que o semblante, como tal, liga-se ao ser. A condensação lacaniana do *parlêtre* (falante ser) atribui ao homem um ser de semblante. Desse modo se pode dizer que adolescência e ser são dois semblantes solidários, porque a adolescência pode ser situada entre o eterno feminino e o pai eterno, semblantes por excelência.

O semblante é uma categoria que Lacan faz entrar na experiência analítica a partir de sua postulação no seminário *O avesso da psicanálise*, que abre para a possibilidade de um discurso que não seja do semblante. Na clínica com adolescentes nos deparamos com um jogo muito particular de semblantes, onde o analista no lugar do semblante é chamado a colocar seu desejo por alguém que somente sabe de seu ser com seu semblante, momento especial do *parlêtre*. Assim, na direção do tratamento, somos interpelados a colocar nosso ser, pagar com nossa ‘libra de carne’, segundo a expressão lacaniana, em situações nas quais o adolescente diz, por exemplo, “pergunte que eu respondo” ou “que você deseja que eu fale?”

Diante da particularidade desta clínica, podemos nos perguntar: por que o adolescente se situa entre a piedade filial e o amor fraterno? Por que pode ele estar entre o eterno feminino e o pai como semblante? Talvez porque ele esteja submetido à interdição do gozo e pelo fato de que o véu da castração, ao ser levantado, fará aparecer o nada. Ele experimenta o momento que, em lugar de sustentar-se alguma coisa, o nada faz sua entrada.

O semblante consiste, para a psicanálise, em fazer acreditar que há algo, aí onde não há nada. Com Leibniz, a filosofia perguntará: por que existe alguma coisa e não antes o nada? Questão filosófica que será perseguida por todos os filósofos até Heidegger. Como se sabe, a partir de Freud, a questão para a psicanálise se coloca de maneira inversa: por que existe o nada e não antes alguma coisa?

O trauma implicado na sexualidade humana, descoberto por Freud, leva justamente a esta surpresa: se espera que haja alguma coisa, algo mais, porém não há. O semblante virá dar conta desse fato para fazer acreditar que há alguma coisa aí onde não existe nada; o axioma lacaniano da não-existência da relação sexual implica que todo semblante é sexual. Disso se depreende que não há relação senão no nível do real, de onde o sexual pode vir a existir.

Seguindo esta linha de pensamento, estabelecemos uma relação entre adolescência e semblante, especialmente entre os dois semblantes por excelência — A mulher e os Nomes-do-Pai —, nos interrogamos sobre a mulher e o pai para dar mais clareza ao momento da adolescência.

Que mais se pode dizer sobre um verdadeiro adolescente? Certamente para ele o não ter significa fazer algo com seu ser em falta. Esse estado do ser constitui sua afinidade com a categoria do semblante, que consiste em produzir uma aparência sem substância.

Quanto ao pai como semblante, que podemos dizer? Que ele não tem uma substância que possa constitui-lo em coisa (*res*); por isso, com seu não ter, ele faz aparecer a multiplicidade dos seus Nomes. Por não ser nada mais que uma voz, terá inúmeros nomes para nomeá-lo de maneira a fazê-lo existir.

A ciência cria uma cisão entre o semblante e o real. Quanto à psicanálise, distinguindo-a do discurso da ciência, podemos nos perguntar: qual a incidência do semblante no real, como ela pode se dar? Considerando que o ser está do lado do semblante, este faz existir o ser que não há.

O adolescente apresentará um parentesco conceitual com ‘a verdadeira mulher’, que não é uma mãe nem uma esposa. Ele também não é um homem, um adulto. Deve tornar-se homem, e a moça tornar-se mulher. Como diz Lacan, “Resta o fato de que um homem se faz O homem ao situar-se a partir de Um-entre-outros, ao incluir-se entre seus semelhantes”⁴.

A mãe e os homens fazem conjunto, o conjunto de todos os homens e o conjunto de todas as mães do universo humano. O adolescente, por sua vez, faz grupo, bando, e nesse momento luta para fazer um semblante, para parecer, justamente porque há algo que ele não é. Luta para ser porque ele não faz conjunto, não há um significante que signifique ser adolescente.

O que é um 'verdadeiro adolescente'? É aquele que de sua falta faz alguma coisa, aquele que com seu não ter construirá um homem, uma mãe. Por esse fazer existir a partir do que não têm, eles têm uma afinidade particular com o semblante. A partir da pergunta "Que sou eu?", ou seja, a partir de sua falta de identidade, o sujeito se vê obrigado a identificar-se. De onde se pode distinguir a identificação imaginária e a identificação simbólica ao Ideal do Eu, uma identificação ao traço do Outro.

A temática psicanalítica da identificação liga-se ao semblante na medida que através deste se consegue a identificação a esse Outro Simbólico. Em toda identificação haverá sempre um elemento a mais em tensão que é o objeto causa de desejo. Lacan substituirá a resposta do sujeito com o seu ser de gozo.

Assim, no nível do desejo, a resposta à pergunta "Que sou eu?" pode ser uma identificação. Pergunta que toca o coração da adolescência e leva à procura do saber das coisas, do amor, do Outro sexo. Quando um adolescente afirma: "Você acredita saber de tudo, mas não sabe de nada", ele nos fala dessa procura de suas identificações. Seguindo a via freudiana, Lacan conclui: "...as identificações se determinam pelo desejo sem satisfazer a pulsão".

O verdadeiro adolescente encontra-se, pois, do lado do objeto semblante — da mulher que não existe e do pai como semblante — porque, como eles, 'não tem' e por isso mesmo trabalha com sua ausência de ser.

Um adolescente, interpelado sobre o porquê do uso das drogas entre os seus pares, responde: "a droga é usada para tornar-se adulto..."; e "o adolescente não conta nem para o seu melhor amigo que faz uso delas..."

Duas respostas enigmáticas, mas que podem nos orientar no conhecimento sobre o que é um adolescente. Tornar-se um adulto, ser um homem, ser uma mãe, não é certamente uma tarefa fácil para quem se depara mais uma vez com a castração.

O Édipo reeditado na adolescência, como se falava entre os pós-freudianos, significa que a castração é vivida como a falta, diante da qual deve-se fazer algo. A infância obrigou o pequeno sujeito a abandonar sua mãe pelo temor de ser castrado pelo pai. Para esse conflito psíquico, temos duas saídas freudianas: a do *Pequeno Hans*, que substitui o temor ao pai pelo sintoma de temer o cavalo, mais precisamente de ser mordido por ele; ou a saída alucinatória do *Homem dos lobos*, que teme ser devorado por eles. Freud retoma esta diferença entre 'ser mordido' e 'ser devorado' em *Inibição, Sintoma e Angústia*, que Lacan retomará no seu seminário *A relação de objeto*.

Desta forma, na adolescência, o sintoma 'medo de ser mordido' ou de 'ser devorado' como metáfora da castração paterna poderá levar o sujeito a encontrar outra saída, seguramente aquela que o semblante outorga como a mais satisfatória para o sujeito. Já que, agora, terá que ir além do pai e, nesse além, garantir ter o falo para atingir sua satisfação, em um alguém do princípio do prazer.

¹ Collete SOLER, citado em *De la nature des semblants*. Curso de Jacques-Alain Miller, inédito, Leçon 1, 20/11/91.

² MILLER, Jacques-Alain. *De la nature des semblants*. Inédito, Leçon 2, 27/11/91.

³ LACAN, Jacques. El Despertar de la Primavera. *Intervenciones y Textos*, 2. Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1978. p.111

⁴ Idem, ibidem. p.111

⁵ LACAN, Jacques. Escritos. México: Siglo XXI Editores. p. 832

CIÚME E REPARTIÇÃO DO GOZO

Nelisa Guimarães

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

Por que os adolescentes são tão ciumentos? Tendo eu mesma atravessado anos de adolescência com o firme propósito de desfazer as imposições autoritárias e controladoras que pretendiam garantir a continuidade de alguns relacionamentos e tendo, desse modo, procurado afirmar, nos mesmos relacionamentos, uma micropolítica antitotalitária, corroborada por um compromisso que decorreu sempre de muitos fatores, inclusive da relação que mantenho com a causa analítica, surpreendo-me atualmente com a direção inversa seguida por muitos adolescentes. Observo: são ciumentos e manifestam convicção excessiva de seus ciúmes.

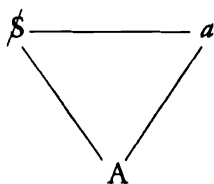
Se meus amigos e eu éramos adolescentes ciumentos, não ousávamos entretanto defender uma posição tão mesquinha e criticável. Por quê? Tentando garantir um gozo no enquadre de um relacionamento a dois, a imposição 'goze a dois!' reparte o gozo e abre, com o terceiro assinalado, uma questão sobre a escolha sexual, abertura essencial no aparente fechamento de exclusividade que o ciúme pretende paradoxalmente manter. O paradoxo abertura/fechamento pode certamente gerar posições diversas de crítica ou de convicção. Insatisfação histérica, impossibilidade obsessiva ou perseguição paranóide diante do próprio desejo?

Ciúme: rivalidade e amor

Freud, em seu artigo de 1921¹, aproxima ciúme e luto, circunscrevendo uma experiência de perda nas relações que envolvem rivais, semelhantes,

amor narcísico, amor objetal, hostilidade, autocrítica e bissexualidade. Complexo de Édipo e complexo de irmãos, enfatiza. Como 'estado afetivo normal', o ciúme mostra a suposta submissão do sujeito a um gozo do Outro — terrível posição de Prometeu, pasto de abutres acorrentado por Júpiter. Perda da certeza de um gozo próprio.

O ciúme enlaça essa suposição de gozo do Outro — sedução, no artigo de Freud — ao desinteresse do outro, no par, e a manifestações de seu desejo inconsciente por terceiros. O sujeito pode ver no outro do par, por projeção, seu próprio desejo, suas próprias fantasias inconscientes de infidelidade, como se fossem alheias. Drama de Otelo, que se convence da infidelidade de Desdêmona. Experiência do desejo como desejo do Outro reduzido a outro-rival. O voto de fidelidade supõe "que o apetite aceso pelo objeto alheio se satisfaça, mediante um certo retrocesso à fidelidade, no objeto próprio"². Alheio e próprio, aqui, evidenciam uma repartição do gozo não só no par, como também entre o ciumento e seu rival. Espécie de intriga de gozo a três que, além das experiências de luto e de projeção, pode ser o conteúdo de um delírio em sentido estrito, no qual o sujeito esconde que ama alguém do mesmo sexo e assinala esse amor no outro do Outro sexo, a quem declara amar.



Freud especifica: "Eu (§) não sou quem o (a) ama. Ela (A) o (a) ama"³, sendo § e a dois sujeitos do mesmo sexo, e A um sujeito do outro sexo. Na paranóia, o perseguido (§) é o ciumento e o perseguidor (a) é amado por ele. Amor e ódio. Como uma imposição de gozo a dois, no ciúme, evoca o terceiro do mesmo sexo ou do Outro sexo?

Uma jovem supõe que seu namorado vá realizar a infidelidade que ela mesma deseja, infidelidade como um dos nomes-do-pai, aquele nome que indica um desejo pelo Outro sexo; ela, ciumenta, controla os relacionamentos do namorado, mas se desliga totalmente da vida do pai. Uma outra jovem indica sua analista para várias amigas, mas subitamente sente-se tão enciumada que procura um terapeuta-homem; faz uma escolha heterossexual, e uma escolha de outra linha de trabalho; sente ciúmes dos irmãos e das irmãs, e nega seu amor pelos pais.

O terceiro evocado refere-se ao Outro sexo. Por que, aí, o ciúme? Freud menciona que pode ocorrer um superinvestimento de fantasias ou de interpretações do inconsciente do outro devido à resistência. O eu resiste a partir do eu ideal, imagem narcísica a ser preservada, e a partir do ideal do eu, lugar simbólico a que aspira para ser amado; lugar onde se vê amável. A experiência do ciúme abre — economicamente, quantitativamente — a dimensão inconsciente. Afinal, por que tanto interesse nesse terceiro?

A “aliança entre homossexualidade e sensibilidade social”⁴, por exemplo, é explicada por Freud nos termos de formação reativa e sublimação. Os irmãos rivais tornam-se objetos de amor e despertam sentimentos ternos e sociais. Os sonhos, no entanto, permitem tudo: a encenação das hostilidades e dos desejos sexuais, coisas que o pensamento de vigília não autoriza.

O despertar: um-entre-semelhantes ou exceção?

O surgimento de uma fantasia histérica, de uma representação obsessiva ou de uma idéia delirante, de algo que rateia no gozo fálico, diversamente do que se remodela nos sonhos, permite a Lacan escrever que “a sexualidade faz buraco no real”⁵. Despertando dos sonhos, o que é, então, ‘fazer amor’? Levanta-se o véu para que tudo aconteça: a idéia de ‘tudo’ encontra o real como objeção a esse mesmo ‘tudo’. Há um gozo interdito, uma fixação na não-relação sexual. Isso rateia.

No ciúme, há algo possível e algo impossível no encontro a dois, no par; há algo sem fim cortado por uma finitude, por uma presença terceira que é exceção aos dois do amor sem fim. Presença terceira como exceção ou como semelhante?

Ser homem, lembra Lacan, é ser 'um-entre-os-outros', 'entrar entre seus semelhantes'. Seria talvez ser ciumento sendo semelhante ao outro, sendo homem como o outro. Mas, ser exceção é o quê? Outro sexo, colocando A mulher no lugar vazio da exceção? Ou é ser morto, 'homem mascarado', *semblant*, nome? Perversão ou máscara? Rival, semelhante, amado, morto, máscara... onde está a causa do desejo que também se apresenta na experiência afetiva do ciúme? A causa do desejo está no outro; há uma falta nesse gozo fálico a dois. E, de acordo com o horror despertado pelo ciúme, há desejo, sem ser Um desejo, sem ter pai-paternidade para sua enunciação, sendo o pior apenas (objeto) a sua causa, sendo apenas a marca do pai real. Pai-sintoma e pai real. Herança do pai: falta fálica e marca.

A questão da escolha de sexo

Num artigo que comenta *Retour sur l'Œdipe* de Michel Silvestre⁶, Lilia Majoub⁷ aponta a dificuldade apresentada por Freud, e retomada por aquele, quanto à posição feminina, quanto ao Outro sexo. Destaca uma questão:

em que a dissolução do complexo de Édipo se acha ligada à espera de um encontro com o Outro sexo, como lugar de onde um Outro gozo interrogará seu próprio gozo? Já que o falo, cuja função é estabelecida no e pelo Édipo, sendo necessário e abrindo a possibilidade de gozo, não é suficiente para explorar os limites da escolha do sexo, da escolha do gozo?

A escolha do sexo é a escolha do gozo próprio, da posição (feminina ou masculina) e do modo (fálico ou não-todo fálico).

O pai real, nomeado por Lacan a partir da obra freudiana — pai da horda primeva —, enseja um mito que designa o registro real: o mito edipiano do gozo, do pai que goza de todas as mulheres, necessariamente como homem, todo-homem, todo-fálico. Herança mítica de um modo e de uma posição de gozo. Fora do mito, resta um real que faz objeção à idéia de 'todo', 'todas', 'tudo'; um real como impossibilidade de alcançar o 'todo', ou 'tudo', ou 'todas'.

Do lado feminino, experimenta-se um gozo que, não sendo masculino, não é portanto todo-fálico; é, muitas vezes, percebido como um gozo-a-menos — não-todo fálico — e outras vezes como a-mais — Outro gozo. A saída do Édipo, no confronto com a ameaça de castração, remete a esse gozo. Majoub descreve o drama da questão da escolha do sexo, e seus determinantes:

não é uma contingência da ordem do não-todo, a qual Édipo ele mesmo tem de enfrentar em seu encontro com a esfinge que, meio-animal e meio-mulher, faz chegar para ele a hora da verdade, e o coloca diante da escolha de seu sexo?

Enfrentar a dificuldade de um impossível nessa escolha é ir além do *Penisneid* e da ameaça de castração.

No ciúme, abordar esse real além dos limites representados, abordar a dificuldade de um impossível na escolha do sexo e do gozo, caracteriza-se pela fragilidade da posição ameaçada. Há um gozo outro que escapa ao sujeito. De onde vem, então, a determinação do gozo?

O supereu goza

O gozo fálico é o gozo do órgão. O supereu é o imperativo do gozo. O gozo do corpo do Outro, não sendo signo do amor, permanece como questão⁹.

Resumidamente, a situação do ciúme visa proteger o gozo fálico, segundo um imperativo que se exerce sobre a representação do par, acompanhada de um discurso amoroso que encobre e revela um enigma sobre esse 'gozo do corpo do Outro'. A demanda, no ciúme, não cessa: 'mais... ainda'. Expressão como nome que Lacan atribui à falha no Outro, de onde parte a demanda do amor: *encore* como *en-corps* — signos, marcas no corpo. Como se escreve isso? E como escrever a relação sexual, o gozo a dois, repartido sem divisão, reunido sem soma? Impossível: "a relação sexual é aquilo que não pára de não se escrever"¹⁰. Lacan contenta-se, então, com a questão.

No ciúme, dá-se a contingência do encontro, de tudo que gera o discurso amoroso sobre a exclusividade e o exílio da relação sexual. Ameaça. Ilusão de que a relação sexual pára de não se escrever, e se inscreve. Como miragem, projeção. No deslocamento — da contingência do encontro para a negação da contingência, a necessidade, à qual se agarram o amor e o ciúme — encontra-se, diz Lacan¹¹, o destino e o drama do amor. E encontra-se o inconsciente: por que não parar, por que mais... ainda?

"Saber o que o parceiro vai fazer, não é uma prova de amor"¹². É prova de ódio, de ciúme, de não sustentação da falta-a-ser na demanda de ser-para-o-outro. É negar a impossibilidade, afirmando um descontrole ou uma traição. Não se pode interditar o que não existe. Pode-se interditar o gozo.

Totalitarismo e os dois mestres

Ameaça, poder, controle. Slavoj Žižek¹³ analisa, na contemporaneidade, a solução totalitária, a maquinação burocrática que atua com dois mestres: um mestre oficial impostor e um mestre oculto obscuro controlador. Como podemos descrever na perspectiva micropolítica dos relacionamentos

próximos, a maquinação do ciúme inclui um discurso amoroso do mestre impostor e um poder invisível do mestre sedutor que conspira. Como se houvesse controle de garantia do gozo, como se o campo do Outro não fosse inconsistente...

Revelar convicção em seus gestos de ciúme é, ainda, ser dócil ao discurso do mestre. É, talvez, ainda escravizar-se à maquinação totalitária. Que Kafka desperte cada um com a análise desse processo. Rir de seus gestos de ciúme é reabrir a questão do gozo, repartir a questão, esvaziar o gozo do mestre.

¹ FREUD, Sigmund. Sobre Algunos Mecanismos Neuróticos en los Celos, la Paranoia y la Homosexualidad- 1922 (1921). *Obras Completas* (Buenos Aires, Amorrortu ed., 1976), v. XVIII, p.213-225.

² Idem ibidem, p.218.

³ Idem ibidem, p.219.

⁴ Idem ibidem, p. 226.

⁵ LACAN, Jacques. O Despertar da Primavera. Apresentação da peça, 1974, *Ornicar?* Paris: Navarin, oct.-déc. 1986, traduzido em português por Sérgio Laia para *Falo*. Salvador, Fator, n.4/5, jan-dez. 1989. p. 7-9.

⁶ SILVESTRE, Michel. *Demain la Psychanalyse*. Paris: Seuil, 1987.

⁷ MAJOUR, Lilia. Le Complexe d'Œdipe et l'Autre Sexe. *Quarto - Lectures de l'Œdipe*. Bruxelles: E.C.F., n.47, mai 1992. p.50-53.

⁸ Idem ibidem, p. 50.

⁹ Idem ibidem, p. 53.

¹⁰ LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* 1974-75. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1982. p.11-13.

¹¹ Idem, ibidem, p. 198.

¹² Idem ibidem, p. 199.

¹³ Idem, ibidem, p.201.

¹⁴ ZIZEK, Slavoj. Les deux maîtres. *Quarto - Figures du maître moderne* Bruxelles, E.C.F., n.58, déc./1995. p. 87-97.

ADOLESCENTE: CONTRA A ORDEM E O PROGRESSO?

Carlos Eduardo Leal

Membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise

Sabemos, nós brasileiros, do bordão que ecoa imperioso em nossa bandeira nacional: ordem e progresso. Desde cedo, vivemos com o dilema deste lema. Alguns de nós passamos pelo estudo da Moral e Cívica, ou ainda a OSPB (Organização Social e Política Brasileira). Duas matérias obrigatórias no currículo das escolas, impostas pelo regime da ditadura militar. A ordem e o progresso sob o jugo da censura e de lemas tais como: “Brasil, país do futuro!”, “Prá frente Brasil” ou o notório “Ame-o ou deixe-o” consagraram uma época de desespero para alguns e expatriação para outros. O sentimento de vergonha nacional, aliado a uma frase dita por Charles de Gaulle, presidente da França, país do primeiro mundo, que afirmava que o Brasil não era um país sério, dava o mote para que o espúrio verde-oliva fizesse o que fez nos porões do DOI-CODI. Fazia ainda mais. Era uma censura vigorosa animada por cacetetes, seqüestros, porradas à luz do dia, perda dos direitos humanos e civis e retaliações com mascaramento e distorções na imprensa falada e escrita.

O confronto com este real, insuportável, produzia uma desestabilização no imaginário social, fazendo com que o simbólico das palavras só pudesse aparecer de forma distorcida e metafórica, tal como se fosse num sonho com seus conteúdos manifestos e latentes. Era a forma de driblarmos a censura. Quem não se lembra de *Roda-Viva* do Chico Buarque, que dizia que “a gente quer ter voz ativa e no nosso destino mandar”?

Fazer passar o simbólico a partir do real não era só uma *praxis*, como sustenta Lacan no início de *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Era mesmo uma necessidade de vida. Ora, a análise também não é assim? Uma imperiosa necessidade na vida de alguns de nós? Não se esqueçam de que naquele momento Lacan, tal como Espinoza, havia sofrido uma excomunhão. O seminário sobre *Os Nomes-do-Pai*, ficará com um subtítulo para sempre misterioso: *O seminário inexistente*. Que Jacques-Alain Miller faça um brilhante esforço para, em seu *Comentário do seminário inexistente*, homologar que inconsciente, repetição, transferência e pulsão são ‘nomes’ devidos a Freud, e estes quatro conceitos são *Os Nomes-do-Pai*, não aplaca o hiato, não propriamente do seminário, mas sim da excomunhão sofrida por Lacan.

Enquanto, em 1964 na França, Lacan em resposta à sua excomunhão começava a transmitir o seu décimo primeiro seminário, neste mesmo ano, fatídico para nós, sofriamos também, aqui no Brasil, uma certa excomunhão, que nos condenava e assim nos tornava malditos. O discurso do amo, implantado pelas baionetas no coração da voz do Brasil, tinha por sua própria característica de impostura, o fazer calar o outro. Respondíamos contra isso, alguns de nós ainda adolescentes: “a UNE somos nós, nossa força, nossa voz”. Tentávamos nos ressituar e nos repatriar mesmo que não tivéssemos sido literalmente exilados. Mas era como se tivéssemos sido. E o sentimento de medo pela coerção da ditadura nos colocava numa certa atopia frente às nossas próprias vidas e aos nossos ideais.

E hoje, passados todos estes anos, o que podemos pensar a respeito dos adolescentes no mundo moderno? O que a psicanálise tem a dizer sobre o adolescente na sociedade contemporânea?

Certa vez, durante uma conferência para pais de adolescentes, uma mãe me interpelou e disse: “não sei porque todos vocês ficam se preocupando com a adolescência. A adolescência dá e passa”, disse-me ela com certo ar de desdém e arrogância. Respondi-lhe que concordava

plenamente com o que ela dizia, mas que a vida também dá e passa, só que alguns se preocupam com isso e recebem em seus consultórios a demanda de torná-la menos sofrível.

O adolescente de hoje parece sofrer um empuxo ao discurso capitalista. O problema é que o discurso capitalista é apenas uma variação do discurso do amo, como comenta Lacan em *Acerca do passe e sua transmissão*¹. E o discurso do mestre é aquele que, Lacan nos ensina no seminário *O avesso da psicanálise*, exclui a fantasia. Então me pergunto se a exclusão da fantasia não dá de certa forma o índice para a exclusão do sujeito. Há uma barreira entre o sujeito e o objeto *a*. Isso quer dizer o quê? Quer dizer que o mestre encontra sua verdade no trabalho do outro. Há aí o impedimento do acesso do sujeito a sua verdade. Sujeito que adviria na possibilidade do encontro com a verdade que o causa. Não é que o discurso do mestre, tal como o discurso da ciência, foraclua o sujeito. O que ele produz no trabalho forçado do outro, do escravo, é sua alienação. O sujeito tem uma vida, mas é uma vida decepada de sua liberdade.

Este é um ponto que vejo em comum entre os adolescentes da sociedade contemporânea e os jovens dos nefastos anos da ditadura. A perda da liberdade tanto pode vir através dos grupos artificiais, como se referiu Freud em 1921, ao falar da igreja e do exército, bem como pelo imperialismo dos objetos e da droga. Então, temos que, por um lado o sujeito fica impedido, barrado na sua relação com o objeto *a* (discurso do mestre) e, por outro, o sujeito fica subsumido frente à avalanche e à pletora dos objetos, *gadgets*, produzidos pela ciência (discurso capitalista).

Este totalitarismo do mestre e do objeto da ciência não produz uma hiância na qual poderia vir se inscrever um saber. O totalitarismo dos objetos aponta que tudo está ao alcance, ou seja, que não há nenhuma barreira ao gozo. Eric Laurent comenta que “a absolutização do sujeito e do amo político no mundo moderno nos coloca o problema sobre onde

situar o limite para o tirano moderno”². Ainda segundo Laurent, “para Freud, num mundo onde há a absolutização da relação do sujeito com seu mundo, é melhor tomar como garantia um pai”³. Ora, o problema é que o pai está morto. Freud coloca-o no centro do complexo de Édipo. Lacan irá pensá-lo como um significante ou como um sintoma⁴. “O que Lacan interroga é o estatuto do saber no nosso mundo transformado pela ciência: como nomear com a mesma palavra o que foi o saber sobre o sexo, saber com o qual se enfrenta o amo grego, e o saber em nosso mundo?; como qualificá-los da mesma maneira?”⁵

O absolutismo do Outro encontrou nos regimes totalitários sua razão de ser. Arregimentou jovens adolescentes, cambaleantes ainda quanto ao futuro, não só para a imposição de seus ideais como também para suas frentes de batalha. Adolf Hitler, em *Mein Kampf*, conclama que

*para que esse sentimento nacionalista seja verdadeiro e não meramente artificial, já na juventude deve-se manter no cérebro de cada um a convicção firme de que quem ama seu povo deve prová-lo somente pelo sacrifício de que é capaz em favor do mesmo. Sentimento nacional que só vise lucros não existe.(...) Só se pode ter orgulho de uma nação, quando, na mesma, não há nenhuma classe de que a gente precise se envergonhar*⁶.

Este clamor ao ‘orgulho nacional’, levou os alemães a um dos capítulos mais sangrentos da história da humanidade. Assim, principalmente os jovens eram recrutados para aprender a odiar o negro ‘meio-macaco’, bem como o ‘judeu esperto’. Mais adiante Hitler diz que:

*a única questão a saber é se o resultado final será a favor da raça ariana ou em proveito do eterno judeu. A tarefa do Estado nacionalista será, por isso, a de preservar a raça e prepará-la para as grandes e finais decisões, por meio da educação apropriada da mocidade*⁷.

Esta fraternidade da raça ariana só conheceu uma única origem: a segregação⁸. E podemos acrescentar: o xenofobismo, o racismo e a intolerância generalizada.

Habermas, ao falar de Hitler, não cai na armadilha de compará-lo a Saddam Hussein que, como o líder nazista, tenta “destruir tudo o que se opõe às suas fantasias megalomaniacas”. Para Habermas há que se pensar o contexto histórico pois

de um lado, estão os preconceitos nacionalistas do povo alemão; de outro, o fundamentalismo xiita.(...) Se se entende o fundamentalismo religioso como um processo de reação face à modernização social que destrói formas de vida que cresceram por si mesmas e que desapropria culturalmente os povos, então não se pode negar a participação do imperialismo ocidental nesse processo. Pois a modernização sempre esteve e continua estando sob o signo de um capitalismo, que significa bem mais do que uma simples forma de economia?

O discurso capitalista promove, com a modernização, uma alteração nas relações entre o sujeito e o objeto *a*, na medida que, neste discurso, o significante mestre estaria sob a barra, isto é, no lugar da verdade, e o sujeito ficaria como o agente do discurso.

O apelo à auto-imagem, à auto-estima, à auto-ajuda, ao culto narcísico do corpo, tão propalado na década de oitenta, ganha, nos anos noventa, uma dimensão de tensão entre os espaços não só nas cidades como também entre países em fragmentação (ex-URSS, ex-Tchecoslováquia, ex-Iugoslávia) bem como dentro dos próprios países: conflitos raciais, religiosos, culturais e econômicos. Recentemente, numa conferência no Centro Cultural Banco do Brasil, o economista mexicano Jorge Castañeda apontou a desigualdade como o pecado original nas sociedades latino-americanas.

Em relação às guerras religiosas, podemos pensá-las como estando patrocinadas pelo gozo fundamentalista do Outro. Este gozo visa perpetuar e preservar a imagem ou a palavra santa de Deus. Tanto é assim que se convoca para matar os outros em nome de uma guerra santa. Este gozo fundamentalista não é aberto à dialética. Ensimismado paranoicamente, o gozo fundamentalista tenta afastar a intrusão do

Outro tal como Habermas propõe a respeito do imperialismo ocidental face ao islamismo. O gozo não aceita a diferença, sendo desta maneira uma barreira à castração.

O que forma a categoria de uma classe é a exceção. Entretanto, o grupo que se organiza de forma totalitária não quer saber de algo que possa questioná-lo em seus fundamentos; isto é o que garante que o 'ao menos um' da dita exceção não venha desestruturá-lo. O medo da desestruturação faz com que a coerção seja empregada nestes grupos a fim de dar consistência imaginária ao corpo social. Lacan, ao afirmar que o desejo é uma arma contra o gozo, dá a dimensão de como responder a esta questão pela via da análise. A psicanálise, ao particularizar o universal, vai de encontro ao sistema totalitário, inclua-se aí o religioso que tenta universalizar o particular. O universal, como se sabe, é da ordem do todo. Relembremos aqui a crítica que Lacan faz, em seu seminário sobre *A transferência*, ao discurso sobre o amor proposto por Aristófanes. É o amor como uma mônada, globalizante, fechado em si mesmo. Não é o Eros retomado por Freud, nem o *ágalma* recuperado por Lacan da fala de Sócrates que se estrutura em torno da falta.

Com o discurso capitalista, o que encontramos é uma possibilidade de nada faltar, ou melhor — segundo o modelo proposto pelos teóricos do pós-modernismo, como Lyotard, Fredric Jameson ou Baudrillard —, é onde tudo pode ser dito como uma rede de intertextualidades cibernéticas.

Levantamos a questão sobre como fazer operar aí um limite frente a este absolutismo do gozo na sociedade moderna. Parece então que a estrutura do mundo moderno faz apologia de um ideal onde tudo não só pode ser comprado mas, tal como numa confissão, deve ser dito.

Creio que a psicanálise é a única *praxis* que está atualmente aparelhada para tal evento. Digo isto porque a psicanálise propõe, a partir do discurso do analista, a prática ética do não-todo. Sabemos que a verdade só se diz a meias, pela impossibilidade lógica de dizer tudo.

Não caberia, portanto, efetuar aqui uma conclusão com tal propósito. Ao contrário, disso prefiro ressituar algumas questões.

Uma questão que percebo na clínica com adolescentes é a já notória dificuldade com a lei. Tema de investigações sociológicas e antropológicas, a crise do adolescente com a lei para a psicanálise situa-se muito mais no campo do retorno das questões edípicas do que em desvios da conduta. É neste sentido que escrevo *adolescente*. É um problema ético com a lei e não com a moral.

Será que podemos introduzir uma lei tal como grafada na própria palavra *adolescente*? O adolescente, ao se confrontar com a lei, não a sentiria como 'um estranho gozo do próximo'? A rebelião contra esta lei não teria um fator positivo de pôr em causa seu desejo?

Mas esta rebelião, por outro lado, não poderia resultar numa apropriação perversa da lei? E esta perversão não poria em marcha um procedimento à moda de Sade onde cada um pode desfrutar do seu semelhante como melhor lhe aprouver?

Como o adolescente se defronta com a lei — quando sabemos da impunidade que impera na aplicação da própria lei e que torna, em nosso caso, o Brasil tão risível para alguns?

Como transmitir ao adolescente esta lei que aponta para um limite ao gozo do Outro, sem disso se fazer um sacrifício, um empuxo ao 'orgulho nacional' como o enaltecido por Hitler?

A rebeldia adolescente frente à lei seria uma forma de se engajar contra a 'Ordem e Progresso'?

Como, finalmente, pensar na clínica com o adolescente, quando este está atrelado a um gozo toxicômano, as questões ligadas à ética e à responsabilidade?

Freud em *Mal-Estar na Civilização* nos alerta que quanto mais o sujeito renuncia às suas pulsões em favor das exigências da civilização, maior se tornam as exigências do obsceno supereu.

Lacan sempre citava com gosto a frase de Hegel segundo a qual todo homem é 'filho de seu tempo'. No mundo contemporâneo, o adolescente não é indiferente a isso, embora tente fazer deste tempo um tempo de despertar.

¹ LACAN, Jacques. Acerca de la Experiencia del Pase, y su Transmisión. *Ornicar* ?, n.1, 1981. p.34.

² LAURENT Eric. *Lacan y los discursos*. Buenos Aires: Ed. Manantial, 1992. p.24.

³ Idem, ibidem. p.24

⁴ Para esta questão do pai como um significante ou como um sintoma, ver o texto de SILVESTRE, Michel; O Pai, sua Função em Psicanálise. In: *Amanhã, a psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p.86 e segs.

⁵ LAURENT Eric. *Lacan y los discursos*. Buenos Aires, Ed. Manantial, 1992. p.25.

⁶ HITLER, Adolf. *Minha luta*. São Paulo: Editora Moraes, 1983. p.265.

⁷ Idem, ibidem, p.266.

⁸ LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992. p.107.

⁹ HABERMAS, Jürgen. *Passado como futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. p.28 e 30.

EXISTE UMA ADOLESCÊNCIA FEMININA?

Vera Pollo

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

*Eu não nasci para partilhar de ódios,
mas somente do amor!
(Antígona, Sófocles)*

*Fazer o amor, como o nome o indica, é poesia.
Mas há um mundo entre a poesia e o ato.
(Mais, ainda, Lacan, p. 98)*

Para introduzir

“Ele mais parece um adolescente!” No discurso comum, psicologizado, chamamos de ‘adolescente’ alguém que se mostra rebelde, transgressor, ou então nostálgico e apaixonado. A psicologia define a adolescência como o período crítico de auto-afirmação e de aquisição dos valores sociais. Por outro lado, o sintagma ‘esse sujeito adolescente’ foi recentemente introduzido no campo freudiano, a partir do livro da psicanalista Sonia Alberti¹. O que entende a psicanálise por um ‘sujeito adolescente’?

Freud referiu-se inúmeras vezes à ‘puberdade’, retirando-a da exclusividade do campo médico e dando-lhe um sentido preciso em sua teoria. Da vida erótica de homens e mulheres, ele induziu dois construtos maiores acerca desse período da vida humana. O primeiro diz respeito ao reforço pulsional da puberdade ou revivência das fantasias inconscientes edipianas e dos impulsos se-

xuais e agressivos que nelas se originam. O segundo enuncia o novo desfecho da organização genital e a possibilidade de substituição do ato masturbatório pelo ato reprodutor da espécie. Ele configura o 'desencadeamento bifásico' ou 'em duas ondas' próprio à sexualidade humana. Em consequência da atração dos protótipos sexuais infantis, essa reorganização das pulsões se torna necessariamente sintomática. O eu do sujeito não se reconhece nos sintomas, mas se esforça por incorporá-los e verifica-se a permanente luta contra o pulsional. Freud constatou que os sintomas neuróticos podem resultar de processos que ele denominou de 'regressão da libido', 'regressão do eu' e que se pode até mesmo encontrar 'a mudança radical do caráter sexual do eu', na reversão de uma escolha amorosa em traço de identificação subjetiva.

Lacan empregava o termo 'jovem', de uso corrente nos anos sessenta e setenta, identificando, na juventude de então, os afetos modernos do tédio e da morosidade². No seminário *Le savoir du psychanalyste*, ele citou o seguinte verso de Paul Fort: 'Se todas as moças do mundo se dessem as mãos elas fariam a roda do mundo'. 'É uma idéia louca', observou:

porque as moças jamais sonharam em se dar as mãos. Os rapazes, ao contrário, se dão as mãos... Atualmente, eles se juntam em bandos, em geral maiores que a dezena, e jamais ficam sozinhos diante de uma moça, a que será abordada. As moças, por outro lado, fazem o par das duas melhores amigas, bem entendido só até o momento em que conseguem arrancar um moleque do seu batalhão. Então, da noite para o dia, elas deixam a amiga de lado, mas esta, por sua vez, sabe muito bem se virar sozinha³.

Referindo ter ouvido exatamente das moças que o gozo feminino, à diferença do gozo masculino da detumescência, pode ser comparado ao 'tranco do elevador'⁴, Lacan enuncia, nessa linguagem pitoresca, a lógica do real ou da sexuação. Se os homens formam um conjunto fechado, as mulheres correspondem ao espaço aberto. 'A Mulher não existe' vem enunciar que a inscrição do lado feminino só é contável uma a uma. Sobre o jogo de sedução entre os sexos na adolescência, o construto lacaniano enuncia que 'o despertar dos sonhos' é condição

da ordem do necessário, embora não-suficiente à realização do ato. O sujeito só pode entrar no ato sexual como ‘filho’, isto é, como produto ou resto de um ato anterior. Outra coisa são os impasses que se revelam nas relações entre os sexos, porque indicam modalidades diferentes de gozos, a partir das quais um sujeito se diz homem ou mulher. O real do sexo aguarda o advento da razão fálica, para que haja ‘identificação ao tipo ideal do sexo’, leitura, interpretação ou assunção subjetiva do corpo biológico.

O discurso de uma adolescente

Aos 18 anos, Glória procura espontaneamente atendimento clínico no NESA⁵. Já na primeira entrevista, ela apresenta uma interpretação de sua posição de sujeito, dizendo simplesmente: “Sou homossexual”. Queixa-se de que não pode mais conversar com sua professora, justamente no momento em que precisa falar de algo horrível que lhe aconteceu. Argumenta a favor do seu ‘homossexualismo’, dizendo que só se sente atraída por mulheres. Seu único namorado não soube compreendê-la quando quis lhe falar sobre essa atração. O fato horrível a que se refere é o suicídio recente de uma moça ‘lésbica’ que a vinha cortejando. Glória emprega esses termos: ‘homossexual’ e ‘lésbica’. Diz que essa moça a buscava diariamente na saída da escola e que, diante de sua recusa em ter relações sexuais com ela, ameaçou certa ocasião fazer algo de que ela nunca se esqueceria. A antiga confidente — a quem ela se refere como “minha professora” — lhe dissera que não estava mais disposta a ouvir suas histórias, desde o dia em que Glória lhe pediu absoluto segredo, porque seu pai jamais poderia saber de seu homossexualismo.

Como a *Jovem homossexual* freudiana, sua conduta em relação ao pai é paradoxal, basculando do segredo submisso ao desafio ostensivo. Receia que ele a expulse de casa, “é o mínimo que faria se soubesse”, mas não o poupa de “mentiras” que lhe possibilitem encontrar-se com

outra moça “lésbica”, antiga companheira da jovem suicida. Orgulha-se de ter escrito uma redação para a escola sobre “lesbianismo”, que circula pela mão de várias professoras, porque “todas gostaram muito dela”. Relata que morou, dos sete aos 13 anos, com um casal de “tios liberais”, opondo-os ao pai “preconceituoso” e “desinteressado por tudo o que lhe diz respeito”, um pai que “nunca pediu para ver o boletim da filha”. Acha que descobriu seu homossexualismo em conversas e afagos com uma prima “liberal”, alguém que “conversa sobre todos os assuntos” e procura sempre a companhia de mulheres cerca de dez anos mais velhas do que ela, situando-as no lugar de um certo saber: a professora, a enfermeira.... Refere-se à mãe uma única vez, dizendo-a submissa ao pai, e afirma que “nenhuma garota da escola merece sua amizade”. Mas Glória anseia encontrar “uma amiga de verdade, que compreenda tudo” e com quem possa “conversar de tudo”. Lembra-se de que, aos seis ou sete anos, presenciou a morte por afogamento da “única amiga que conseguiu fazer em toda sua vida”.

Embora se encontre em entrevistas preliminares, a dialética inerente a qualquer discurso faz Glória vacilar em sua primeira certeza interpretativa. Chama a atenção seu uso sistemático dos significantes classificatórios: “tudo, todas” e “único, única”. Sua vacilação a leva a enunciar: “todo mundo diz que é comum uma fase de homossexualismo na adolescência. Você também pensa assim? Você também passou por isso?”. Glória parece repetir, em forma interrogativa, as palavras freudianas: “[...] Entusiasmos homossexuais, amizades exageradamente intensas e matizadas de sensualidade são bastante comuns em ambos os sexos, durante os primeiros anos após a puberdade”.⁶

Jovem Antígona, ela parece sustentar o desejo decidido de compartilhar apenas o que é da ordem do amor. Pequena Preciosa, ela parece buscar, na fala e na escrita, palavras mais sutis para dizer o amor. A partir do fragmento que trouxemos, poderíamos chamá-la pelo epíteto “jovem homossexual”? Ou deveríamos, antes, concebê-la como uma adolescente feminina?

O sinuoso caminho da mulher

O que quis dizer Freud ao enunciar, em 1932, que “a homossexualidade feminina raramente ou nunca é a continuação direta do complexo de masculinidade da menina”⁷? Por que nos disse Lacan, em 1955, que essa “perversão entre aspas” foi o tipo clínico “que mais ensinou à psicanálise sobre as etapas do encaminhamento da mulher e as interrupções que marcam seu destino”⁸?

A partir da fase fálica, segundo Freud, a menina se vê frente à encruzilhada de ter que escolher um entre três caminhos possíveis. Aquele da renúncia completa à atividade fálica e à sexualidade, o caminho do ‘permanecer homem em sua fantasia’ e ‘agarrar-se à esperança de vir um dia a receber um pênis’ ou o caminho intermediário da renúncia parcial, isto é, do recalque, implicando na substituição de uma parcela de atividade por passividade e na equivalência simbólica entre o ‘desejo de pênis’ e o ‘desejo de filho’. A primazia do falo, significante ímpar da castração, e a relação mãe-filha, de longa duração mas ‘destinada a terminar em ódio’, foram por ele identificadas como os dois desvios maiores no caminho da mulher ao sexo. O primeiro porque faz da menina ‘um homenzinho’. O segundo, logicamente anterior, por contaminar todas as futuras relações amorosas e sexuais da menina. Em termos lacanianos, esses desvios correspondem ao ‘erro comum’ do discurso sexual, que faz do falo o significante exclusivo do desejo e do gozo sexual, e à relação do sujeito com o lugar ocupado pelo gozo do Outro primeiro, geralmente materno, lugar em que o sujeito é, de início, um objeto. Freud encontrou, nesse desvios, a mola do desejo de vingança, ciúme, inveja e ódio femininos, e Lacan resumiu numa palavra o avatar contingencial da relação mãe-filha: a mais completa ‘devastação’⁹.

Embora tendo respondido que a alternância entre períodos, em que ora predomina a masculinidade ora a feminilidade, traz uma explicação parcial ao famoso enigma da mulher, o percurso freudiano deixou em suspenso a questão: o que querem as mulheres?

Retomando-a, Lacan concluiu que a dualidade de gozos é própria às mulheres. Por um lado, a mulher se inscreve no gozo fálico e goza “como um homem”, pois “somente a partir de onde ela é toda, isto é, de onde a vê o homem, só a partir dali, a querida mulher pode ter um inconsciente”¹⁰. Por outro lado, a posição feminina lhe pareceu a do indecível entre o particular da existência negativa — ‘castração consumada’, chegou a dizer Freud — e o que é ‘para todo homem’, isto é, a castração possível. Entre uma mulher e o parceiro masculino que ela visa emerge o obstáculo de sua divisão quanto ao gozo, que se inscreve no inconsciente como impasse sexual.

Nossa jovem, como a freudiana, parece dispensar a satisfação no amor. Embora enuncie que isso ocorre por “temor ao pai”, ela deixa ver a própria busca da não-satisfação. Segundo Lacan, essa visada da não-satisfação é condição *sine qua non* para o amor se expandir sob a forma do ideal, porque institui a falta no âmago da relação com o objeto. Como um trovador do *Fin'Amors*, Glória faz existir a Dama no limite do “país dos fantasmas”. Como histérica, ela demanda amor, situando-se no lugar de *érômenos* (objeto amado). Em outras palavras, sua posição subjetiva parece dividi-la entre o *männliche Typus*, o amor aos moldes masculinos, e o ‘narcisismo de moça’ ou escolha narcísica de objeto, a partir do ideal do eu. É como entendemos sua corte às mulheres e seu anseio consciente pela “amiga verdadeira” e pela “compreensão total”.

No caminho por vezes sinuoso do sintoma, o inconsciente pode retornar sobre seus próprios passos, para tomar, inclusive, a direção contrária. Esse foi um dos maiores ensinamentos da *Jovem homossexual*, que deslizou, em seu ato suicida, da maternidade simbólica em vias de advir à maternidade imaginária. Segundo Freud, ela lhe ensinou que um sintoma pode resultar da ‘renúncia em benefício de’, porque renunciou em rivalizar com a mãe quanto a atração dos homens em benefício de esconder, sob o desejo consciente de trair o pai, aquele mais autêntico de fazer-se copular por ele. Quando o real do nascimento contingencial de um novo irmão de carne e osso interferiu na situação imaginária no nível inconsciente, o que localizou-se como Outro radical do sujeito não foi o pai simbólico, mas o

pênis simbólico. Por outro lado, o pai deslizou ao registro do puro imaginário. Um pai que estava em potência simbólica no inconsciente, diz Lacan, não se realizou enquanto tal. Desse modo, pode-se talvez dizer que, por trás da renúncia à maternidade real, jaz muitas vezes a maternidade imaginária consumada.

Na singularidade do caso de nossa jovem, há o real da morte de uma criança e de uma moça. Mas, em termos freudianos, o ‘afoga-se uma criança’ pode ser lido em sua forma inversa, como o enunciado consciente da enunciação inconsciente: ‘uma criança é parida’, sai das águas. Se desconhecemos a situação em que Glória se encontrava nessa ocasião, sabemos, no entanto, que ela foi “sua única amiga”, duplo imaginário do sujeito, e que o “desinteresse do pai” a distancia dos homens, mas não a impede de amá-lo e desejar ser por ele amada, mais além do objeto feminino. Glória anseia também que ele peça para ver seu boletim ou que vá à escola em busca de informações sobre si. Freud reconheceu no ‘azedume pelos homens’ da *Jovem homossexual* um ‘silencioso comportamento sintomático’, por oposição à ausência de sintomas conversivos. Tal sintoma silencioso traduz, a nosso ver, a crença no ideal feminino da equivalência entre mulher e falo. Se nossa jovem quer reencontrar a amiga “liberal” é porque, com ela, poderia “conversar de todos os assuntos”. Ao fazer equivaler o amor pelas mulheres à heterossexualidade de ambos os sexos, Lacan reconhece com Jones o parceiro indispensável das homossexuais femininas no homem-testemunha invisível. Reconhece também nas figuras do incubo, do amante castrado, do Cristo ou do homem morto, o que sempre pode ser encontrado por trás do homem a quem a histérica dirige sua demanda de amor. Não apontaria esse fantasma de homem para o lugar do pai enquanto o ‘não mais do que um’, que Geniviève Morel situa como o lugar do gozo não-fálico das mulheres, seu lado de mudez? Segundo ela, a posição feminina implicaria a divisão entre o sujeito como histérico, para quem o parceiro masculino representaria um substituto do pai real e mítico, lugar da exceção, do ‘ao menos um’ que diz não à função fálica, e o sujeito como objeto, onde a identificação ao pai corresponderia ao ‘não mais do que um’, o Deus-pai insubstituível ou gozo silencioso. Desse modo, a alternância entre períodos de masculinidade e de feminilidade, como enunciou Freud, poderia ser vista como a alternância

entre o gozo fálico e o gozo não-fálico, ou entre a busca por completar a significação fálica e o silêncio da pulsão de morte, ali onde o sujeito designa seu ser.

Não diremos que Glória é uma adolescente típica, se é que isso existe. No entanto, sua neurose não é assintomática e nela podemos identificar, com a autora acima referida, um mais além do 'azedume' em relação aos homens. Este se expressa pela queixa da incapacidade masculina de "compreensão" e pelo enunciado: "tenho nojo dos homens". Para além, encontraríamos um certo empuxo ao 'dizer tudo', sintoma d'A mulher, que escapa à significação fálica e recusa o não-todo da verdade. Diremos com Lacan que, do lugar da histérica, ela "perde uma parte essencial da feminilidade" na busca incessante por identificar-se ao significante do desejo do Outro, querendo ser amada e desejada como o falo que ela não é e colmatar, desse modo, sua nostalgia da falta-a-ter. Mais, ainda: enquanto uma variante do amor viril, do qual nos diz Freud *che poco spera e nulla chiede*¹, nossa jovem demonstra uma forma de amar *che molto spera e nulla chiede*, visando o gozo mais além da não-satisfação sexual no amor. Não diremos que existe a adolescência feminina, diremos simplesmente que se trata, para nós, de uma adolescente feminina.

¹ ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

² Cf. COTTEI, Serge. Estructura y Novela Familiar em la Adolescencia, *Registros Psicoanálisis y adolescencia*. Tomo verde, ano 5, Buenos Aires, 1996, p.15.

³ LACAN, Jacques. *Le savoir du psychanalyste*. Lição de 6 de dezembro de 1972, (seminário inédito), tradução livre da autora.

⁴ 'Le coup de l'ascenceur'; oscilamos entre as traduções 'tranco do elevador' e 'solavanco do elevador', tendo sido também sugerida a tradução mais livre: 'vertigem de elevador'.

⁵ Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente do Hospital Universitário Pedro Ernesto - UERJ.

⁶ FREUD, Sigmund. A Psicogênese de um Caso de Homossexualismo numa Mulher-1920. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XVIII, 1969. p. 208.

- ⁷ Idem, Conferência XXXIII- Feminilidade. *Obras Completas*, v. XXII, p. 159.
- ⁸ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação do objeto*, p. 96.
- ⁹ “Ravage”, expressão utilizada por Lacan em L’Etourdit, *Scilicet*, Ed. du Seuil, Paris, 1973, p.21.
- ¹⁰ Idem, *ibid.*, *O seminário, livro 20: Mais, ainda*, p. 133.
- ¹¹ “que pouco espera e nada pede”, expressão utilizada por Freud em italiano. *Op. cit.* p. 199.

Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. A Organização Genital Infantil: uma Interpolação na Teoria da Sexualidade - 1923. *Obras Completas*. Edição Standart. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- _____. A Dissolução do Complexo de Édipo - 1924. *Obras Completas*. Edição Standart. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- _____. Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos - 1925. *Obras Completas*. Edição Standart. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- _____. Sexualidade feminina - 1931. *Obras Completas*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- _____. Conferência XXXIII- Feminilidade - 1932. *Obras Completas*. Edição Standart. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- LACAN, Jacques. L. Signification du Phallus - 1958. *Écrits*. Paris, Ed. du Seuil, 1966.
- _____. Propos Directes Pour un Congrès sur la Sexualité Féminine - 1958. *Écrits*. Paris: P.U. du Seuil, 1966.
- _____. *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- _____. *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.
- _____. *O seminário, Le savoir du psychanalyste*, Saint’Anne. Inédito, 1972.
- MOREL, Geneviève. “O ‘Dizer tudo’ como sintoma d’ mulher”. *Correio da Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 10, nov. 94/fev. 95. p.22-29.
- _____. Anatomia Analítica. *Psicanálise: problemas ao feminino*. São Paulo: Papirus Editora, 1996.
- _____. Condições Femininas do Cozo. *Psicanálise: problemas ao feminino*. São Paulo: Papirus Editora, 1996.

EM NOME DO PAI – ADOLESCÊNCIA E MORTE

Eliane Schermann

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

Lendo a obra de Freud, não encontramos o significante adolescência, e sim puberdade. Os analistas não se preocupam com o desenvolvimento cronológico mas com as discontinuidades que evidenciam o traumático que, ao deixar suas marcas no sujeito, desviam-no na sua história particular, construída como ficção.

A temporalidade no discurso psicanalítico está impregnada pela brevidade da vida como condição de desejo. O vivente nasce para a morte. Como sujeito, desperta de suas fantasias de imortalidade para se deparar com o mal-estar que o acorda do sonho, fazendo emergir aquilo que preservara no dormir. Se sonha, o faz nos braços do Outro, mas para fazer urgir o desejo. Há uma certa premência pulsional relacionada ao despertar. Desperta-se daquilo que na latência permanecia adormecido em relação à angústia. Esse recrudescimento da economia libidinal que clama por reorganização, induz retroativamente o efeito traumático sobre o vivido, fazendo apelo por um novo sentido.

O inconsciente freudiano está feito de sexualidade e morte. Isso nos apresenta Freud quando esquece e recalca o nome Signorelli, ao qual é conduzido a decifrar, ao percorrer a via associativa de seu paciente: “que a ausência de sexo seria para ele a morte”.

A noção de sujeito em Lacan permite captar o ser para a morte sob uma nova forma de dignidade: o sujeito como começo de algo particular e singular. Ao se engendrar no discurso, refaz sua história.

Para retomar a castração no sentido freudiano, como o modelo de hiância aberta no real, podemos dizer que o acesso a um ser pleno de gozo está proibido àquele que fala. Então, torna-se possível abordar a adolescência como o momento paradigmático da reatualização das relações possíveis entre significante e gozo.

A passagem pela função paterna conduz o sujeito a renunciar a um gozo ao qual está fixado. Freud não vacila em colocar a ameaça de castração como o processo que institui a saída do menino do período edípico e o instaura no começo da latência. Este período de latência afirma que algo sucumbiu ao inconsciente e permanece nas entrelinhas como efeito da paixão pela ignorância. A sexualidade referida à neurose infantil instalou-se no inconsciente, impondo ao sujeito, por um lado, a renúncia ao gozo e, por outro, fazendo emergir o significante como resposta ao enigma de sua existência.

O crime pelo assassinato do Pai da Horda Primitiva permite a metaforização daquilo que vem representar, no totem, a Coisa morta como renúncia ao gozo. Se toda palavra pode ser um totem, que surge do ato criminoso dirigido ao Pai, a estrutura inconsciente equivale à dimensão da ação da linguagem sobre o sujeito. Quando Lacan afirma que 'toda palavra é um ato', situa o ato na estrutura da fala como palavra dirigida ao Outro. Os atos são feitos de discurso. Lacan subverte, assim, o que 'no princípio era o verbo', fazendo corresponder o ato à palavra e esta última à morte da Coisa.

As possibilidades do desejo estão postas pelo efeito do recalque. A partir desse momento, a sexualidade surge como a primeira inscrição, que se aproxima do esquecimento e cuja abordagem evoca uma certa conotação de morte.

A psicanálise situa os acontecimentos da adolescência numa lógica e numa temporalidade que escapa ao modelo biológico. Inscreve, também, uma ruptura que impulsiona o sujeito ao reencontro com os restos mortais da infância perdida, exigindo-lhe uma reorganização simbólica.

Devido à pulsão de morte há sexualidade e desejo. Na sua inquietante busca pelas errâncias do desejo, impõe-se ao sujeito o processo de renúncia ao gozo, essa satisfação paradoxal, que deve articular-se à dimensão da palavra.

Por outro lado, nas vias do desejo, a puberdade exige ao sujeito relativizar os ideais parentais aos quais está alienado. Como desejante, abre-se para ele a via de um mais além do Ideal, cujo processo produz um sujeito, como efeito de um saber suportado no pulsional. A partir do Édipo, instalada a função fálica, a pulsão sexual se constitui para o sujeito como novo enigma a decifrar. Toda excitação interpela o sujeito não somente em relação ao sexo, mas a tudo que possa significar o desejo, instalando-o na demanda que sempre responde: trata-se de outra coisa. A resposta a essa interpelação retornará ao sujeito como ameaça, seja esta enunciada ou não pelo Outro, que se constituirá como lugar ao qual se dirigem as demandas. Da palavra dirigida ao Outro, o sujeito deve emergir como desejante. O Outro, ao permanecer silencioso, promove o não comparecimento de um significante que apaziguaria a falha no saber. Esse processo incita, então, no sujeito, a regressão às pulsões que formulam, pelo discurso, num registro anacrônico à demanda, os impasses que requerem uma decisão. Seus critérios fundam-se sobre o Édipo que julga, forçosamente, a articulação entre as errâncias do desejo e as urgências do gozo. Toda demanda por ser fala atrai do Outro sua resposta de forma invertida. Mas o sujeito, emergindo da insistência pulsional incessante, articulada à demanda, confrontado com a hiância que se abre na dimensão do saber, paradoxalmente, ao ser satisfeito como demandante, desaparece como desejante.

Em Freud com Lacan, a castração e a lógica universal fálica instalam uma nova dimensão ao gozo pulsional. A interdição ao gozo promoverá uma série de vicissitudes ao sujeito. Em especial, neste momento lógico que estamos chamando adolescência. No reencontro com o real que insiste, não raro, encontramos o adolescente impulsio-

nado ao ato, muitas vezes, chegando às portas do suicídio. Se a extinção da demanda na satisfação mata o desejo, só lhe resta tomar a palavra.

Ceder do desejo é comparado por Lacan à covardia moral. É dever ético da psicanálise trazer o sujeito de volta “ali”, ao Isso, onde antes se desconhecia. O que o sujeito não lembra, aquilo que está esquecido e recalcado, ele evoca no ato, impulsionado a agir. Reproduce não como lembrança, mas como atualização pulsional presentificada na repetição.

A escolha forçada

Era o que Abram, um adolescente de 15 anos, evidenciava ao chegar à análise. Repetia em atos cada vez mais desafiadores, denegando a morte, sua impossibilidade em se sustentar como desejante frente ao pai descrito como imagem de todo-poder. Ali onde o desejo do Outro faltava, parecia fazer de seus atos provocativos um apelo à uma palavra orientada pelo desejo que o humanizasse. Sob a forma característica de rebeldia, atava-se ao pai. Qualquer ameaça de separação que convocasse uma vacilação neste jovem, alienado ao saber do Outro encarnado no pai, incitava-o a um *acting-out*.

Na ausência de um saber sobre a lei que domina o desejo, a da castração, fazia aparecer em atos a radicalidade do real. Parecia fazer apelo a Um Pai, a um saber que pudesse funcionar como barreira a essa invasão de gozo, advinda desse Outro despótico e vociferador. Na impossibilidade de enunciar suas demandas, renovava continuamente em atos a fixidez identificatória na marginalidade, que o alienava no discurso do Outro. É próprio do eu recobrir-se numa imagem — no caso, o marginal — para velar a falha simbólica advinda do pai. Velava com essa imagem a matriz de desconhecimento que, êxtima a ele, poderia conduzi-lo para além do pai.

Separar-se dessas demandas denegadas e evidenciadas nos atos impulsivos implicaria queda de Um-Pai-Todo-Poderoso. Através dos atos,

quase suicidas, evitava a angústia relativizando o real não passível de significação.

Esse jovem tinha que fazer uma escolha forçada, como nos relata o mito bíblico sobre a origem da humanidade, entre a busca de um saber sobre o fruto da árvore do bem e do mal ou a expulsão do paraíso onde o gozo era todo. A escolha, na sua tragédia particular, parecia ser entre a vida eterna sem saber e um saber que seria mortal. Se a disjunção entre saber e gozo é condição para o sujeito desejante, em Abram evocava a morte. O Outro queria sua perda, fantasia fundamental na neurose obsessiva, da qual Abram dava seu testemunho. Seu pai havia assassinado um rapaz, que, na época do crime, tinha a idade com a qual, sem se dar conta, chegara à análise.

O saber está no campo do Outro. Deste lugar, o desamparo do vivente transmuta-se num significante que o aliena. Este significante privilegiado franqueia o campo das identificações. Abram, sob a ameaça desse gozo fora da lei, vestia-se do semblante de “dejetos da sociedade”, fazendo da sua posição de objeto excluído, sintoma, no qual o retorno da verdade, nua e crua, não da falha simbólica, relativizava esse excesso.

A morte como amo absoluto

A orientação de Lacan com Hegel faz da morte o Amo Absoluto, sob a condição de abrir o campo do mais além do narcisismo: “[...] esse toque de morte cuja marca recebe o sujeito ao nascer [...]”. Este mesmo significante inaugural do sujeito traz a dimensão de insígnia e participa, como todo significante, da condição de semblante que recobre a dimensão do ser-para-a-morte. Aspecto crucial de identificação entre o ser e o significante, ele toma rumo diverso no decorrer da obra de Lacan. Em seu percurso, Lacan trata de conceber a psicanálise no limite imposto pela extimidade entre sujeito e objeto. Da subjetivação de um significante ao processo de

destituição subjetiva, Lacan aborda a posição do sujeito em relação à experiência da pulsão, quando o sujeito se localiza como objeto na fantasia, janela aberta ao real.

Para o ser falante, a morte não lhe é indiferente. Assim como a linguagem altera as condições da sexualidade, promove conseqüências que se revelam em aspectos muito particulares, no mito individual de cada um e na cultura. Os ritos funerários, como os monumentos, são alguns exemplos das condições onde a morte adquire uma significação.

Inscriver um nome

Para Abram, faziam falta as coordenadas simbólicas que pudessem escrever seu romance familiar impregnado de morte. Sendo de uma família rica e tradicional, surpreende-se, um dia, ao verificar que seu nome não constava do livro de brasões pertinentes à família. Em lugar de atos irresponsáveis, passa a reivindicar a inclusão de seu nome no livro da história das gerações. Tenta reescrever, pelas insígnias familiares, os 'restos mortais' que o significante não havia recuperado. Faz apelo à palavra. Para preencher o lugar simbólico vacante, decorrente da vacilação das identificações, faz apelo ao pai que, enquanto morto no real, pode articular o gozo à lei do desejo.

O sujeito surge da dimensão significante que incide sobre o real do gozo mortífero. Lacan caracteriza a causação do sujeito inconsciente como sujeito da palavra em dois momentos lógicos. Se o chamado ao significante implica apelo primário ao Outro, de um só golpe, o sujeito surge e se apaga, como ser de gozo. Reduzido a essa identificação, que o fixava à marginalidade, respondia ao sintoma como significado do Outro. Ao mesmo tempo, poderia fazer surgir o sujeito ao preço do apagamento do ser de gozo, caso se excluísse da posição de monumento encarnado que traduzia sua pré-história. Na impossibilidade de fazer dessa inscrição um sujeito desejante, marca do *fading* constituinte da identificação fundamental, Abram se reduzia a objeto

ofertado ao Outro, sacrificando-se em repetidos e variados atos impulsivos. À falta de uma promessa, que deveria advir do pai simbólico, era conduzido ao trágico gozo não-interdito: perdendo-se, denegava a injustiça que lhe causava horror. Pagava com seus atos, quase suicidas, a culpa não redimida pelo pai: a família havia conseguido abafar o crime cuja pena o pai não cumprira.

Longe de ser aquele que contraria a Lei, Abram utilizava-se da identificação ao significante 'marginal' para dar caução ao Pai-Todo, pagando em sacrifício, a dívida impagável do pai. Ao recusar ver-se 'abolir como sujeito realizando-se como desejo', oferecia-se em forma degradada, como fiador, tamponando na abertura da estrutura, as falhas do discurso do Outro.

Através de seus repetidos atos, reivindicava uma justiça absoluta que somente o poderia conduzir à morte. Nas tentativas de situar-se como desejante, experimentara diversas temáticas de degradar esse Outro em pequeno outro, conjurando o pai em acusações. No processo analítico, produz um outro momento lógico: do lugar de dejetos, filho excluído, recorre à representação através do resgate de sua inserção dentre os braços da família. Recria seu mito individual, isolando a letra H que pertencia ao seu nome e não ao de seu pai, mas que constava no emblema familiar. Como sujeito, tenta articular o gozo a um significante que o localizasse na história das gerações. Ao se deparar como sujeito na separação desse pai duplicado — antes despótico, depois degradado —, defronta-se com sua própria questão como desejante: resgatar o nome da família.

É o reconhecimento da pulsão que permite construir, na saída da alienação, o funcionamento de divisão do sujeito. Isto implica que a operação de constituição não seja simplesmente uma operação de significação. Podemos mesmo dizer que o sujeito é efeito do vazio de significação, ou melhor, desse resto que não é absorvido pelo significante. Já não se trata de assegurar a relação do sujeito ao significante-amo, ao significante da morte, mas, numa posição inversa, colocar o inconsciente a produzi-los, a ponto de fornecer ao sujeito um nome a seu gozo.

Abram, inicialmente, identificado ao objeto marginalizado, através do qual tentava pagar a dívida impagável de um pai vociferador, revelava, apoiado em sua estrutura obsessiva, um momento paradigmático do que ousamos chamar adolescência, quando os atos alardeiam a vacilação das identificações. Muito embora a certeza, que o sujeito obtém, provenha da fixidez fantasmática que se evidencia na relação imaginária do sujeito com o gozo, é o franqueamento no plano das identificações que permite a passagem da fantasia à pulsão. Não mais na forma errática, através da qual Abram recriava sua verdade com seus atos impulsivos, mas pelo consentimento pulsional.

Como no mito de Abram, cujo nome evoca 'o pai todo-poderoso', totalizante, ignorante de um saber sobre a falta e despossuído de um filho ao qual pudesse legar uma herança, o sujeito renasce com a marca da perda — a 'libra de carne' — e pode adquirir um novo nome: Abraham, 'pai de um povo', nome feito de castração, sexualidade e morte. Poderíamos fazer, desse mito, uma equivalência: somente a partir do sacrifício do gozo um sujeito pode pretender se fazer pai, de um nome, e, então, obter um novo saber.

Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. Esboço de Psicanálise. *Obras Completas*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1970.
- _____. O Mal-estar na Civilização. *Op. cit.*, v. XXI.
- _____. Totem e tabu. *Op. cit.*, v. XIII.
- LACAN, Jacques. *O mito individual do neurótico*. Lisboa: Assírio e Alvim Ed., 1987.
- _____. A direção da cura e os princípios de seu poder. In: *Escritos*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- _____. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- _____. *O seminário: livro 10: a angústia 1962-1963*. Inédito.

Casos Clínicos

GEORGE, A MENINA-MOÇA QUE QUERIA TER UM PÊNIS: RELEITURA DE UM CASO CLÍNICO

Sonia Alberti

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e Professora Adjunta do IP/UERJ

Ana Paula Rangel Rocha

Especialização, Residência em psicologia HUPE/UERJ

S.B. foi trazida à análise com nove anos de idade — a análise interrompeu-se quando tinha 14 anos — por causa de uma baixa performance escolar, enormes “crises de temperamento” com agressão, medo intenso de que ladrões invadissem sua casa e a seqüestrassem ou roubassem, auto-imagem desorganizada além de um quadro depressivo com desejo de estar morta e “desprezo por ser menina” — manifesto por uma declaração aberta de que queria ter um pênis. Chegava a chamar-se, secretamente, de George — o nome que sua mãe lhe daria, caso tivesse nascido menino. Sua agressividade, juntamente com os momentos de angústia, intensificara-se oito meses antes do início da análise, quando sofreu uma cirurgia de hérnia, vivida como traumática. Fora prometido à criança que ela veria a mãe antes da operação, o que não ocorreu. Quando a mãe chegou ao hospital no horário combinado, a operação já havia sido realizada. Este fato deixou marcas: sua mãe não estava lá como prometera.

Trata-se de um caso publicado em 1972 no *International Journal of Psycho-Analysis* pelo psicanalista nova-iorquino Charles A. Sarnoff, e integra o estudo realizado atualmente no Núcleo de Pesquisas sobre Adolescência da Barra da Tijuca¹. Embora partindo de uma abordagem

teórica diferente, na qual enfatiza a utilização do mecanismo de projeção durante a análise de uma paciente pré-adolescente, Sarnoff deixa transparecer toda uma riqueza de considerações que nos permite fazer uma releitura com os instrumentos teóricos que agora possuímos. Fica patente a importância da falha da função paterna — comum a toda neurose —, embora o autor não aborde essa questão².

Na realidade, o desejo de ter um pênis era marcante num primeiro momento da análise. Uma de suas primeiras declarações foi: “Eu quero ser um menino. O que eu faço para conseguir um pênis?” Tinha muita habilidade nos esportes, gostava de brincadeiras de menino e insistia em usar roupas também de menino, colocando um *short* por baixo sempre que vestia uma saia ou vestido. Acreditava que os atributos masculinos a fariam sentir-se mais forte para suportar seus sentimentos. O pênis equivalia, portanto, a um símbolo de força, identificado, pelo analista, com a medalha que transformou o Leão covarde num bravo em *O Mágico de Oz*. Às vezes, nas sessões, ela prendia sobre as coxas uma boneca ou revólver de brinquedo de tal forma que ficassem pendurados como um pênis.

O tratamento e os comentários do analista

Nos momentos de separação, ou quando as regras maternas passavam por cima de seus desejos (sic), as crises de temperamento e o desejo de ter um pênis se intensificavam e eram interpretados pelo analista como defesas contra os sentimentos de raiva, solidão e fraqueza. Sarnoff comenta finalmente: S.B. achava que os atributos físicos do menino a ajudavam a controlar seus próprios sentimentos, daí o desejo dela de solucionar com eles, magicamente, os seus.

O autor observa que a interpretação podia interferir no uso da fantasia de ser um menino denunciando seu caráter de instrumento para barrar seus impulsos. O efeito imediato dessas interpretações era a mobilização

de fantasias de natureza fóbica, como o temor do ataque de intrusos. Baseando-se na obra de Anna Freud³, Sarnoff interpreta essa mudança na ordem de um mecanismo de defesa típico da latência: a projeção combinada com repressão, deslocamento e formação de símbolo. Entende assim o fenômeno de S.B.: projetar nos intrusos os seus próprios impulsos agressivos, deslocando-os para os ladrões, que simbolizavam ela mesma, o que a auxilia na repressão desses impulsos. A latência, diz, “é produzida quando uma organização especial das funções do ego permite à criança desviar as suas energias impulsivas dos objetos primários e semelhantes (...) amenizando motivações e impulsos despedaçadores”, (p. 517) o que ocorre, neste caso, a partir das fantasias fóbicas.

Aos 12 anos de idade, a atividade fantasmática já é menor e ela começa a relacionar-se com ‘pessoas reais’ de seu meio. Ao mesmo tempo, o analista sugere que as fantasias de ladrões foram, em parte, transferidas para ele e agora ela lhe dirigia sua agressividade diretamente, enquanto em casa as coisas haviam serenado. “O analista está implicado na relação da fala do sujeito ao significante e ao gozo. É a partir dessa implicação que o desejo pode se fazer presente (...)” (Alberti, p.135). Dentre as inúmeras tentativas de interpretação da agressividade na transferência, o analista observa que talvez esteja com raiva por achar que ficaria fraca, caso lhe falasse sobre assuntos sexuais. Respondendo ao desejo interpretado pelo analista, S.B. relata, imediatamente, ter assistido sua irmã masturbar-se e que temia ter que relacionar-se sexualmente, ainda adolescente, a fim de poder ser aceita num grupo de jovens ao qual queria pertencer. A projeção, observa Sarnoff, agora já não se dirige aos ladrões fantasiados, mas colore as fantasias do início da adolescência. Seus impulsos agressivos e sexuais fundiram-se em fantasias masoquistas nas quais era forçada a submeter-se ao ato sexual com semelhantes. Mas só admitia esses impulsos na consciência quando atribuídos aos parceiros em potencial, negando-os portanto como seus. Daí a nova denominação: projeção associada à negação, em substituição à projeção associada à repressão, deslocamento e simbolização da fase anterior. Como efeito, o relacionamento com outros adolescentes passou a ser acompanhado de

angústia, o que, aliás, não é patológico em si, *mas esperado nesta idade*, diz o autor, pois as projeções nesta época envolvem pessoas reais.

Por outro lado, a formação de símbolos agora mascara tão bem as suas significações que eles podem ser, doravante, utilizados sem criar angústia. Surgem novas fantasias: as sublimatórias. Sarnoff exemplifica com poesias, as duas primeiras escritas por S.B. aos dez, e as duas últimas aos 13 anos:

*Aquela casa realmente é assombrada.
Fantasmas saem à noite.
Seus gritos assustam⁴.*

*Meu cachorrinho novo.
Meu cachorrinho tem muito medo. Ele estava atrás
das cadeiras. Sua mãe não está com ele⁵.*

*O sol nasce derramando sua luz dourada
sobre vales e colinas
Chama homens e animais.
Pássaros tomam asas.
Um novo dia começa cheio de luz e
felicidade⁶.*

*O sol nasce e espalha seus graciosos
raios sobre as árvores
Distante, um galo canta
para que todos saibam que
o sol abriu o dia⁷.*

Contemporânea à produção dessas últimas poesias, S.B. apresentava grande inibição em escrever redações na escola. Quando, em análise, foi possível verificar que essa inibição decorria da exigência (materna) de ser absolutamente criativa, enfim conseguiu escrever de forma espontânea. Um grande passo havia sido dado “na direção à individuação em relação à mãe” (sic). Ao mesmo tempo, surge, em suas associações, uma professora de ciências. O analista interpreta que, até então, sua consciência era uma incorporação e uma identificação

com a mãe. Na necessidade de desfazer esse laço, alguém precisava assumir esse papel para ser *projetado* nele seu ego ideal. A partir daí, S.B. sentia-se obrigada a interromper uma conversa qualquer com a frase: “Ciência é uma boa matéria”, acarretando um evidente embaraço da própria adolescente frente aos outros que a ouviam, até poder, com o analista, dar-se conta de que projetava na professora seu próprio ego ideal internalizado, que necessitava reafirmar frente às colegas.

Sarnoff explica o que entende aqui por sublimação: já não se trata de projeções do Id mas de projeções do superego que interpretam os temas do indivíduo no ambiente (p. 520), permitindo mudanças no próprio superego. Ela ocorre em toda adolescência quando o sujeito projeta o superego no ambiente — professores, colegas mais velhos e grupos da mesma idade — que, nem sempre, permanecem como receptores passivos — a professora de ciências, no caso, foi um receptor passivo. Com a incorporação das idéias fornecidas pelo ambiente, valores estranhos aos dos pais passam a fazer parte do superego, sancionando determinados comportamentos. Aliás, segundo o autor, são essas as mudanças características para o início da adolescência:

O início da adolescência é o período no qual há uma mudança no superego. Usualmente isso implica uma reavaliação dos limites ou a aceitação das regras de uma subcultura (p. 521).

A adolescente começava a falar em terminar a análise. O que não é de se espantar, pois a essa altura Sarnoff identificava-se com a mãe de S.B.: “Ela estava pronta para deparar-se com sua procura de alguém que substituisse sua mãe-analista como guia a dirigir seu comportamento”. Frente a isso, as resistências da paciente aumentaram evidentemente, mas Sarnoff as interpreta em associação com a recusa, do início do tratamento, a assumir-se como menina. Desafiar as leis da natureza (que queriam que ela fosse menina) era a mesma coisa que desafiar a lei segundo a qual o analista tem que estar de acordo com a decisão do final da análise. Assim, o analista, sem mencioná-la, introduz a castração no contexto da análise de S.B.,

provocando reações de raiva em sua paciente. Até o dia em que pergunta a ela se alguma vez antes estivera assim tão zangada. S.B. responde: “quando minha mãe nos chamava, a mim e à minha irmã, de Resther” (uma combinação de Rose e Esther), obliterando a identidade individual de cada uma das duas filhas. Ela ficara tão furiosa quanto está agora por não poder determinar a data de término da análise e quando se vê forçada a engolir todas as interpretações do analista. Vemos como aqui a relação transferencial é palco da resistência do analista, que não pode perceber o quanto S.B. precisa barrar o poder do Outro que insiste — pois agora o próprio analista identifica-se com a mãe — em impor-lhe suas regras que vão contra o desejo dela, tal como reclamara da mãe no início da análise.

Para concluir o caso, o autor retoma uma questão comumente observada na clínica com adolescentes: “Há uma semelhança entre os acontecimentos psíquicos do final da latência, início da adolescência, e os acontecimentos psíquicos da fase de separação/individuação da infância” (essa última fase é verificada por volta dos dois anos de idade, aquela em que a criança é *impossível*). Assim, Sarnoff conclui que há três trabalhos que ocorrem nesse período: “1. testagem da fantasia frente à realidade estabelecendo relações objetais, 2. sublimação e criatividade, 3. abrindo o superego para influências culturais contemporâneas.”

Uma releitura do caso

Ao reivindicar um pênis, S.B. demonstra seu protesto em relação à constatação de sua própria castração. Embora demandando um pênis, o que deseja é o falo que simboliza o pênis enquanto podendo faltar, introduzido pela intervenção do pai para castrar a mãe. Entre o ser menino ou menina (questão histérica), S.B. fica presa na oposição castrado/não-castrado por uma razão particular: S.B. encontra-se invadida pelo gozo. A mãe ultrapassa seus desejos com suas regras e S.B. não consegue freá-la⁸. Ela também não está quando S.B. se submete a uma cirurgia traumática. O pai não se faz presente, não se lembra

de nada, não dá seu testemunho. Qual será o lugar da filha no desejo? S.B tem uma irmã mais velha, esta sim com um lugar certo no desejo da mãe, que, para S.B, é o lugar da preferência. Isto leva a questionar qual seria o lugar de S.B no desejo dos pais. S.B parece sentir-se alijada desse desejo, o que é revelado por sua vontade de estar morta (cf., por exemplo, Alberti, p. 92), e a única forma de responder ao enigma do desejo do Outro é pela identificação com George.

Se George é o nome do sintoma $s(A)$, insuficiente, no entanto, para cifrar o gozo, a reivindicação do pênis vem aqui se colocar como uma tentativa de barrar o gozo pelo qual se vê invadida, ao mesmo tempo em que permite que S.B fale disso. Na medida que fala disso, que endereça sua demanda ao analista, chamado ao lugar do pai, a paciente pode colocar-se como sujeito do desejo.

Há, então, uma clara mudança que se caracteriza pelo fato de S.B passar a outro tipo de fantasia. Fantasia do tipo fóbica, onde ladrões e monstros invadirão sua casa para roubá-la ou machucá-la. O que o autor chama de uma formação de símbolo (ladrões/ monstros) é apaziguador em certo sentido: “Nessa criança, a formação de fantasias fóbicas transformou seus impulsos. Dessa forma, a projeção permitiu sua proteção contra a falta de controle (...)” (p.517).

O autor está enfatizando, sob o conceito de projeção com caráter protetor, que com isso o sujeito pôde nomear a causa de sua angústia, ou seja, pôde nomear o que não leva em conta o desejo: o gozo. Através dessa operação, o gozo pôde estar limitado a um significante, ladrão ou monstro, o que provocou um certo apaziguamento. Verifica-se que esta fantasia já ocorre dentro da transferência com o analista, na própria fantasia que S.B. traz ao analista e que inaugura uma série de sonhos que portam sua interpretação:

O doutor está dormindo. Ele levanta e vai para seu consultório ver uma paciente. Ele arruma suas notas e olha com avidez para todo o seu dinheiro. Ele fica muito excitado por ter tanto dinheiro. Quando a excitação aumenta, de repente

um ladrão entra. O doutor mata o ladrão. A polícia chega. Ele fica preocupado com a polícia. Ele esconde o corpo do ladrão no armário. Fica muito receoso de que a polícia encontre o corpo⁹.

Enquanto nesta fantasia o doutor não está totalmente dentro da lei do desejo, nos sonhos (cf. nota 8) o pai está claramente ao lado dessa Lei. É o pai que, ao desencadear o Édipo e introduzir a castração, tem por função introduzir a Lei que interdita o gozo da mãe. Eis uma função — função simbólica, primordial — do pai: barrar o gozo. A maneira que tem de barrar o gozo, como já vimos, dá-se através da introdução de um significante que limita e sexualiza o gozo, fazendo surgir o desejo. Desejo esse, por definição, enigmático e sexual. Enigmático porque a partir daí vai se colocar a pergunta: o que os ladrões querem de mim? E sexual porque submetido à significação fálica.

A partir deste momento, S.B. começa a falar de suas preocupações referentes ao sexo. Relata o episódio que a confundiu muito: durante uma viagem recente teve que dividir a cama com a irmã que se masturbou e ficou muito excitada, produzindo toda a sorte de sons com a respiração. Fala também do seu medo de ser forçada a ter relações sexuais com adolescentes para que possa pertencer ao grupo deles, como era de sua vontade (ainda não deixara de querer pertencer ao grupo de garotos).

Conforme coloca o autor, uma outra mudança decorrente da análise se opera¹⁰: seu desejo não estaria mais representado em objetos fóbicos, mas dirigido a pessoas reais, seus pares, embora o negasse. A interpretação do autor é de: que há uma mudança na forma predominante da projeção que, nesse momento, passaria a estar associada ao mecanismo de negação. Para o autor essa forma de defesa é o que marca sua entrada na adolescência e de maneira positiva, uma vez que permitiu à paciente checar suas fantasias na realidade e poder, com isso, relacionar-se com seu grupo.

S.B. então passa a escrever poemas e peças de teatro para a escola, nos quais projeta suas fantasias. A angústia cede lugar a histórias engraçadas

e lirismo. Numa peça de teatro que escreveu para a escola, tanto o conteúdo da história quanto os personagens lembravam seus sonhos e fantasias fóbicas. No entanto, dessa vez a história era engraçada:

O personagem Rat Fink Freddy pertencia a um bando de ladrões. Num assalto pegou uma mulher para que esta pudesse dizer-lhe onde estavam escondidas as jóias, enquanto tinha relações sexuais com ela. A mulher disse: “Você quer dinheiro, vou te mostrar tanto que você vai se afogar nele.” No fim, os ladrões foram presos e tiveram que fazer muito exercício na prisão.

Essas produções marcam a emergência de uma posição feminina que pode ser vista pela aparição da mulher, tanto na peça de teatro quanto nos dois últimos poemas citados (note-se que *sol* na língua inglesa é feminino). É na peça que nos deparamos mais abertamente com a questão do feminino. O ladrão quer que a mulher lhe mostre as jóias, mas ela mostra o dinheiro. Será que ele não sabe que as jóias não existem? Não existe significante que dê conta do feminino. O ladrão está preso à referência fálica, mas o falo não pode significar o feminino, posto que este é justamente o furo onde não há significação possível. Por isso, a mulher da peça engana o ladrão e, em vez de mostrar as jóias, mostra-lhe o dinheiro. Ele que vá fazer muito exercício na prisão.

É interessante observar como S.B. sabe disso, ou melhor, como está podendo vislumbrar isso sem sentir-se invadida por tanta angústia. Pois se tem algo que pode ser trágico na adolescência é o encontro com esse real ex-sistente à referência fálica. Parece, portanto, que algo da função paterna pôde operar permitindo-lhe fazer frente a esse real insuportável.

No que se refere à introdução do sujeito na dialética do desejo, eis, nas suas palavras, o maior ganho na análise: “É que agora eu não quero mais estar morta.” No que se refere ao seu lugar na partilha dos sexos, para quem dizia não saber se era menino ou menina, S.B. parece ter-se saído

bem desse dilema na peça de teatro que cria, onde o fato de ser objeto do desejo do outro — lugar tão dificilmente ocupado pelo sujeito histórico — não impede à mulher de enganá-lo por saber, em algum lugar, que jamais terá o que deseje.

Apesar de Sarnoff terminar por identificar-se com a mãe, o que o leva a questionar o final do tratamento e a propor um diagnóstico sombrio: “de todo jeito trata-se de uma adolescente com problemas nas fronteiras do seu ego e na identificação” (sic, p. 520), podemos supor que, malgrado às vezes o próprio analista, S.B. fez um longo trabalho de análise. Se por um lado poderíamos pensar que S.B. ainda tem necessidade ‘de lançar mão’ da função paterna que, através da polícia vem prender o ladrão, por outro, não podemos deixar de achar graça com ela do castigo imposto a ele: ficar fazendo ginástica na mesma prisão. Gozo de um saber a mais que, sem dúvida, S.B. adquiriu. Quanto ao superego, de que fala o autor do caso, esta história da peça criada por S.B. denota muito mais o que Freud havia observado no texto sobre o *Humor* (1927) do que o fato de que houve uma transformação do superego por causa das projeções. Na realidade, como diz Freud, o humor implica um superego bastante simpático e benevolente, que não submete o ego a nenhuma dominação, ao contrário, permite-lhe escapar dela. Assim, só podemos observar que a análise de S.B., por permitir-lhe barrar o gozo do Outro — superególico, a mãe —, franqueou-lhe o acesso à liberdade, tão cara, tão desejada e tão difícil ao sujeito adolescente. Barrar o gozo do Outro, o horror do poder da mãe, talvez seja equivalente, na história de S.B., à *projeção do superego* como investimento de desejo edípico no grupo de seus semelhantes, os outros adolescentes aos quais S.B. atribuía desejo. Assim teríamos os dois superegos a que Freud fazia alusão: o superego materno, terrível, e o superego herdeiro do complexo de Édipo, ditando a via do desejo.

Que particularidade traz esse percurso e em que nos interessa no estudo da adolescência? Não há dúvidas aqui que S.B. se vê impelida a verificar-se como sujeito do desejo a partir de uma nova posição na fantasia: aquela em que uma mulher se torna objeto sexual do ladrão.

Se não acreditamos em desenvolvimento, ao contrário de Sarnoff, não podemos deixar de observar que S.B. — nem tanto por imposição da natureza, mas por aquela do superego que lhe designa um lugar como sujeito a tomar posição na partilha dos sexos — escolhe aquela posição em que *não toda* está submetida à castração. Escolha essa que pudemos acompanhar perfeitamente. Terá sido por acaso um caso de uma adolescente?

¹ Inscrito no Núcleo de Pesquisas em Psicanálise com crianças da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio de Janeiro, coordenado por Elizabeth Rocha Miranda e Sonia Alberti.

² Mencionando as publicações da IPA, principalmente no que se refere aos trabalhos publicados no *International Journal of Psycho-Analysis*, Silvestre (1991) chama a atenção para a falta de privilégio neles encontrada no que se refere à função paterna: Esse aviltamento da função paterna permite-nos compreender a escassez de trabalhos sobre ela. Mas, sobretudo, quando em alguma passagem de um trabalho clínico surge um material que permitiria levantar a questão do pai, ou bem esse material não é empregado, ou sua retomada não vai muito adiante — e sempre da mesma maneira (p.106).

³ cf. também o texto de Serge Cottet “Estrutura e romance familiar na adolescência”, neste volume.

⁴ *That house is really haunted./Ghosts come out at night./ Their howls/and screams are scary.*

⁵ *My new puppy/My puppy is very scared. He was behind/the chairs. His mother is not with him.*

⁶ *The sun rises shedding her golden light/ over hill and dale/ She called out man and animal/ Birds take wing/A new day begins full of sunlight and/happiness.*

⁷ *The sun rises and sheds her graceful/rays upon the trees/In the distance, the rooster crows/to let everyone know that/the sun has opened the day.*

⁸ Outras passagens que assinalam a mãe não-barrada encontram-se nas próprias palavras da mãe quando, fazendo referência a uma análise que chegou a iniciar, orgulha-se de ter irritado tanto seu analista que este se mudou para a Califórnia. Em outro momento de seu relato o autor nos revelava que a mãe chamava, assim como a irmã, por um nome combinado, por exemplo, Resther (combinação de Rose com Esther). Com isso, não possibilitava a formação de identidade de nenhuma das duas.

⁹ Outro sonho, igualmente importante, vale a pena ser mencionado: “Tinha um monstro na minha cidade. Eu não sabia o que era e por alguma razão ele parecia estar especialmente rondando nossa casa, e foi dito no rádio, quando o monstro chegar feche todas as janelas e todas as cortinas porque se ele os vir através de qualquer janela, ele vai entrar, matá-los e carregá-los, e vocês não saberão para onde ele os estará levando. Obviamente, todo mundo estava com medo na família, mas eu era a mais assustada por alguma razão. Como o monstro estava circundando a nossa casa, eu queria ir para um apartamento. Então mamãe, papai e eu fomos para outro lugar. Quando chegamos lá papai disse que não gostou do lugar. Ele queria voltar para casa. Todos voltaram para a casa. Eu fiquei, e dormi sozinha. Na manhã seguinte eu voltei para casa, porque fiquei com saudades da família. Eu estava chegando em casa. Eu não tinha visto o monstro. Então o vi. Eles estavam por abrir a porta e me deixar entrar. O monstro era grande, um animal parecido com um dinossauro. Ele começou a subir a veneziana e a pilastra exatamente na direção do quarto da minha irmã. Eu estava dormindo lá com ela. Papai chamou o carro de polícia para o nosso quintal. Eles pegaram o monstro. Amarraram seus braços, pescoço e perna. Ele foi levado para um cientista... Era algum tipo de animal antigo, o tipo que deveria existir quando os dinossauros estavam vivendo aqui. Eles haviam colocado nele um cérebro, corpo e pele e o fizeram viver. Eles não sabiam que ele viveria. Eles não queriam isso. Ele saiu durante a noite. Eles disseram que isso nunca mais aconteceria”. Neste sonho, S.B. nomeando o gozo no monstro, inicialmente difícil de barrar, introduz, finalmente o pai para que este, com o auxílio da polícia, circunscreva esse gozo ao ambiente onde pode ser contido: o campo da ciência. Mas esse sonho mostra também como ela mesma, sustentada pela função paterna, pode ficar só, sem o pai, durante algumas horas. Com isso pode sentir saudades e decidir voltar para casa, não sem reexperimentar aí a angústia.

¹⁰ Embora o autor seja talvez tímido ao atribuir tal mudança à análise.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- SARNOFF, C. A. The Vicissitudes of Projection During an Analysis Encompassing late Latency to Early Adolescence. *International Journal of Psycho-Analysis*, n. 53, 1972. p.515-522.
- SILVESTRE, Michel. *Amanhã, a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

A ROSA — E O RETORNO DO NÃO DITO

Elizabeth da Rocha Miranda

Membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise

Rosa tem 16 anos quando chega ao consultório após o que a família chama de “acidente”.

Com o olhar baixo, as mãos escondidas na blusa, me diz: “Não quero viver, morrer deve ser melhor. Quero ir para junto dele”. Seu namorado morre em um acidente de automóvel e Rosa, dias depois, se tranca no quarto e corta os pulsos.

Suas primeiras entrevistas giram em torno da perda do namorado, o único que a amava, que não a traía. Precisa “ouvi-lo” e passa os fins de semana em um centro espírita à espera de mensagens de seu amado. Muda-se para a casa da família do rapaz. “Lá se sente em paz”. Ele era feliz e morreu, e sua mãe sofre muito, mas ainda assim a consola e até dá força para que ela tenha um outro namorado.” Essa mãe sofredora, dedicada, ocupa um lugar idealizado. É a mãe imaginária e sem faltas, enquanto que sua irmã, tia do rapaz, que ajudou a criá-lo exerce sobre Rosa um fascínio, presentificando o enigma da feminilidade. Rosa passa a sair com ela e a viver, por procuração, suas aventuras amorosas.

Em um segundo tempo, já em análise, Rosa fala das circunstâncias de seu ato suicida. Rapidamente, em tom de indiferença, diz: “Todos saíram; é como se nada tivesse ocorrido”. Sente-se só, precisa do namorado e quer ir para junto dele. Sente-se tonta e com medo. Quando volta a si, já no hospital, olha para a mãe e pensa: “se eu tivesse morrido, ela iria sofrer.”

Foi socorrida pela irmã que pulou a janela, “mas foi só porque queria um CD”.

Rosa coloca aí a questão: o que eu sou no desejo do Outro? No momento de luto pela perda daquele que amava e lhe dava um lugar de reconhecimento como mulher, “perde o chão” e endereça à mãe uma mensagem suicida: “Eu posso morrer de amor por você”.

Rosa não compreende o seu ato, pois sabe que não mais encontrará o namorado e que não quer morrer. O *acting-out* tem a estrutura do ato falho, das formações do inconsciente, mas é um agir-fora onde o sujeito se encontra do lado do ‘não sou’. Sua mãe sabe que o ato de Rosa lhe é endereçado. Quando me traz a filha, apresenta-se culpada, falando de um relacionamento difícil, que chega a agressões físicas de ambas as partes, e que ela atribui às condições de nascimento de Rosa.

É a segunda filha e sua gravidez foi veementemente rejeitada pelo pai, que queria que a mãe abortasse, pois só desejava um filho. Na época desempregado, vivendo problemas políticos em seu país e com a própria mãe morrendo não teve condições de aceitar essa gravidez.

Desse período de sua vida, a mãe só lembra que chorava muito e que o marido, a qualquer tentativa de aproximação, lhe dizia: “Tire essa barriga daqui, você está horrorosa, gorda”. Sente-se rejeitada como mulher. Ocorrem agressões físicas e Rosa nasce na casa da família materna, dias após a morte de sua avó paterna. O casal se reconcilia e vem para o Brasil.

Quando Rosa tinha 14 anos, seu pai se apaixona por uma jovem de 19 anos e sai de casa. Desesperada, sua mãe ingeriu uma grande quantidade de calmantes e foi hospitalizada. “Fiz tudo premeditado; ele nunca mais teria paz”. Diz que Rosa reagiu ao fato com total indiferença e se pergunta se isso não teria causado a atitude da filha.

A esse respeito, Rosa me diz: “Eu vi minha mãe sair na maca, todos choravam, acho que sabia que ela não iria morrer. Meu pai é um babaca, um velho fazendo papel de trouxa com uma menina, nem dinheiro ele tem”. O pai volta para casa e Rosa quebra o idílio com esse pai que, até então, tinha todos os direitos e a quem ela sempre defendia.

A histérica idealiza o pai e o desmascara, denunciando que sua potência não serve para nada. Esse pai imaginário ou desvalido é uma forma de manter o pai vivo.

Poderíamos dizer que o *acting-out* de Rosa tem duplo endereçamento na medida que, identificada ao sintoma da mãe, ela tenta um lugar junto ao pai. Passa a desafiá-lo, ao que ele responde com uma ameaça: “Se continuar assim, eu arranjo outra mulher e vou me embora”.

Rosa ‘fica’ com um amigo com quem tem sua primeira relação sexual. O rapaz lhe desrespeita, contando jocosamente para o grupo o que se passa entre eles. Traída pelo pai e pelo amigo, se tranca em casa, abandonando todas as suas atividades, inclusive a escola.

No momento da puberdade, a sexualidade interrompe o sono de Édipo diante da possibilidade do sujeito colocar em ato o seu desejo edípico. No prefácio do *Despertar da primavera*, peça de Wedekind, Lacan comenta que a “sexualidade faz buraco no real”¹.

Esse encontro traumático e sempre faltoso, no qual Rosa vai buscar uma resposta para o seu lugar no desejo do Outro, a joga em um luto da sua condição de menina. Passa a questionar seu lugar na família, e quer saber sobre a sua gravidez e nascimento. Por que sua mãe foi internada quando ela era bebê? Porque morou com a avó materna? Recordar-se que sua mãe passou 12 dias inconsciente e só voltou a si quando ela, então com cinco anos, é levada ao hospital para despertar-lhe do sono. No período em que sua mãe estava hospitalizada, Rosa, ao ser contrariada por uma tia, apanha uma faca de cozinha e ameaça cortar o pescoço.

Já não quer mais “ouvir” o namorado. Sob transferência, traz as suas questões sobre o que é ser mulher para um homem. Interroga essa questão através da mulher namoradeira (tia do namorado), da própria mãe, que agora trabalha e quer sair com as amigas solteiras – “Mulher casada não pode ficar tomando chopinho com amigas saidinhas” – e da própria analista, de quem se queixa por não lhe dizer o que fazer.

O analista, com seu meio dizer, dispara a cadeia significante, provocando um esvaziamento de sentido e desestabilizando a certeza neurótica fixada pela fantasia.

Nesse momento, Rosa resolve fazer uma tatuagem; sem pensar, num impulso, tatua uma rosa em seu pescoço. Não sabe porque fez, às vezes até acha feio. “Você sabe, nunca mais vai sair”.

Marca no real do corpo, onde não sabe dizer porque uma rosa. Rosa menina, mulher, rosa.

Já em um terceiro momento de sua análise, viaja de férias ao seu país de origem insistindo em ir sozinha para a casa da avó materna em uma cidade próxima. A avó a cerca de “cuidados exagerados” ao saber do seu “incidente” e lhe confia um segredo, pedindo-lhe sigilo em relação a mãe. Seu avô materno não é o que ela conheceu e sim um homem muito violento, que lhe batia durante a gravidez de sua mãe e que se suicidou em um quarto de hotel perto de casa, quando esta tinha dois anos. A avó casou-se novamente e o marido adotou sua mãe, nunca permitindo que ela soubesse a verdade sobre sua história. Após a morte desse pai-padrasto, quando sua mãe tinha 28 anos, lhe foi revelado esse segredo por uma tia. Sua mãe proíbe que se volte a tocar no assunto. Como o neurótico, não quer saber nada disso. Rosa conclui esse relato dizendo-me que o avô só podia ser louco.

No *Seminário 14, A lógica da fantasia*, Lacan nos fala do *acting-out*: “Há dois tempos: lê-se algo, lê-se mal, alguém que está presente quer

mostrar do que se trata, ele o representa”². Rosa representa a sua história. O não dito retorna em forma de ato, que comporta uma verdade que não se sabe.

Numa tentativa de se inscrever na linhagem, identificada com o sintoma da mãe e diante de um pai que lhe ameaça com outra mulher, atua e corta os pulsos. Seu ato falho aponta para o que não cessa de não se escrever, revelando o real que, por não ter havido um dito, um significante que o contorne, aparece como *automaton* na cadeia significante.

“A sexualidade é traumática porém sempre de maneira retroativa no sentido de que a genitalidade se constitui muito depois da fantasia sexual, a qual se apóia na primeira infância sobre a relação aos pais”³. Mas é na adolescência, quando o sujeito tem a possibilidade do ato sexual, que a sexualidade faz furo no real.

Rosa em suas tentativas de barrar o gozo da pulsão de morte faz apelo ao pai. É através da voz do namorado, da busca de seu passado, tentando construir a sua própria história, e da rosa tatuada que ela tenta barrar o gozo, dar um significante, fazer marca, traço, para dar conta desse não dito que retorna sob a forma de ato. Essa adolescente faz uma tatuagem, marca no real do corpo que se inscreve na história de cada um de maneira particular.

Rosa não é seu nome próprio, é a tatuagem que, “num impulso sem saber porque (afinal ela saiu para ir ao cinema)”, é gravada em seu pescoço, não como numa mostraçã, visto que é escondida, mas da qual Rosa vem falar à analista. *Acting-out* aí endereçado à analista que não lhe diz “o que fazer” e, como ela sabe, não vai lhe dar a solução.

A tatuagem é hoje um dos símbolos da adolescência. Para as meninas, a escolha do desenho a ser tatuado e do lugar do corpo, é marca de sedução, cicatriz indelével, uma tentativa de ‘ser mulher’, na falta de um significante. Para os meninos, é o símbolo de força, virilidade, potência,

afirmação daquilo que ele precisa acreditar ter. Observa-se aí um desconforto, um não saber como, uma inadequação que se inicia na adolescência e que acompanha o sujeito na idade 'dita' adulta.

É no momento em que o sujeito se encontra entre o significante, que o representa no Outro, e o objeto, que Rosa atua fazendo apelo a um possível 'ser mulher'.

No lugar da faca, do *acting-out* que ela não recorta, sem saber porque, ela faz a marca de uma rosa.

Mas como diz Gertrude Stein em algum lugar de suas poesias: "uma rosa é uma rosa é uma rosa ..."

¹ LACAN, Jacques. El Despertar de la Primavera. *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Ed. Manantial, p.190.

² LACAN, Jacques. *O seminário, livro 14, a lógica da Fantasia*, (inédito).

³ COTTET, Serge. Estructura y Novela Familiar en la Adolescencia. *Registros, psicoanálisis y adolescencia*, Tomo verde, ano 5, p.11, 1995.

O QUE É SER UM HOMEM?

Maria Luisa Duret

Membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise

“Você vai fazer do meu filho um homem!”

É com esta exclamação — quase injunção — que Maria busca análise para seu filho Paulo de 15 anos, com quem diz se preocupar muito. Segundo ela, o que parecia fragilidade na infância revela-se agora na adolescência como uma ‘tendência homossexual’. Diz não suportar mais sua voz fina, seus gestos e trejeitos tipicamente ‘femininos’.

Nesta primeira entrevista ela relata momentos de sua história: ficara dois anos sem trabalhar, de licença médica, tendo sido diagnosticado, na época, uma depressão grave. Não saía do quarto para nada e não era permitido sequer que as janelas fossem abertas. Neste período Paulo e sua irmã interromperam os estudos. A relação com o marido revelava-se extremamente difícil e culminou finalmente com a separação. Ele, alcoólatra, a espancava com relativa frequência, sobretudo quando ela recusava-se a entregar-lhe, a cada 15 dias, seu salário. Conclui: “Paulo deve ser assim porque odeia o pai. Não quer ser igual a ele”.

Quando Paulo chega para as primeiras entrevistas se expressa sem dificuldades mas sua fala, neste início, é desconexa e imprecisa. Aparência franzina, chora e queixa-se muito de sua imagem: “Tenho horror a espelho. Sou horrível. Se pudesse quebrava todos os espelhos. Não suporto ver minha imagem refletida.”

Sabemos que a prática clínica leva Freud a desmanchar a noção do Eu como uno ou permanente. Em 1910, a propósito de um caso de cegueira histérica, aparece pela primeira vez o Eu fundado na pulsão.

Não foi sem importância, então, que as perturbações da visão tenham sido a via pela qual o Eu se revelou como objeto libidinal. Existe um privilégio do olhar na constituição do Eu. O corpo, para Freud, é um corpo olhado.

Lacan, com o desenvolvimento da noção do estágio do espelho, apontará para um momento onde inscrevem-se não somente as estruturas ontológica e paranóica, mas também a estrutura libidinal do ser falante. Esse dinamismo libidinal torna-se a própria erótica do corpo. A imagem do corpo próprio, então, será sempre para o sujeito o símbolo de sua presença no mundo. Ao falar da falta constitutiva no espelho, Lacan situa a falta do próprio corpo, porque dentro do corpo o que se vai encontrar mesmo é um vazio, que é a própria falta. Situando o escópico antes do especular, pode-se então dizer que a imagem como visível comporta um vazio que é invisível.

Retomando o caso de Paulo, que horror é este refletido no espelho? Sem dúvida, o horror da castração, do encontro com o inominável, o vazio. Em sua fala, há visível predominância de representação do sexual: visão dos pais 'transando', a irmã que leva os namorados para 'transar' em casa, cenas às quais assiste numa mistura de êxtase e pavor. Assim ele se refere às suas primeiras experiências sexuais: "Fiquei entre o medo e a vontade, você entende? Agora posso falar para você mas antes só para as paredes. Não quero acabar como o Cazuza e muitos outros."

Em *Esse sujeito adolescente*, Sonia Alberti diz:

É o encontro com o sexo, na puberdade, que desperta o sujeito pois é nesse momento também que ele é chamado a tomar posição diante da partilha dos sexos, fazendo equivaler a palavra ao ato. Se até então ele podia dizer-se

menino ou menina, nas brincadeiras e nos jogos infantis, somente depois da puberdade ele sela esse dizer com a irreversibilidade do ato. Todo ato do sujeito que implica o desejo é também um despertar¹.

A peça de Frank Wedekind *O despertar da primavera*, comentada por Freud e Lacan, discute questões cruciais da adolescência. Cito aqui uma frase retirada do diálogo entre Melchior e Moritz quando este conta a história da “rainha sem cabeça”: “Quando eu vejo uma garota, vejo-a sem cabeça”².

Ainda no mesmo ato, a questão é retomada quando eles comentam *Fausto* de Goethe.

Moritz: O próprio Fausto, não teria se livrado disto com tanto sangue frio quanto nós³.

Melchior: Não, a obra de arte decididamente não culmina nesta torpeza! Que Fausto tenha prometido casamento à menina e depois, que ele mesmo a tenha abandonado, para mim não teria que, disto ser mais ou menos punido. E Marguerite poderia bem morrer com o coração partido, estou de acordo. Ver como cada um se obnubila todo o tempo com isso e aí se agarra, acreditar-se-ia que o mundo inteiro gira em torno de duas coisas, “o pênis e a vagina”⁴. (grifo nosso)

Neste ‘despertar’ da adolescência, conflitos e angústias surgem e, dentre eles, o luto pela perda de uma impossível completude. Sobre isto Paulo assim se expressava: “Quando comecei a ficar com Jorge foi naquela época do *impeachment*. Ele era tudo para mim. Hoje não é mais”.

E a angústia frente ao desconhecido e o interdito — o sexo, a morte — tomará sua forma através do pavor à AIDS: “Sempre o medo e a vontade. Àquela época, você sabe, tudo era AIDS. Só se falava nisto em todos os lugares, na televisão e ainda Jorge me menosprezava.

Menosprezo, risos, escárnio... É também assim que relata uma visão que o apavora: vê o diabo rindo dele. Passará, a partir de então, a dormir de mãos dadas com a mãe, tal é o medo que o invade.

A metáfora do diabo como questionamento do desejo foi explorada por Freud em suas citações à *Fausto* e encontrou posteriormente uma seqüência na obra de Jacques Lacan. Trata-se de uma referência a um escritor francês chamado Jacques Cazotte que, em 1772, publica um conto considerado como um precursor do gênero fantástico chamado *O diabo amoroso*. Lacan tornou presente a novela de Cazotte, sem citar seu nome, através da pergunta com a qual o demônio se apresenta e que constitui seu eixo: *che vuoi?*

Também Lacan colocará esse *che vuoi?* no âmago do destino de cada sujeito, que, confrontado com todo um universo de desejos possíveis, terá que desaparecer optando por apenas um deles.

Paulo, possivelmente, não teve outra saída a não ser encarnar o 'menino meigo', falo imaginário desta mãe que aceitara ser durante tanto tempo alvo de toda uma violência por parte do marido. Violência que ele traduz: "Odeio meu pai. Penso em formas de matá-lo. Mas, uma coisa me preocupa. O que faria com o corpo?"

Podemos nos perguntar: o que deste corpo teria que permanecer velado? O que não pode ser aí evidenciado? Quando diz "não saber o que fazer com o corpo", já sabe de um impossível e daquilo que não pode ser apagado.

Repete a frase: "Não quero que me chamem de veado oferecido"; fazendo clara alusão à sua fantasia na qual é alvo de risos e de escárnio dos outros, até mesmo do diabo. Entretanto considero, no momento, precoce ir além nesta construção, já que o caso está ainda em seu início.

Para quem este adolescente tem que 'ser um homem'? O que significará para Paulo 'ser um homem'? Evidentemente, uma resposta a ser construída no curso da própria análise.

Wedekind, no último ato de sua peça, onde é discutida a questão da vida e da morte, faz surgir o personagem do Homem Mascarado. Moritz já morrera e é apenas um espectro. Incita Melchior para que este o acompanhe recusando assim viver. Mas este, depois de toda a intervenção do Homem Mascarado, lhe responde:

Melchior: Adeus, querido Moritz. Onde este homem me leva, eu não o sei. Mas é um homem (grifo nosso).

Homem Mascarado: No fundo, a cada um sua parte. Ao senhor (Moritz) a tranquilizadora consciência de nada possuir — a você (Melchior) a dúvida fraquejante sobre tudo. Eu vos digo adeus⁵.

E a nós, analistas, neste trajeto, também, nossa parte.

¹ ALBERTI, Sonia. *Esse Sujeito Adolescente*, p. 184.

² WEDEKIND, Frank. *L'éveil du Printemps*, p. 41.

³ Idem. p. 43.

⁴ Idem. p. 43 e 44.

⁵ Idem. p. 97 e 98.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

CAZZOTE, Jacques. *Le diable amoureux*. Paris: Libro, 1994.

WEDEKIND, Frank. *L'éveil du printemps*. Paris: Gallimard, 1993.

DEIXAR CAIR - DEIXAR CORTAR

Consuelo Pereira de Almeida

Membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise

Meu trabalho visa uma interrogação sobre a saída encontrada por um sujeito num momento de extrema angústia. É o caso de uma jovem de 16 anos que, após realizar uma tentativa de suicídio malsucedida, é encaminhada para atendimento numa instituição pública, na qual trabalho. C., como vou chamá-la, vem à primeira entrevista acompanhada de uma mulher, a quem chama e que se apresenta como sua mãe. Esta fala o tempo todo durante a entrevista. Conta sobre a tentativa de C. e mostra os pulsos desta. A paciente permanece imóvel, apática a toda aquela situação. Como elas não aparentam ter idades muito distintas, depois de algumas perguntas, se esclarece que a acompanhante é madrasta de C. Peço que saia e finalmente posso conversar com a paciente, que começa a falar de sua família saindo daquele estado de apatia. Ela me fala que tem dois irmãos. Uma irmã mais velha que, segundo ela mesma diz: “é o xodó de meu pai. Com ela, ele não faz nada”. E um irmão mais novo que é excepcional. Ela relata que a mãe apanhava muito de seu pai, inclusive durante a gravidez de C. Ela diz: “ele já batia em mim quando eu ainda estava na barriga de minha mãe, isto deve ter me afetado”. Sua mãe termina saindo de casa, mas seu destino já está traçado: arranja outro companheiro com o qual repete a mesma situação vivida com o pai de C. Depois que sua mãe vai embora, é C. quem sofre as agressões praticadas por seu pai. É ela a escolhida. Seu pai bate sua cabeça na parede, dá-lhe socos, pontapés, mas C. diante desta violência, só diz a seguinte frase: “O problema é que ele não sabe bater!”

Relembrando Freud em *Bate-se em uma criança*, o momento mais importante da construção da fantasia fundamental é ‘meu pai me bate’, construção esta feita em análise, que não pode chegar à consciência visto que foi totalmente recalçada. Se pensarmos também que Freud liga o verbo ‘bater’ ao significante ‘amar’, a frase desta jovem vem colocar, a céu aberto, aquilo que a fantasia poderia tentar recobrir. Mesmo assim, ainda ficaria o enigma: o que o Outro quer de mim? Neste caso a resposta já está dada, o Outro não quer nada, só quer gozar.

Voltando a seu relato, ela conta que algumas vezes fugiu de casa, ficando pela rua, mas como ninguém vai procurá-la, acaba voltando. Num destes episódios, pega um pedaço de vidro com o qual faz vários cortes em seu braço. Tal como Robert, o menino-lobo, que tenta cortar seu pênis, C. vem inscrever no real de seu corpo aquilo que, a meu ver, não está inscrito no simbólico.

Acha que não tem saída, a não ser a morte. Seu pai passou a viver com outra mulher. Esta tem um irmão por quem C. se apaixona. Começam a namorar e C. engravida. Depois das tentativas que faz para abortar ingerindo vários comprimidos, resolve ter este filho. Vai viver em outra casa com seu namorado. Agora tem sua própria casa para cuidar, coisas novas para fazer. Começa então a apresentar dificuldades e as brigas com o parceiro se iniciam. O que precipita sua tentativa de suicídio é justamente uma briga com o parceiro na qual é agredida. Neste momento, C. tem a visão de seu pai lhe batendo. É ele quem novamente aparece. C. sai de cena, pega uma faca e corta seus pulsos.

O ato, se tomarmos a definição em Lacan, é o rechaço do inconsciente que é exatamente o que é utilizado em *Televisão* para definir a psicose: “um rechaço do inconsciente que pode levar à psicose”. Lacan fala também que o ato não é um pensamento, ele está ali onde “eu não penso” ou lá onde “eu não sou”. A passagem ao ato está do lado do “não penso”, já o *acting-out*, está do lado do ‘não sou’.

Na passagem ao ato o sujeito cai fora da cena, pois está em sua forma máxima apagado pela barra e num momento de grande embaraço. O sujeito aí não é mais um significante que se representa para outro significante, mas é aquilo que dele escapa, identificado como objeto de gozo do Outro. Tal como a jovem homossexual que com seu ato rejeita o lugar outorgado pela lei do pai, identificando-se ao que cai — *Niederkommen* — a jovem C., numa posição de angústia total, preferiu se dar à morte, desistindo de um apelo ao Outro do saber. Diante da pergunta: “O que o Outro quer de mim?”, C. reduz o homem a um pai que não a quer, ou melhor, só quer bater, só quer gozar. Ela, então, só vê como saída deixar-se cortar.

Depois de três entrevistas, C. novamente cai fora, desta vez do tratamento. O que poderia se constituir num ato de entrada, mais uma vez é cortado.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- LAURENT, Éric. *Versões da clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- MENARD, Augustin. *Acting-out ou passagem ao ato?*. Falo, n.3, 1990. p. 89-94.
- MILLER, Gérard. *Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- QUINET, Antonio. *Clínica da Psicose*. 2. ed. Salvador: Fator Editora, 1990.
- _____. *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

ADOLESCENTES E TRISTEZA

Monica Damasceno

Correspondente da Seção-Rio da EBP

O que irrompe na adolescência e tem como resposta, em muitos sujeitos, um estado depressivo? A que vem responder uma certa tristeza, choros constantes, isolamento ou falta de vontade de fazer qualquer coisa, queixas que ouvimos na clínica? O que é aí chorado? De que o sujeito pode estar tentando se isolar?

É sobre essas questões que gostaria de pensar, trazendo dois exemplos da clínica.

“Aos 14 anos fiquei louca”

Cléo, 16 anos, vem para a entrevista dizendo não saber o que falar, só que sente solidão, chora muito e está sempre de mau humor. Está desanimada, sem vontade de fazer nada, levanta os ombros e fica em silêncio.

Pergunto se esse NADA a intriga. Diz: “Um pouco”. Conta que não vê o pai há bastante tempo, reclama de sua ausência, de sua falta de atenção. Porém, ressalta que isso “não tem nada a ver”, “não quero falar mais desse assunto”.

De sua mãe, diz que é muito atenciosa, disposta a conversar sempre que precisa, o que não a tranquiliza: “É legal, mas não resolve”. Continua: “Sei lá, não sei o que aconteceu comigo; aos 14 anos fiquei louca, não era mais a mesma. Antes eu namorava, me divertia com

isso, tinha um monte de namorados. Mas me apaixonei. Agora não acho graça nos garotos quando eles chegam perto de mim. Sei lá, falta alguma coisa, não tenho vontade de ficar com eles”.

Quanto à paixão, diz que não há a menor chance. Argumenta que encontra o rapaz poucas vezes no ano, pois mora em outra cidade e é noivo. No final da entrevista não está muito interessada em retornar, diz: “Não sei se quero falar dessas coisas”.

Essa moça continua vindo, com ausências entre uma entrevista e outra, com idas e vindas, do modo que pode. A depressão como resposta ao que o sujeito faz com seu desejo, ao não querer saber deste, fica patente nesse caso onde Cléo nos fala que não tem nada a ver. Queixa-se do outro, do pai que a deixa em falta, dos rapazes aos quais falta algo e da falta de sorte por ter um amor impossível.

A falta se apresenta aí, a falta de objeto adequado. Mas diz também, com seu saber, que “essas coisas não têm nada a ver”, apontando para um além “dessas coisas”, lugar do desejo. Se mantém seu desejo na insatisfação, aponta também para o insaciável que o caracteriza.

Aos 14 anos, como localiza, se afastou dos garotos; a diversão à qual se refere acabou, o sexo se torna uma questão: “Não sei o que houve comigo, acho eles muito enjoados”. Na histeria um estado depressivo, um lamento, pode vir no lugar de um trabalho diante da pergunta: “O que é uma mulher?”

A falta, desde sempre, do objeto adequado se resignifica na adolescência, onde o encontro faltoso se presentifica fortemente no encontro com o real do sexo. A não relação sexual irrompe para o adolescente nas decepções e incompletudes que se escancaram para o sujeito de todas as formas: na família, nas instituições, no amor, em seu corpo.

Alguns adolescentes se queixam com frequência de uma solidão, como nesse caso, uma solidão que, podemos pensar, corresponde a não relação sexual. Essa moça não quer conversar e, muitas vezes, nem ver ninguém, não quer nem mesmo ouvir a voz de alguém, fica irritada. O que esse encontro com o outro suscita?

A mãe presente e solícita “é legal mas não resolve”. Essa não adequação, essa dissimetria, talvez seja a razão do isolamento.

Um tom nostálgico se abate muitas vezes sobre os adolescentes em relação a um tempo que imaginam como melhor, a infância. Esta, sabemos com a psicanálise, não é nenhum paraíso, mas assim parece a Elton, um rapaz de 14 anos, um caso do qual passo agora a trazer pontuações.

“Eu só queria um computador, era tudo o que eu queria”

Elton é trazido pela mãe porque chora muito, está quase sempre em casa chorando. Vem para a entrevista e assim que começa a falar é tomado pelas lágrimas que rolam pelo seu rosto, e são tantas que mal pode secá-las.

Diz-se preocupar com as brigas dos pais e com os problemas financeiros da família, devido ao desemprego do pai: “Eu tinha quase tudo que queria, agora não posso ter mais; só o que *um real* pode comprar... eu só queria um computador...” Descreve a infância como um tempo em que brincava despreocupado, tinha muitos amigos e primos com os quais passava férias maravilhosas e, apesar de ver os problemas entre seus pais, não se ocupava deles, não entendia, não alcançava, não se dava conta.

O que Elton não pode mais deixar de se dar conta? Algo aí insiste e exige dedução do sujeito: “Eu só queria um computador”. Elton chora, entre outras coisas, a perda de uma infância imaginarizada, mas que agora certamente lhe parece mais protegida diante da tarefa que tem pela frente.

Despertar difícil esse que marca a adolescência, pois traz uma exigência ética que, se está aí desde sempre para o sujeito, nesse momento se acirra. Exigência ética frente a seu desejo, do que vai fazer com Isso. O *che vuoi?* na adolescência parece estar mais diabólico do que nunca, mais contundente, por ser esta marcada por um momento em que o sujeito deve responder por seu lugar no mundo, por seu desejo, por seu sexo, onde as garantias imaginárias sofrem abalos e um real se impõe como impossível de simbolizar.

Os dois adolescentes, dos quais trago algumas falas para ver o que nos ensinam, têm em seu discurso a questão do pai para pensarmos. Cléo solicita a presença de seu pai, seu amor, sua atenção, em forma de queixa, como se caso ele estivesse por perto ela não sofreria tanto. Elton chora um pai que largou o emprego e que é “uma pessoa cheia de problemas que eu não percebia quando era menor”.

A construção de uma versão do pai se faz necessária, pois não há mais como escapar da desidealização, do fracasso do pai em responder pela função paterna. É mais um trabalho que se impõe. O encontro faltoso com o pai, presente desde a infância, agora vem em consonância com o encontro com o real do sexo, com o gozo que irrompe. E é preciso, então, a construção de um Nome-do-Pai como ex-sistência, que não corresponde a nenhum nome próprio e toca o singular.

Lacan, no *Seminário 17*, nos diz:

A castração é a operação real introduzida pela incidência do significante, seja ele qual for, na relação do sexo... Trata-se agora de saber o que quer dizer essa castração, que não é uma fantasia, da qual resulta não haver causa do desejo que não seja produto dessa operação.¹

Certamente todos esses estados que descrevi a partir dos dois casos e que Lacan denomina, em *Televisão*², como afetos, depressão, tristeza, mau-humor, não são exclusivos dos adolescentes, mas caracterizam uma posição do sujeito frente ao desejo, onde Lacan

aproxima a depressão à covardia moral em Spinoza, como um certo rechaço do inconsciente.

Sonia Alberti, em seu texto onde trabalha a depressão³, vem ressaltar que essa é um afeto, como indica Lacan, que surge quando o eu quer evitar a determinação inconsciente; e lembra Freud quando ele diz que é pela inibição que a depressão se dá a conhecer. A inibição surge aí como fuga do eu diante do conflito com algo que lhe escapa para mantê-lo recalcado.

Penso que, para alguns adolescentes, um estado depressivo se trataria de uma certa 'retirada estratégica', por vezes necessária, até poder ser criada uma saída como sujeito desejante.

¹ LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17, O avesso da psicanálise-1969-1970*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. p. 121.

² LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

³ ALBERTI, Sonia. Depressão: o que o Afeto tem a ver com isso? Em *Atas das Jornadas Clínicas para o Corte Freudiano*. Corte Freudiano – Associação Psicanalítica, 1989.

DE GAROTO ESTRANHO A HOMEM MONSTRO

Silvia M. Freitas Targa

Membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise

Gostaria de trazer um fragmento do caso clínico de um adolescente de 14 anos, que nasceu com uma má-formação genital chamada hipospádia. O pênis é atrofiado, não possui o canal da uretra e seu orifício, ao invés de estar na extremidade do pênis, se localiza em sua base. Vem sendo submetido a várias cirurgias reparatórias desde os seis meses de idade e numa delas, por causa de um erro médico, perdeu um dos testículos. Durante a análise, ele teve que submeter-se a mais uma dessas cirurgias. Na sessão subsequente a esta, fez a seguinte construção:

É uma história de terror. Tem um garoto muito estranho e um homem que vira monstro. Este homem voltou para vingar no garoto o crime cometido pelo pai. O homem tem o rosto todo queimado, usa uma luva com os dedos rasgados e suas unhas se transformam em garras. Ele ri assustadoramente e se aproxima. O garoto acorda, foi só um pesadelo. O garoto vai a uma festa, encontra uma garota e se beijam. Quando estão quase transando ele sente que o monstro o domina, sai uma língua monstruosa de sua boca. A garota nem percebe mas ele foge.

“Ele foge por causa de sua língua monstruosa?”, pergunto. Ele responde: “Não. Acho que ele tem medo de mulher. O garoto se olha no espelho e dá um grito de horror, é o monstro que ele vê”.

O que a construção mítica deste sujeito adolescente enuncia é uma interpretação para o enigma da vida sexual, mostrando-nos a dimensão trágica e o terror deste encontro. Este garoto estranho que se transforma

em homem monstro diante da mulher paga pelo crime do pai. Trata-se de uma dívida da qual não se pode escapar e que é transmitida de geração em geração pelo pai, ele próprio, com suas luvas sem dedo, castrado e devedor. Mas o que o pai não pode transmitir é que entre um homem e uma mulher não há relação sexual.

Vemos, na construção deste paciente, o sujeito fazendo um apelo ao pai na tentativa de dar conta do impacto do gozo que o invade. Antonio Quinet nos fala da importância da questão do Pai como função simbólica na adolescência. Entretanto, "o pai será forçosamente incompetente para responder às questões cruciais do sujeito, tornando-se a partir daí imaginariamente culpado, pois estará sempre aquém da função que ele representa"¹.

A função do Édipo não é apenas permitir a identificação do sujeito com o seu próprio sexo, que se produz na relação ideal, imaginária com o pai. O verdadeiro objetivo do Édipo é situar o sujeito com referência à função do pai, isto é, "que ele próprio aceda um dia a essa posição tão problemática e paradoxal de ser um pai"². Estar no lugar do pai é uma assunção subjetiva que implica renúncia a seu próprio estatuto de criança. Como nos diz Sonia Alberti em *Esse sujeito adolescente*,

(...) quando um homem se torna pai (...) ele deve morrer na sua condição de criança para ceder essa condição a seu filho. Contrariamente às aparências, isso não é tão simples, a adolescência mostra justamente a dificuldade dessa travessia, e uma mudança de tal ordem só pode se dar se a relação com seu pai não foi reduzida à rivalidade imaginária da identificação narcísica³.

O pai não pode responder à falta da mãe. Ele não detém o saber sobre o que quer uma mulher. Esta pergunta "O que quer uma mulher?" que retorna para o sujeito na adolescência, já foi feita na infância no momento em que ele deixou a posição de falo

de sua mãe diante da incompletude dela. É através desta pergunta que vai então indagar sobre o próprio desejo⁴.

Este paciente portando uma lesão real no corpo consegue através de seu trabalho de análise remeter sua questão a um para além do seu *pathos* individual: a castração não é uma fantasia, é uma operação lógica de estrutura, da qual a causa do desejo é o produto, e o enigma do Outro sexo independe ou se articula à sua vicissitude pessoal. Não é por ter uma língua monstruosa que surge o temor d'A mulher. Podemos situar aqui um ponto de opacidade não recoberto pelo mito. É justamente nestes pontos de falha onde se dará o trabalho de reconstrução da fantasia numa análise. Não é por ter um pênis mutilado, "todo cortado e costurado" como ele diz, que não poderá investi-lo com valor fálico. Pois, na verdade, o homem não possui o falo, ele tem um pênis investido com valor fálico.

O desejo aqui emerge indestrutível, justamente após o momento traumático em que seu pênis mutilado é submetido a mais uma intervenção. O mito que constrói em análise é uma interpretação desse desejo despertado na adolescência, desejo desconhecido, ameaçador, que enlouquece o sujeito e o transforma em homem monstro.

¹ QUINET, Antonio. O despertar do adolescente. Prefácio a *Esse sujeito adolescente*, ALBERTI, Sonia. Rio de Janeiro; Relume Dumará, 1996. p.10.

² LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: Relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p.208.

³ ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996. p.175-176.

⁴ KEHL, Maria Rita. *O que um Homem quer Saber? Sobre o desejo masculino*, Ágalma, 1995. p. 106.

O MONSTRO NERVOSO

Maria Helena Martinho

Membro aderente da Escola Brasileira de Psicanálise

Neste trabalho tratarei de trazer à tona o relato de fragmentos de um caso clínico de um sujeito de 13 anos que, em especial, vai contra todos os estereótipos da adolescência.

Ele se apresenta como o “estranho no ninho”, o excluído do bando. O que não traz questões sobre sexo, o que não fala, não reivindica. Ingênuo como um bebê, grande e forte como um monstro que ataca, prestes a matar, queixa-se sobre seu sintoma: “ficar nervoso”. Quando ‘fica nervoso’ qualquer coisa transforma-se em um arsenal bélico: canos, varas, barras de ferro; seu punho, braço, seu próprio corpo. Enquanto emudecido diante do querer saber e submetido à autoridade e invasão dos pais, acomoda-se no seu sintoma. Vem porque enforcou um colega, que por pouco não morreu. “Ficou nervoso”. Mero apreciador da vida que espreita de longe não se inclui, não se implica, simplesmente espera que a vida passe, já que não tem nada a perder. É falado pela mãe, com exagero, que é grande e forte, porém é contraditoriamente tratado por ela como um bebê indefeso, posição que ele assume sem discordância. Seu amigo predileto, o videogame, o coloca cara-a-cara com seus fascinantes jogos mortíferos: sangue, lutas, golpes, cabeças que rolam, pessoas que voam, tripas que saem, mortes violentas, deslizam numa fala de satisfação e prazer. A fúria contrasta com a ingenuidade. Sua fala denuncia uma extrema infantilidade: risadas sem graça pontuam o final de cada frase. Gestos e sons do tipo “bum, pá, vupt, zum” substituem as palavras. Visto pelos seus pares como “boiola”, o grande e bobo, é motivo de piadas e ridicularizações.

Entra em análise e sob transferência inclui a analista em seu sintoma. A analista, que fica na escuta dos detalhes minuciosos de seus jogos mortíferos, é para ele um companheiro — aparentemente não está ali presentificando na transferência uma questão com a mulher. Durante seu percurso de análise não toca em questões relativas a sexo. Onde fica a sexualidade de um adolescente que não fala sobre sexo?

Certa vez riu muito da cara da mãe, o que associou a um filme, *Quem vê cara, não vê coração*, “encenado por aquele garotão que fez *Esqueceram de mim*”. Relaciona o nome do filme a um monstro com uma cara horrível, mas de bom coração, do qual as pessoas se afastam. Ainda em associações lembra do seu cachorro: “ele é grande e forte, mas um bobo, não faz mal a ninguém”. Descreve a morte de dois cachorros: “A doença começou na barriga e foi parar na cabeça”. Preocupa-se com a possibilidade de ficar maluco. Se a questão do adolescente é referente ao corpo, corpo que está em mudança, como fica para ele ver-se e ser visto como um monstro?

No que diz respeito ao seu corpo, ele revela três posições intoleráveis: o corpo imaculado de bom coração, mas que surpreendentemente transforma-se num monstro que ataca. O corpo que é frequentemente contrastado com o do seu irmão caçula, seu rival, o magro e fraco, desenganado pelos médicos, que deve ser protegido, inclusive por ele. O corpo que é descrito pela mãe como sendo de um homem, o grande e forte, mas que é manipulado por ela, como sendo o de um bebê, o qual bolina, apertando suas bochechas em público, humilhando-o enquanto indaga: “ele não é lindinho, tão fofinho, tão bonitinho da mamãe!?”

Diante do impossível de suportar — a submissão à mãe invasora, a qual ele não consegue barrar — emergem duas possibilidades: aprender japonês e, quem sabe um dia, ir morar no Japão, do outro lado do mundo, ou aguardar a morte da mãe: “quando ela morrer eu vou poder fazer o que eu quero”.

No *Rascunho N* de 1897, Freud diz: “Os impulsos hostis dirigidos contra os pais (o desejo da morte deles) são também parte integrante na constituição das neuroses. Eles manifestam-se conscientemente como idéias obsessivas”¹. Enquanto aguarda pacientemente a morte da mãe, dorme horas a fio ou joga videogame. Assim, diz ele, “o tempo passa mais rápido”. Na dialética hegeliana, sabemos que é imaginando a morte do senhor que o escravo pode suportar a vida. ‘Quando o senhor morrer, eu finalmente viverei livremente’, diz o escravo. Emerge para mim uma questão: o que faz com que este adolescente anuncie que o que espera da vida é esperar a vida passar?

Sabemos que o obsessivo quando se depara com a questão do ‘quem sou eu?’, rejeita a pergunta ‘que queres de mim?’, procurando mortificar seu próprio desejo. Esta falta de desejo atesta sua alienação ao Outro, com o qual está sempre às voltas, sem dele poder se separar.

Enquanto localizado como o bebê-monstro no desejo da mãe, responde ao sintoma dos pais, mortificando seu desejo de vida. Se a vida não é uma questão para ele, tampouco o é a morte. “Sou um nada, um ninguém, pouco me importa”. “Morreu e pronto”. “Tudo acaba com a morte”. “Não tenho nada a perder com isto”. Ele, que nunca chora, mesmo diante da morte, diz que isto só acontece quando sente dor ou quando fica nervoso.

Freud escreve que o neurótico obsessivo é mais bem protegido do perigo do suicídio porque transforma os impulsos de amor em impulsos agressivos contra o objeto. O eu do obsessivo passa o seu tempo procurando meios de apaziguar tanto o isso mortífero quanto o supereu que o castiga. As tendências agressivas chegam a seu objetivo através de uma autopunição, o que seria uma forma de suicídio bem mais sutil².

Viver a vida sem nada esperar dela parece ser a forma que ele encontrou de fazer um suicídio branco. Em contraposição ao suicídio branco

que é sua vida, está a violência do seu sintoma: ele fica nervoso e “vira monstro”. E quando ‘vira monstro’, passa ao ato. Relata que esses atos se repetem desde a época do jardim de infância. Fala com detalhes sobre cada um deles, obedecendo à cronologia dos fatos: o primeiro deles foi quando empurrou com o pé a cadeira em que um menino estava sentado e este voou com a cadeira e tudo. De outra vez saiu dando cadeiradas nas pessoas à sua volta. Num terceiro episódio, relatado por ele como um marco de maior importância, pois acha que aí foi onde tudo realmente começou, conta que um moleque chutou o ‘saco’ de seu irmão. Em defesa a ele, saiu em perseguição do moleque com uma vara. Em outra ocasião, o ocorrido foi dirigido ao irmão que implicava com ele. Armou-se com o próprio punho e encenou um soco certeiro na cara dele, mas, em frações de segundos, desviou o murro que certamente lhe quebraria o nariz e socou a parede. De outra feita pegou um cano, que estava à vista, para bater num “moleque” e apareceu alguém que evitou a tragédia.

Descreve o último episódio, o enforcamento de um colega, motivo de sua vinda: “Ele implicou comigo, eu consegui levantar o moleque, não sei bem como, em minhas costas, preendi a cabeça dele nos meus braços numa gravata, quando ele estava quase sem ar, foi salvo pela multidão”. Ele descreve, em seqüência, o que acontece quando ‘fica nervoso’: “Alguém me sacaneia, abaixo a cabeça, quando levanto choro, e ao mesmo tempo fico nervoso, avanço em quem me sacaneou, os outros correm e tentam me segurar. Na maioria das vezes, não lembro o que aconteceu. Quando tudo acaba fico pensando, não tenho raiva do moleque que me sacaneou, continuo lidando com ele normalmente”.

Para Lacan o ato não é um pensamento, ele está ali onde ‘eu não penso’ ou lá onde ‘eu não sou’. Em 1967, Lacan fornece elementos que nos permitem situar a oposição entre *acting-out* e *passagem ao ato*, porém na clínica esta distinção teórica nem sempre é tão evidente. Lacan diz que a *passagem ao ato* é consequência última da alienação e o *acting-out* é portador de uma mensagem e clama por uma interpretação. Não existe *acting-out* somente no decurso

de uma análise, mas é a partir das análises e daquilo que aí se produz que ele pode ser isolado e diferenciado da passagem ao ato³. Se o ato vem fazer um corte simbólico no real, a passagem ao ato vem sob forma de subtrair o sujeito do registro simbólico para colocá-lo no lugar do real. O sujeito aí não é mais um significante que se representa através da associação para outro significante, mas é aquilo que do sujeito escapa à simbolização, identificado ao objeto *a*. Ao passar ao ato, o sujeito rompe com aquilo que o mantém enquanto tal, ele sai de cena. Ao contrário, o *acting-out* consiste em mostrar a cena, representar uma história em ação. Um apelo ao Outro como forma de mensagem.

Neste caso, a passagem ao ato é anterior à análise, o início do tratamento marca para ele a extinção do seu sintoma. “Desde que eu vim para cá, nunca mais fiquei nervoso”, diz ele. Alguns meses se passaram, quando os pais decidem interromper o tratamento. Uma justificativa esfarrapada ericobria que, na verdade, eles davam-se por satisfeitos pelo fato do filho nunca mais ter ficado nervoso, o que precipita a saída do tratamento. Retiram-se agradecidos anunciando a possibilidade de um dia retornarem.

Na volta às aulas, após o período de férias, ele endereça uma mensagem à mãe: utilizou uma barra de ferro, encontrada no colégio, como arma contra um colega. A diretora tentou intervir e foi levantada por ele com barra de ferro e tudo. A mãe, apesar das ditas impossibilidades de trazê-lo, não duvida. Retorna com ele para a análise, um mês após a interrupção do tratamento. Aqui, ao contrário dos atos anteriores, podemos observar um *acting-out* endereçado à mãe, mensagem interpretada por ela como “isto não pode ficar assim”.

Questiono-me até que ponto a ereção da sua raiva não vem no lugar de uma ereção de desejo pela mãe, por essa mãe incestuosa que vive a bolinar seu corpo e que revela que, quando ele arrumar uma namorada, não suportará a perda do filho. “Não terei como competir com uma juvenzinha, bonitinha e cheirosinha. Vou precisar de análise”, diz ela.

Se a função paterna é dada desde o início, estruturando o sujeito como desejante, é porque o pai vem barrar o desejo da mãe. Isto induz a identificação com o pai, ideal do eu; o pai é o único que tem o falo. O pai do neurótico não está à altura dessa tarefa, há sempre uma carência do pai. O pai deste menino-adolescente é um pai fraco, insuficiente para barrar essa mãe incestuosa, invasora. Cede a cama para os filhos, não resolve nada e também perde o controle, fica nervoso, soca paredes e portas com o punho cerrado, a ponto de quebrá-las. Só cria problemas. Esse pai tem dificuldades em barrar o acesso à mãe, fazendo com que seu filho tenha que procurar um substituto mais forte e mais fálico: virar monstro, mesmo que isso limite a sua existência.

Na adolescência é possível observar, devido às desidentificações com os pais imaginários, uma tentativa de completar a operação da castração do Outro, operação de separação. As travessias muitas vezes são longas e levam mais tempo que a faixa etária.

No caso deste sujeito em questão, onde poderíamos ver este momento de separação? Pelo que parece, o trabalho psíquico referente ao desligamento da autoridade dos pais ainda não se deu. É difícil dizer quando esta travessia termina, a não ser pelo particular do percurso de vida de cada sujeito. Neste caso, em especial, parecia-me igualmente difícil dizer se a adolescência já se iniciara.

Em sua última sessão, na qual ele anuncia sua saída da análise por considerar-se curado, diz:

Vou arranjar uma cachorra pro meu cachorro cruzar. Ele está com o pênis inchado e com pus. Isto é tesão. Ele é o segundo maior cachorro do mundo e só pode cruzar com cachorra da mesma raça, porque do contrário, ela não suportará os filhotes na barriga, porque eles são muito grandes.

Pela primeira vez, em quase dois anos de análise, fala sobre sexo, tesão. Será que a ereção da raiva passa agora a tomar outro rumo? Desde que iniciou sua análise nunca mais ficou nervoso, por isto se

considera curado. A ereção da raiva do monstro raivoso parece agora poder deslocar-se, abrindo a possibilidade da ereção do desejo por uma mulher, contanto que seja de igual porte, tem que ser grande, para comportar seus filhotes na barriga.

Na saída da análise, ele me anuncia o despertar do desejo, a entrada na adolescência.

¹ FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., v. I, p.344.

² Idem, ibidem, v. XIX, p.70.

³ MENARD, Augustin. Acting-out ou passagem ao ato. *Falo*, n° 3, p.89-94, 1988.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

FREUD, Sigmund. Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos-1886-1899. *Obras Completas*., v. I, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1977.

_____. Três Ensaio sobre Sexualidade-1905. Op.cit., v. VII.

_____. O Ego e o Id-1923. Op. cit., vol. XIX.

_____. Uma Neurose Demoníaca do Século XVII-1923. Op. cit., v. XIX.

LACAN, Jacques. *Escritos*, livro 2, 1966. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1971.

_____. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise - 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MENARD, Augustin. Acting-out ou Passagem ao Ato. *Falo - Revista Brasileira do Campo Freudiano*, ano II, n° 3, Salvador: Editora Fator, 1988.

ADOLESCÊNCIA TEM FIM?

Glória Justo S. Martins

Correspondente da Seção-Rio da EBP

Se o ingresso na adolescência é marcado pelo despertar da primavera do desejo, como demarcar o seu fim? Na prática analítica, poderíamos diferenciar o sujeito adolescente do sujeito adulto? Sem dúvida, esta é uma questão em aberto.

Não encontramos explicação para a adolescência em Freud e Lacan, aliás adolescência não é um conceito psicanalítico, mas em seus textos estão presentes os fatores que levam o sujeito a se identificar com a adolescência¹. Freud utilizou recordações infantis e relatos dos sonhos de seus pacientes adultos para desenvolver a Teoria da Sexualidade Infantil. No entanto, é comum ouvirmos de adultos em análise a queixa do sujeito de seguir sendo adolescente e referir-se, com igual fascinação, no lugar da novela familiar de Freud, à novela familiar de sua adolescência².

Vejamos, então, recortes da análise de uma jovem tímida, de fala trêmula e indecisa, a quem dei o nome de Clara. Seus cabelos longos, lisos e oleosos caem sobre seu rosto. Talvez para esconder sua pele clara e marcada por acne e espinhas, disfarçadas com maquiagem quando sai com rapazes. Quanto ao aparelho fixo nos dentes me diz, que não pode disfarçá-lo quando beija. Enfim, em toda sua aparência, uma adolescente típica.

Freud não diferencia adolescência e puberdade, compreendendo ao lado do termo biológico, todas as transformações corporais e psíquicas envolvidas neste período. A puberdade para Freud mostra-se com todos os caracteres de um sintoma: manifestação de uma luta relançada

contra as pulsões parciais, onde a batalha está no auge, no ponto em que o sujeito deve identificar-se aos ideais do sexo³.

Clara procurou análise por sua própria vontade, pois sente-se rejeitada, apresentando problemas graves de relacionamento com a família. Seu relacionamento com a irmã um ano mais velha, é marcado pela “indiferença e disputa constante” em relação aos pais. As duas irmãs viveram sua infância num casarão, em centro de terreno, de difícil acesso e sem vizinhança próxima. Até os 11 anos só tinham contato com colegas na escola e eram impedidas de assistir novelas, tendo que dormir às 20 horas.

No início de sua puberdade, nasce seu irmão mais novo. Mostra-se desapontada, não contava perder o lugar de caçula. Após o seu nascimento tudo ficou mais difícil para as duas jovens, enquanto para o filho homem tudo era proporcionado. Clara só lamenta: “ele pode tudo, tem tudo, é o reizinho tirano da casa”.

Aos 17 anos, Clara perde a virgindade com um amigo que freqüentava sua casa e este amigo desaparece após o episódio. Nesta época, já morava num bairro movimentado; tinha amigos na rua e começa a sair, chegando às 5 horas da manhã. Quem a espera é sempre a mãe, nunca o pai, o que lhe aborrece muito. “Ele não se importa, está sempre dormindo”.

No *Seminário 20, Mais, ainda*, Lacan ressalta que a relação sexual não existe e sim o ato sexual. Mas quando o sujeito apresenta a conjunção de todas as pulsões parciais ao redor da genitália, no momento da maturação, é que as fantasias adormecidas durante a latência reaparecem na puberdade, reaparecendo também como um encontro traumático revelando-se como impossível. É aí que Clara depara-se com a conjunção do real do sexo e a responsabilidade do ato, quando deixa de ser virgem.

Clara começa a namorar um rapaz que mora numa cidade distante. Escreve uma longa carta a seu pai, quando é proibida por ele de viajar para encontrar o namorado. Nas cinco páginas escritas à mão, descreve

os motivos que provam não ser mais uma “criancinha” e foge para o tão esperado final de semana. Ao retornar, encontra o pai indiferente não lhe dirigindo a palavra por uma semana. No final de semana seguinte, é a vez do namorado vir ao seu encontro. O pai entrega à filha a chave de um apartamento de veraneio da família, para o casal de namorados.

Surpresa com a atitude do pai, Clara só pensa em aproveitar o tempo perdido com tantas proibições e restrições. Após a carta, os pais não ousaram mais impedi-la. Mas, o que fazer agora? Clara mostra-se perdida com a posição do pai e mergulha em relações com rapazes na procura de “alguém que a valorize, que não a deixe em segundo plano, que a tome como prioridade”. Nesta busca, Clara sofre decepções e não se preserva.

Assim como o pai da jovem homossexual de Freud, o pai de Clara dá um filho homem à mãe. É o período de sua puberdade, onde Freud assinala a reedição normal do complexo de Édipo. A jovem homossexual fica furiosa e ressentida, afastando-se do pai e dos homens. Renuncia a sua feminilidade e permanece homossexual em desafio ao pai, de quem também se aproxima, quando leva-o ao desespero.

Clara, ao contrário da jovem homossexual, mantém-se presa ao pai. É no momento da mais intensa comoção que mostra sua vida sexual, endereçando a carta a quem se endereça a mostraçã. Através do *acting-out*, fugir de casa deixando uma carta reveladora, Clara ‘deixa-se cair’, fazendo apelo ao pai, na tentativa de que barre o impacto do gozo que a invade. Freud afirma que a histérica não se deixa cair por acaso, associando a queda às fantasias inconscientes. No encontro com o real do sexo, Clara transforma em ato o desejo edípico. Provoca o pai para que interdite sua vida sexual, a vigie, a guarde, mostrando, por seus cuidados, que a ama.

Como transformar-se em adulto? Nas civilizações antigas a adolescência não era um problema, o sujeito se casava. Na antiguidade os jovens eram agricultores ou faziam a guerra. Portanto, o amor e o trabalho demarcavam o corte entre a infância e a idade adulta⁴.

Não existe um ato que transforme o sujeito em adulto, com exceção dos ritos de iniciação. Na sociedade contemporânea encontramos um intervalo cada vez maior entre a criança e o adulto. As condições econômico-sociais e o enfraquecimento da função do pai na sociedade atual são alguns dos fatores que levam a isso⁵.

Voltando à jovem Clara, a infância é o protótipo da satisfação, que é sempre insatisfeita. A criança presa e vigiada queixava-se do excesso de zelo dos pais, que supunha estar por trás das proibições. A adolescente "largada" faz um apelo ao pai, através da exibição de sua vida sexual: chega às 5 horas da manhã, escreve a carta reveladora e foge de casa no final de semana. O pai falho responde do lugar de onde Clara não quer que ele fale, entregando a chave do apartamento para encontros com o namorado.

Duplamente traída pelo pai, que dá um filho à mãe e lhe dá a chave da responsabilidade de sua própria vida sexual, só lhe resta buscar de rapaz em rapaz algum que lhe dê a prioridade que ela própria não consegue se dar.

A entrada em análise leva Clara a dar-se conta de que "ali é ela quem tem que falar". Talvez isso marque o início de um tempo em que Clara possa responsabilizar-se por sua vida e seus atos. Mas será que está preparada para responsabilizar-se por seu gozo? Se o sujeito nunca está preparado para assumir esta responsabilidade, como falar de sujeito adolescente e sujeito adulto? Existem pessoas pequenas e pessoas grandes. Pessoas que crescem em análise, responsabilizando-se por seu destino. Esta jovem adolescente tem, no momento, 24 anos.

¹ ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*, p. 56.

² COTTET, Serge. Estructura y novela familiar en la adolescencia. *Registros Psicoanálisis y adolescencia*, tomo verde, ano 5, p. 10, 1996.

³ COTTET, Serge. Puberdade Catástrofe, *Transcrição*, n.4, p. 102, 1988.

⁴ GUERBEROFF, Catalina. Que no ignora ya sus fines, *Registros Psicoanálisis y adolescencia*, tomo verde, ano 5, 1996, p. 22.

⁵ Idem, Ibidem, p. 21.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

COTTER, Serge. Puberdade catástrofe. *Estudos Clínicos*. Transcrição, nº 4 1988, p.101-106.

_____. Estructura y Novela Familiar en la Adolescencia. *Registros Psicoanálisis y adolescencia*. Tomo verde, ano 5, 1996.

FREUD, S. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade-1905. *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. v. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

_____. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher -1920. *Op. cit.*

GUERBEROFF, Catalina. Que no Ignora ya sus Fines. *Registros Psicoanálisis y adolescencia*. Tomo verde, ano 5, 1996.

LACAN, Jaques. *O seminário, livro 4 : a relação de objeto*. 1956-1957. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. *O seminário, livro 20 : mais, ainda*. 1972-1973. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

MENARD, Augustin. *Acting-out ou passagem ao ato? Falo*, n.3, 1990. p. 89-94

“EU NÃO VOU LER!” UMA ADOLESCENTE DÉBIL?

Andréa Vilanova

Residente de Psicologia Clínica NESA-UERJ

Encaminhada pela clínica médica para um parecer, Alice, como escolhi chamá-la, tinha 14 anos ao chegar no ambulatório para tratar de um quadro de enurese sem causa orgânica. Na apresentação da paciente, o médico não poupou predicados para caracterizá-la: “atrasada, com *déficit* de desenvolvimento psíquico e intelectual”.

Ao vê-la pela primeira vez, não me surpreendi com suas manifestações pueris e seu aparente alheamento à situação de entrevista que se estabelecia, na medida que sua mãe ia tecendo uma breve história da “menina que parece que não cresceu”. A senhora queixava-se do “comportamento infantil” da filha, no qual a enurese entrava apenas como mais um dado, além do fato de só querer brincar com crianças pequenas ou sozinha com as bonecas. O que parece mais importante, ressaltado pela mãe, é que Alice não conseguia aprender a ler, o que justificava sua matrícula numa “turma para alunos atrasados, com deficiências”. No decorrer da entrevista, a mãe da menina, após descrevê-la, formula um veredicto: “Pra mim ela é retardada”. Revela, ainda, que chama sua filha de *Baby* desde que era bebê. Parece que a mãe de Alice não percebeu que já se passaram mais de treze anos. A Associação Americana para Deficiência Mental (AADM) define retardo mental como referido ao funcionamento intelectual, que se manifesta durante o período de desenvolvimento e se caracteriza por uma inadequação adaptativa. Segundo as especificações propostas, parece que Alice responde desse lugar que lhe foi determinado pelo médico e por sua mãe.

Para a psicanálise, não importa tanto o que se vê, mas o que se ouve daquilo que o sujeito diz, sem se dar conta, do que lhe escapa na ambigüidade do próprio significante.

Um engodo dos sentidos parece ser o que vem sustentando esse olhar da medicina sobre Alice. Um olhar acusador que não permite sequer o direito de defesa, já que o diagnóstico médico cala o sujeito, que se vê capturado numa classificação que condensa e determina normas de comportamento. Identificada a esse lugar, Alice resiste a falar, a colocar-se, o que promove longos períodos de silêncio durante as entrevistas iniciais, nas quais brincava com bonecos, balbuciando coisas incompreensíveis. Ainda sem pistas, não havia qualquer elemento para compor uma hipótese. Eu permanecia em posição de alerta, aguardando.

Suas primeiras colocações pontuavam uma recusa a admitir qualquer saber: “Não sei o que aconteceu”; “não sei porque não sei ler”; “e quero que alguém me diga”; “não sei de nada, minha mãe sabe tudo sobre mim, pergunte a ela”. Assim, seu discurso trouxe um dado novo que fez cair a imagem de debilidade que a fenomenologia indicava. Alice não quer saber!

“Sabe, eu perdi a memória”. E é falando do esquecimento que vai construindo o percurso de perdas que viveu. Diz não lembrar-se do pai, “ele foi embora há muito tempo”. Quando pergunto como isto aconteceu, ela recua: “não sei de nada, quero ir embora”. Parecia que as entrevistas causavam angústia e a perda era um ponto crucial.

Continua vindo com frequência, falando e revelando perdas diante das quais protestou com a ignorância. O analfabetismo vai se constituindo como sintoma analítico à medida que a transferência vai se estabelecendo. Incansável em questionar-me sobre minha vida, minha família, pede pistas acerca do lugar onde coloco meu desejo. Alice vai buscando respostas através de mim supondo-me num lugar de saber. “Vai, pergunte, pode perguntar o que quiser, você sabe tudo de mim”.

A perda do pai, que afastou-se da família quando a menina estava com menos de um ano, foi consolidada pelo completo desaparecimento quando ela contava cinco ou seis anos. “O meu pai foi embora por que minha mãe mandou ele embora. Eles brigavam pra valer, aí eu esqueci tudo”. Nesta época, Alice acompanhava sua mãe que trabalhava, como empregada, numa casa de família, onde “tratavam a menina como filha, a patroa dava presentes, gostava muito dela”. Mas esta família, também, resolveu ir embora e Alice perdeu tudo, inclusive a escola onde estava concluindo a alfabetização com sucesso. Nas sessões, relembra os passeios com a patroa de sua mãe e os presentes que ganhava dela. Sua mãe, então, resolveu deixá-la na casa dos avós maternos, matriculando-a num colégio “mais barato”. Alice gostava muito do avô, segundo conta. Era alguém muito próximo, “carinhoso, que a levava a passear, comprava doces...” Com relação à escola, as coisas não iam bem. Sua mãe pensava que a dificuldade na escola fosse “preguiça” e, então, não a poupava de surras frequentes, para que aprendesse. “Eu não vou ler!”, gritou numa dessas ocasiões. Não demorou muito para que o avô com problemas cardíacos viesse a falecer, o que ela conta com muita tristeza. Passou a morar permanentemente com sua mãe, que decidira parar de trabalhar por indicação médica, pois estava com “problemas de nervos”. Mas elas não ficaram sozinhas. “Um dia minha mãe chegou em casa com ele, vindo do médico e ele nunca mais foi embora”. Sua mãe casara-se novamente.

Nesta época do tratamento, Alice já não trazia mais a enurese como queixa. “Sabe que eu parei de fazer xixi na calça!” Parecia surpresa com a constatação. Afinal, esse era um dos pontos de justificativa para os médicos e para a sua mãe do seu “retardo”. Mais surpresas estavam por vir, pois seu trabalho de análise avançava. Falar do pai se tornara possível, não precisava mais excluí-lo, ao contrário, começava a reconhecê-lo, inclusive no nome que lhe dera, pois a escolha havia sido dele. “Sinto muita falta dele, não sei onde está ou o que aconteceu com ele. Meu pai está separado de mim... Será que ele me ama?” Começa a desfiar um rosário de lamentos: “Sou burrinha, sou feia e chata. Ninguém gosta de mim. As minhas primas me tratam como um cachorro, passam por mim e nem falam comigo”.

Alice já consegue dialetizar o lugar — *Baby* — a que estava completamente identificada, ao reconhecer-se noutro lugar: “Eu finjo de criancinha pra minha mãe, mas por dentro... Porque bebê é tratado com carinho, beijinhos e mocinha leva é porrada”.

Não colocar em risco o amor de sua mãe parecia valer qualquer sacrifício, até a mortificação de seu desejo. Traz um sonho: havia pessoas ao seu redor, mas não podia ver seus rostos, estava escuro, apenas conseguia ver seus dentes. Espancaram-na até pensarem que estava morta, mas, na verdade, estava fingindo. Alice fala de uma face devoradora do desejo materno. A sustentação que lhe confere seu lugar no desejo da mãe coloca-a diante da questão: como ser sozinha? Como proceder esse afastamento sem o qual não poderia sair da devastadora alienação em que se encontrava?

Apesar da hesitação que, com frequência, a levava a pedir para ir embora, Alice, sustentada na transferência, não desiste. Chega um momento em que seu pedido para sair da sessão, nos momentos de angústia, adquire uma outra dimensão. A enunciação de seu discurso aponta para o desejo de ocupar um outro lugar. A promessa de amor da análise a faz avançar na conquista de seu desejo. “Hein moça, posso ir embora?”, pergunta Alice durante as sessões. Considerando “hein” uma interjeição que denota um certo espanto, ou ainda, que se usa quando não se ouviu bem algo, parece tratar-se de uma questão que dirige a si mesma. Há algo de seu desejo que não está conseguindo ouvir. Já não se trata, portanto, de querer sair da sala. Esse enunciado pode ser considerado como indicando um momento de retificação subjetiva. Entre *Baby* e moça uma tensão se estabelece. Alice começa a falar nos meninos, conta episódios em que foi paquerada e se esquivou: “Sabe, sou 0 km, nunca namorei ninguém”. Parece que a moça quer se estabelecer. Num determinado momento interpreto: “Parece que o bebê já pode ir”, ela grita, então: “Ai, eu não aguento”.

Nas sessões seguintes, algo se apresenta diferente. Sua postura dá o tom deste novo momento, que até na voz se manifesta. Alice já não

fala mais como uma criancinha. Suas construções se sucedem e ela desperta para a curiosidade sexual, desperta para o Outro sexo. À medida que se questiona sobre sua origem: “Como será que eu nasci?”, “Como se nasce?”, Alice começa também a se excitar com os namoros das primas, ‘os amassos’ que observa pelas frestas da janela. Fala nos relacionamentos amorosos como um ideal a ser conquistado, mas já vai constatando o impossível deste encontro nos desencontros dos amores que assiste, e nos seus próprios investimentos não correspondidos.

Como não poderia deixar de ser, ela dá um salto no rendimento escolar, o que a leva a ser transferida para uma turma do curso regular, pois “a leitura está voltando”, para surpresa da psicóloga da escola que havia vaticinado: “Alice nunca vai conseguir aprender a ler devido à sua deficiência”.

Últimas considerações

Ao falar na soberania da clínica, Lacan faz um convite. Tomada sempre caso a caso, a prática do analista oferece surpresas. A fenomenologia com que o paciente se apresenta deve ceder lugar à articulação de seu discurso, que é a nossa via de acesso ao sujeito. Para tanto, observar não basta, deve-se fazer falar e, para isto, implicar-se. É por isso que, em psicanálise, o diagnóstico só pode ser estabelecido a partir da transferência e no caso de Alice não há dúvidas: sua estrutura é histérica. A dinâmica de seu desejo se insinua na atribuição ao Outro de um suposto saber daquilo que ela própria se esforça por ignorar. Queixa-se de falta de amor, investindo-se como objeto desvalorizado. Dirige sua demanda de amor ao objeto de desejo do Outro, o que implica na alienação subjetiva da histérica frente ao desejo do Outro. Nesse lugar, ela vai buscar suas identificações que, vacilantes, permitem-lhe questionar o lugar que ocupa. Sempre numa dialética de saber/não saber, a histérica *finje* que ignora aquilo que sabe, como num jogo de máscaras, onde *pode se fazer* representar por todas, e sabe que é nenhuma.

Referências bibliográficas

- LACAN, Jacques et alii. *A querela dos diagnósticos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1968.
- QUINET, Antônio. *As 4+1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- TELFORD, C. W., SAWREY, J. M. *O indivíduo excepcional*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1984.